

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

ANTÔNIO ANANIAS NOGUEIRA NETTO

**TERRITORIALIDADES DOS CORPOS LGBTQIA+ NO SUL DE
MINAS: UMA ANÁLISE DOS MUNICÍPIOS DE ALFENAS E
POUSO ALEGRE**

ALFENAS/MG

2024

ANTÔNIO ANANIAS NOGUEIRA NETTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**TERRITORIALIDADES DOS CORPOS LGBTQIA+ NO SUL DE
MINAS: UMA ANÁLISE NOS MUNICÍPIOS DE ALFENAS E
POUSO ALEGRE**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise Sócio-espacial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Unidade Educacional Santa Clara

Nogueira Netto, Antônio Ananias.

Territorialidades dos corpos LGBTQIA+ no Sul de Minas: Uma análise dos municípios de Alfenas e Pouso Alegre / Antônio Ananias Nogueira Netto. - Alfenas, MG, 2024.

140 f. : il. -

Orientador(a): Flamarion Dutra Alves.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2024.

Bibliografia.

1. Sexualidade. 2. Territorialidade. 3. Corpo-Território. 4. Vulnerabilidade. I. Alves, Flamarion Dutra, orient. II. Título.

Ficha gerada automaticamente com dados fornecidos pelo autor.

ANTÔNIO ANANIAS NOGUEIRA NETTO

**TERRITORIALIDADES DOS CORPOS LGBTQIA+ NO SUL DE MINAS: UMA
ANÁLISE DOS MUNICÍPIOS DE ALFENAS E POUSO ALEGRE**

O Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise sócio-espacial e ambiental.

Aprovada em: 27 de fevereiro de 2024.

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves
Presidente da Banca Examinadora
Instituição: Universidade Federal
de Alfenas - UNIFAL-MG

Prof. Dr. Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde
Instituição: Universidade de São Paulo - (USP-SP)

Prof. Dr. Jorgeanny de Fátima Rodrigues Moreira
Instituição: Universidade Federal do Tocantins (UFT-
TO)



Documento assinado eletronicamente por **Flamarion Dutra Alves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 27/02/2024, às 18:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1187647** e o código CRC **E803B5E4**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos aqueles que contribuíram de maneira significativa para a realização deste trabalho, marcando o término desta jornada acadêmica. Em primeiro lugar, expressei minha gratidão aos professores da escola e do ensino médio, à Faculdade de Geografia da Universidade Federal de Alfenas, meu profundo agradecimento pela oportunidade de aprimorar meus conhecimentos. Ao corpo docente do Mestrado em Geografia, em especial ao orientador Prof. Flamarion Dutra Alves, também da Universidade Federal de Alfenas, sou imensamente grato pela orientação. Suas contribuições foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Em um segundo momento, não posso deixar de expressar minha profunda gratidão aos familiares e amigos que estiveram ao meu lado durante todo o período. Seu apoio incondicional, compreensão e incentivo foram a força motriz que impulsionou este projeto adiante.

À CAPES, Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, agradeço pelo suporte financeiro que viabilizou a realização desta pesquisa. Sua contribuição é fundamental para o avanço da ciência e da educação em nosso país.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

À PIB-PÓS, um programa da UNIFAL-MG que visa fortalecer a pós-graduação e contribuiu financeiramente para o presente trabalho. Seu apoio foi de extrema importância para a realização dessa pesquisa.

Por fim, um agradecimento especial a todos os entrevistados que contribuíram de forma significativa para a realização deste trabalho. E também, agradecer ao projeto de pesquisa “Identidade Sul-Mineira: Diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais.” o apoio do projeto foi fundamental para a realização da pesquisa.

A todos da comunidade LGBTQIA+, que de alguma forma, contribuíram para este trabalho, o meu mais sincero obrigado.

RESUMO

A presente dissertação discute sobre as territorialidades dos corpos LGBTQIA+ no Sul de Minas Gerais, mais precisamente nos municípios de Alfenas e Pouso Alegre. O objetivo principal é compreender como ocorre as interações no processo de territorialização e vulnerabilidade dessas pessoas nos espaços públicos e privados. A pesquisa está dividida em três partes, a primeira traz uma breve contextualização sobre a questão da sexualidade e da população LGBTQIA+ nos estudos geográficos, em seguida a parte teórica trata do território, territorialidade e os corpos na geografia, e por fim, a pesquisa empírica com dados secundários para contextualizar a população LGBTQIA+ e as cidades médias sul mineiras e a pesquisa qualitativa com, visando analisar e compreender a territorialidade da população LGBTQIA+ dos dois municípios. As territorialidades foram agrupadas em mapas de acolhimento e medo/insegurança. Em Alfenas as territorialidades de acolhimento que foram mencionadas é a UNIFAL, algumas praças e alguns bares e festas universitárias. As territorialidades de medo/insegurança que foram mencionadas são avenidas, praças, de acordo com a temporalidade do espaço, ou seja, dia ou noite. Em Pouso Alegre o que foi coletado pelas entrevistas é que alguns bares, boates, praças e avenidas, acabam sendo espaços de acolhimento, variando também de acordo com a temporalidade. Esses mesmos lugares, também se tornam espaços de medo/insegurança. A partir desses pressupostos, busca-se demonstrar a relevância dos estudos à respeito da sexualidade no viés geográfico.

Palavras-chave: Sexualidade; Territorialidade; Corpo-Território; Vulnerabilidade.

ABSTRACT

This dissertation discusses the territorialities of LGBTQIA+ bodies in the South of Minas Gerais, more precisely in the municipalities of Alfenas and Pouso Alegre. The main objective is to understand how the interactions occur in the process of territorialization and vulnerability of these people in public and private spaces. The research is divided into three parts, the first brings a brief contextualization on the issue of sexuality and the LGBTQIA+ population in geographic studies, then the theoretical part deals with territory, territoriality and bodies in geography, and finally, the empirical research with secondary data to contextualize the LGBTQIA+ population and the medium-sized cities in the south of Minas Gerais and the qualitative research with, aiming to analyze and understand the territoriality of the LGBTQIA+ population of the two municipalities. The territorialities were grouped into maps of reception and fear/insecurity. In Alfenas, the host territories that were mentioned are UNIFAL, some squares and some bars and university parties. The territorialities of fear/insecurity that have been mentioned are avenues, squares, according to the temporality of space, that is, day or night. In Pouso Alegre, what was collected by the interviews is that some bars, nightclubs, squares and avenues end up being welcoming spaces, also varying according to temporality. These same places also become spaces of fear/insecurity. Based on these assumptions, we seek to demonstrate the relevance of studies on sexuality from a geographical perspective.

Keywords: Sexuality; Territoriality; Body-Territory; Vulnerability.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição do PIB (Mil R\$) de Alfenas e Pouso Alegre, 2020.	10
Quadro 2 – Matriz de espaços seguros e inseguros para a população LGBTQIA+	15
Quadro 3 – Entrevistados em Alfenas	15
Quadro 4 – Entrevistados em Pouso Alegre	16
Quadro 5 – Relatórios analisados sobre discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+	19

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dissertações e teses na área de avaliação da geografia com título ou palavra-chave "étnico-racial", 1996-2022	51
Gráfico 2 – Dissertações e teses na área de avaliação da geografia com título ou palavra-chave LGBTQI+ 1996 – 2022	53
Gráfico 3 – Dissertações e teses na área de avaliação da geografia com o título ou palavra-chave "gênero"	54
Gráfico 4 – Número de mortes de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano Brasil no de 2011.	60
Gráfico 5 – Porcentagem de mortes de indivíduos LGBTQIA+ por região no ano de 2011.	61
Gráfico 6 – Número de mortes de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2013.	62
Gráfico 7 – Número de mortes LGBTQIA+ da região sudeste em 2013	62
Gráfico 8 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2014	78
Gráfico 9 – Porcentagem dos indivíduos LGBTQIA+ mortos da região sudeste em 2014.	79
Gráfico 10 – Porcentagem de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2015.	80
Gráfico 11 – Porcentagem dos indivíduos LGBTQIA+ mortos da região sudeste em 2015.	80
Gráfico 12 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2017.	81
Gráfico 13 – Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2017.	82
Gráfico 14 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2018.	83

Gráfico 15 – Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2018.....	84
Gráfico 16 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2019.	69
Gráfico 17 – Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2019.....	70
Gráfico 18 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2020	71
Gráfico 19 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2021.....	72
Gráfico 20 – Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2022.	73
Gráfico 21 – Número de mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil entre 2000 a 2022.....	74
Gráfico 22 – Registros de eventos em defesa social em Alfenas de 2019 a 2022.....	75
Gráfico 23 – Registros de eventos em defesa social em Pouso Alegre de 2019 a 2022.....	76
Gráfico 24 – Homicídios dolosos contra mulheres no Brasil, de 2017 a 2022.....	104

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Alfenas - MG.	5
Figura 2 – Dinâmica do PIB (Mil R\$), setor terciário e administração pública em alfenas, 2002-2020	6
Figura 3 – Localização de Pouso Alegre - MG.....	7
Figura 4 – Dinâmica do PIB e PIB industrial de Pouso Alegre, 2002-2020.....	8
Figura 5 – Localização de Alfenas – MG e Pouso Alegre - MG.	9
Figura 6 – Número de mortes violentas da população LGBTQIA+, nos estados do sudeste em 2013.	77
Figura 7 – Número de mortes violentas da população LGBTQIA+, nos estados do sudeste em 2013	78
Figura 8 – Avenida Governador Valadares em Alfenas.....	81
Figura 9 – Quadra da chapada, localizada no bairro Chapada em Alfenas	82
Figura 10 – Universidade Federal de Alfenas	90
Figura 11 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2016.....	94
Figura 12 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2018	94
Figura 13 – Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2023.	95
Figura 14 - Panfleto da semana sul mineira da diversidade sexual de 2023 em Alfenas.....	97
Figura 15 – Av. Alferes Gomes Medela.....	99
Figura 16 – Via Gastronômica em Pouso Alegre.....	100
Figura 17 – Faculdade de Direito do Sul de Minas e Bar do Rock	102
Figura 18 – Av. João Beraldo em Pouso Alegre.....	103
Figura 19 – Bar Pit Stop em Pouso Alegre	104
Figura 20 – Porta de entrada Disco Hype.....	105
Figura 21 – Localização Disco Hype em Pouso Alegre	106

Figura 22 – Disco hyppe	106
Figura 23 – Praça João Pinheiro em Pouso Alegre	108
Figura 24 – Praça dos Expedicionários em Pouso Alegre	109
Figura 25 – Portaria do Tim Tim Bar em Pouso Alegre	110
Figura 26 – Flyer da festa que aconteceu no réveillon 2023/2024 no Tim Tim Bar.....	111
Figura 27 – Av. Levindo Ribeiro couto em Pouso Alegre	112
Figura 28 – Territorialidade da prostituição de mulheres transsexuais	113
Figura 29 – Galeria PA Shopping em Pouso Alegre.....	114
Figura 30 – República Bar em Pouso Alegre.....	115
Figura 31 – Avenida Doutor Lisboa e o República Bar.....	115
Figura 32 – Total das territorialidades relatadas pelos indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.....	116
Figura 33 – Territorialidades de acolhimento LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.....	117
Figura 34 – Territorialidades do medo/insegurança em Alfenas, 2023.	118
Figura 35 – Total das territorialidades relatadas pelos indivíduos LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023	119
Figura 36 – Territorialidades de acolhimento LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023.....	120
Figura 37 – Territorialidades do medo/insegurança em Pouso Alegre, 2023.....	121
Figura 38 – Nuvem de palavras dos lugares seguros para a comunidade LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.	122
Figura 39 – Nuvem de palavras dos lugares inseguros para a comunidade LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.....	123
Figura 40 – Nuvem de palavras dos lugares seguros para a comunidade LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023.....	124
Figura 41 – Nuvem de palavras dos lugares inseguros para a comunidade LGBTQIA+ em Alfenas, 2023.....	124

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABGLT	Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexos
ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transsexuais
GGB	Grupo Gay da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, queers, intersexo, agêneros, assexuados e mais
MGA	Movimento Gay de Alfenas
PEP	Profilaxia Pós-Exposição
PL	Projeto de Lei
PMMG	Polícia Militar de Minas Gerais
PPGEO	Programa de Pós-Graduação em Geografia
RGint	Região Geográfica Intermediária
STF	Supremo Tribunal Federal
UNIFAL	Universidade Federal de Alfenas
SINAN	Sistema de Informação de Agravos de Notificação

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
1.1	OBJETIVOS	19
1.1.1	Objetivo geral	19
1.1.2	Objetivos específicos	19
1.2	PROCESSOS METODOLÓGICOS	19
1.2.1	Levantamento Bibliográfico	19
1.2.2	Área de estudo.....	20
1.2.3	Pós-Estruturalismo	26
1.2.4	Pesquisa Quali-quantitativa	27
1.2.5	Projeto “Identidade Sul-Mineira: Diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais”	28
1.2.6	Trabalho de campo e Entrevistas	29
1.2.7	Amostragem – Bola de Neve	32
1.2.8	Análise dos Dados	33
2	A EMERGÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GEOGRAFIA: BASES TEÓRICOS-METODOLÓGICAS	36
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA E A SEXUALIDADE COMO UM TEMA EMERGENTE	39
2.2	CORPO-TERRITÓRIO	47
2.3	GEOGRAFIA E INTERSECCIONALIDADE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XXI.....	49
3	TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E A RELAÇÃO CORPO-TERRITÓRIO	60
3.1	TERRITÓRIO	60

3.2	TERRITORIALIDADES E A RELAÇÃO CORPO-TERRITÓRIO.....	65
4	ENTRE VULNERABILIDADES E TERRITORIALIDADES DAS PESSOAS LGBTQIA+	72
4.1	VIOLÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO E CRIMES DE ÓDIO CONTRA INDIVÍDUOS LGBTQIA+: UMA ANÁLISE REFERENTE AO NÚMERO DE MORTES NO BRASIL E NA REGIÃO SUDESTE	74
4.2	TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM ALFENAS	95
4.3	ESTRUTURAS E PROCESSOS QUE COMPREENDEM A COMUNIDADE LGTBQIA+ EM ALFENAS.....:	107
4.4	TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM POUSO ALEGRE	114
4.5	SÍNTESE E PERSPECTIVAS DAS TERRITORIALIDADES LGBTQIA EM ALFENAS E POUSO ALEGRE: RESULTADOS ATRAVÉS DE MAPAS EM ALFENAS E POUSO ALEGRE.....	132
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	143
	REFERÊNCIAS	146

1 INTRODUÇÃO

Com a renovação da geografia nos anos 1980 e mais especificamente, a partir dos anos 2010, no Brasil, com a Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero, temas como a sexualidade, e o próprio gênero, vem ganhando ênfase nas pesquisas e análises geográficas. A geografia da sexualidade desenvolvidas nas pesquisas de Ornat (2008), Silva (2009) e Pinós da Costa (2010) no Brasil vem sendo discutida e aprofundada na última década (2010 a 2020), e assim, o tema vem sendo materializado não somente dentro de pautas de movimentos sociais, mas também, dentro da academia onde é possível analisar cientificamente os fenômenos desses grupos sociais.

A geografia como instrumento de análise espacial, práticas espaciais e culturais, pode contribuir através de interpretações sobre as produções espaciais, tanto no campo material como imaterial. No que tange a comunidade LGBTQIA+¹, a produção das espacialidades e territorialidades pode ser diferente do modelo heteronormativo concebido nas sociedades. Entendendo que os espaços possam ser construídos e apropriados de forma diferente por esse grupo, esse processo pode nos ajudar a entender os motivos pelos quais os indivíduos ocupam determinado espaço, como ocupam e se interagem, pensando no campo material. Nesse sentido, o campo imaterial, também é um espaço pensado pelos indivíduos LGBTQIA+ quando pensamos suas lutas, seus anseios e suas ideias.

Diversos processos caracterizam e configuram nossa sociedade, muitos desses podem ser representados geograficamente. A partir da compreensão das territorialidades produzidas pelos corpos LGBTQIA+, pode-se entender esses processos de forma dialética, visto que a produção do espaço acaba sendo diferente de corpos heteronormativos. No que diz respeito a comunidade LGBTQIA+, tais processos ocorrem de forma dialética. Concomitante à segregação socioespacial imposta pelo modo de produção capitalista e pelas forças neoliberais, grupos sociais são inseridos desigualmente nesses

¹ Termo que se refere a comunidade entre lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais transgêneros, queers, intersexo, agêneros, assexuados e mais.

processos, gerando diversas problemáticas que são espacializadas no território. A partir desses entendimentos, o conceito de corpo-território (Azevedo, Pimenta E Sarmiento, 2009; Hasbaert, 2021) torna-se central para entendermos como cada indivíduo se insere no espaço geográfico e como sua existência determina o seu próprio território, o território simbólico como dito por Haesbaert (2007). O entendimento sobre território nesse contexto vai muito além da simples delimitação de escala ou a lógica estatal do território, aqui se insere no direito e defesa da vida e da existência.

Uma das grandes problemáticas no contexto brasileiro no que diz respeito à sexualidade e ao gênero são as mortes causadas pela LGBTQIAfobia². Baseado no SINAN³ disque 100⁴. No Disque 100 foram registradas 1.720 denúncias de violações de direitos humanos dos LGBTQIA+, destas 193 foram de homicídios, 23 de tentativas e 423 de lesão corporal no ano de 2017. No SINAN, no ano de 2016, o número de casos de violência contra homossexuais/bissexuais foi de cerca de 6.800. Segundo o Grupo Gay da Bahia (GGB)⁵, o Brasil é o país que concentra os maiores crimes letais contra a comunidade LGBTQIA+, seguido pelo México e Estados Unidos. Em 2018, o GGB registrou que 420 LGBTQIA+ tiveram mortes violentas no Brasil, ou seja, a cada 20 horas é assassinado um indivíduo LGBTQIA+ no Brasil.

Ainda baseado no GGB, em 2019 houve uma pequena queda nas mortes registradas, somando o total de 329 mortes (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia: 297 homicídios (90,3%) e 32 suicídios (9,7%). Em 2020, observou-se uma queda novamente no caso de mortes de indivíduos LGBTQIA+, somando 237 mortes registradas. Já em 2021, os índices aumentam novamente, 300 mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil foram registradas. Tais dados nos mostram que a violência de gênero e de sexualidade no Brasil são índices passíveis de estudos e análises e a geografia tende a contribuir com as pesquisas através do

² A LGBTQfobia é definida pelo preconceito, a discriminação, a aversão ou o ódio, de conteúdo individual ou coletivo, contra indivíduos LGBTQIA+.

³ Sistema de informação de Agravos de Notificações.

⁴ Disque 100 é um serviço de disseminação de informações sobre direito de grupos vulneráveis e de denúncias de violações de direitos humanos.

⁵ O Grupo Gay da Bahia é uma organização não governamental (ONG) voltada para a defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil. Fundada em 1980, é a mais antiga associação brasileira de defesa dos indivíduos LGBRQIA+ ainda em atividade.

estudo sobre o território e o espaço, ambos no seu sentido mais amplo, entendendo sua multiterritorialidade e a multiespacialidade.

Em 2022, os índices voltaram a crescer, cerca de 54%, como demonstra o 17º Anuário brasileiro de segurança pública. Foi registrado em 2022, 488 ocorrências, onde os estados do Rio Grande do Sul (119 casos registrados), Distrito Federal (68 casos registrados) e Goiás (61 casos registrados), lideram com o maior número de ocorrências. Ainda de acordo com o anuário, em 2021 foram registrados 2050 crimes, já em 2022, 2324 registros de crimes contra pessoas LGBTQIA+ no Brasil.

Pensando em tal problemática, o objetivo principal da presente dissertação é compreender a dinâmica territorial dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas – MG e Pouso Alegre – MG, entendendo como esses corpos produzem suas territorialidades em cidades médias. Desse modo, o pós-estruturalismo como método, será um dos alicerces para compreendermos como esses corpos produzem, ocupam e interagem nos espaços, tanto no âmbito público, como privado, entendendo as relações com as estruturas da sociedade com a finalidade de compreender as violências vivenciadas em um determinado espaço. Além disso, a pesquisa está inserida num projeto maior intitulado “*Identidade Sul-Mineira: Diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais*”⁶, através desse projeto foi possível utilizar alguns dados produzidos numa amostra de 20 municípios da região sul-mineira, auxiliando assim, a presente dissertação.

Entender os corpos LGBTQIA+ no espaço da imaterialidade é entendê-los na perspectiva política demarcada pelas forças hegemônicas, patriarcais e heteronormativas, que materializam suas forças em corpos oprimidos. A sexualidade analisada através do viés geográfico, visa contribuir no entendimento dessas relações projetadas no principal objeto de estudo da geografia, o espaço. No atual contexto político-social muitas questões, problemáticas e desafios acerca das questões de gênero e sexualidade estão em ascensão.

⁶ Para saber mais sobre o projeto acessar: <https://www.unifal-mg.edu.br/aidentidadesulmineira/>

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Compreender as dinâmicas territoriais dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas e Pouso Alegre

1.1.2 Objetivos específicos

- a) Discutir sobre a geografia da sexualidade como tema emergente pautado no conceito de corpo-território e corporeidade;
- b) Identificar as territorialidades dos corpos LGBTQIA+ Alfenas e Pouso Alegre;
- c) Analisar as estruturas e processos geográficos que compreendem a comunidade LGBTQIA+, como entidades, movimentos sociais de base entre outros em Alfenas e Pouso Alegre;

1.2 PROCESSOS METODOLÓGICOS

Para atingir os objetivos da pesquisa foi traçado um caminho metodológico para entender as territorialidades dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas e Pouso Alegre e assim, especializá-las através dos mapas. Para a realização da pesquisa metodologia adotada será quali-quantitativa, privilegiando os diversos aspectos e características dos sujeitos envolvidos na investigação. Assim, a metodologia da pesquisa está estruturada da seguinte forma:

1.2.1 Levantamento Bibliográfico

De acordo com Gil (1994), os apoios teóricos e a pesquisa bibliográfica possibilitam aumentar o alcance de informações, gerando assim, novas informações do objeto de estudo com o avanço da pesquisa. Além disso, baseado em Lima e Mioto (2007) os apoios teóricos são necessários em estudos descritivos e em caso em que o objeto de estudo é pouco estudado. Sendo

assim, uma parte crucial à pesquisa, gerando informações necessárias para sua conclusão.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado o Portal de Periódicos da CAPES para analisar artigos, teses e dissertações que trabalhem o conceito de territorialidade no contexto do gênero, sexualidade e corporeidade LGBTQIA+. Além de utilizarmos obras de livros e artigos sobre os conceitos fundamentais dessa pesquisa como a Territorialidade (HAESBEART, 2009), Gênero, Sexualidade e Corporeidade (Ornat, 2008; Silva, 2009; Pinós da Costa, 2010; Margarida, 1990; Azevedo, Pimenta e Sarmento, 2009).

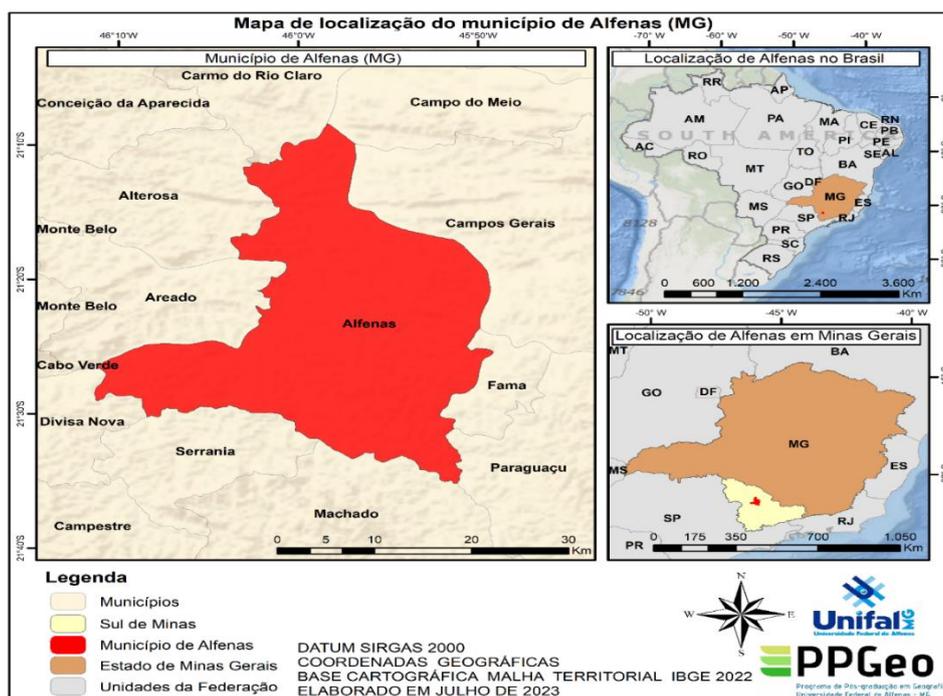
No âmbito da territorialidade, as relações de poder manifestadas são importantes, tanto na escala do indivíduo como na escala do lugar. Nesse sentido, vamos analisar as diferentes concepções sobre Poder em Raffestin (1993) e Foucault, (1979), e relacionar com as evidências empíricas.

1.2.2 Área de estudo

A pesquisa será realizada em dois municípios do sul de Minas Gerais, Alfenas (figura 1) e Pouso Alegre (figura 3).

O município de Alfenas possui 78.970 habitantes (IBGE, 2022), e tem uma característica, o setor terciário dinâmico economicamente, pois têm um polo universitário com uma universidade pública federal (UNIFAL-MG) e uma universidade privada (UNIFENAS) que abrangem pessoas dos mais diversos lugares do país. Além disso, é um polo regional de saúde, com três hospitais de referência.

Figura 1 - Localização de Alfenas – MG



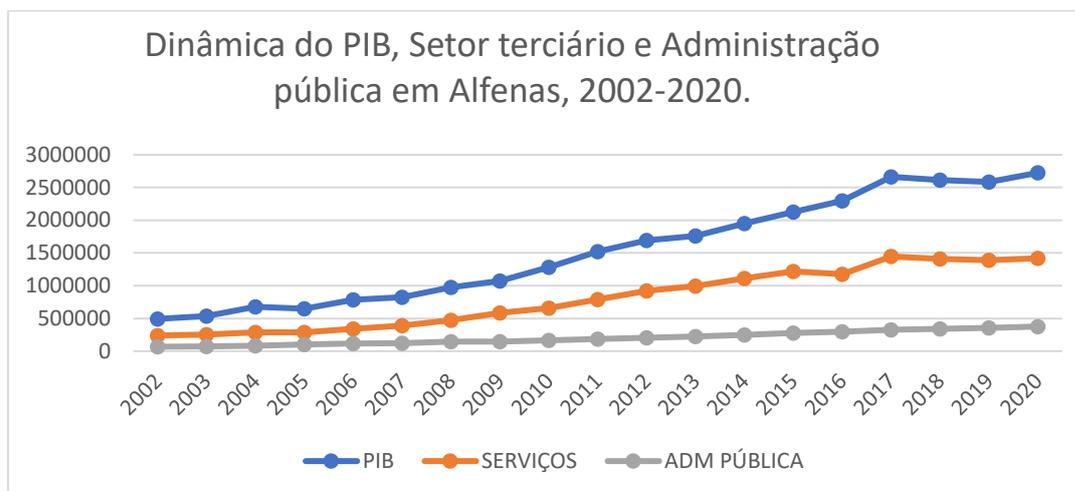
Fonte: Antônio Ananias e Gustavo Marinho. 2023

Alfenas é conhecida por sediar instituições de ensino superior, a forte presença acadêmica acaba atraindo estudantes da região, mas também do Brasil inteiro. Baseado nos dados do IBGE (2020), a economia de Alfenas historicamente esteve ligada à agricultura, com destaque para a produção de café. No entanto, nas últimas décadas, vem ocorrendo uma diversificação no setor econômico, foi necessário incluir o comércio e os serviços associados as instituições de ensino que movimentam a economia da cidade. Os setores que mais empregam indivíduos na cidade são os da agricultura, comércios e prestação de serviços. Além disso, a presença das universidades gera empregos e oportunidades para os moradores.

Devido as universidades, o setor da saúde é um componente importante dos indicadores socioeconômicos da região, pois acaba sendo um polo de serviços relacionados a saúde para a população de Alfenas e região.

Como dito anteriormente, e com base na dinâmica do PIB da cidade pode-se perceber a influência do setor terciário e dos serviços de administração pública no município, visto a existência da Universidade Federal de Alfenas (Figura 2).

Figura 2 - Dinâmica do PIB, Setor Terciário e Administração pública em Alfenas, 2002-2020.

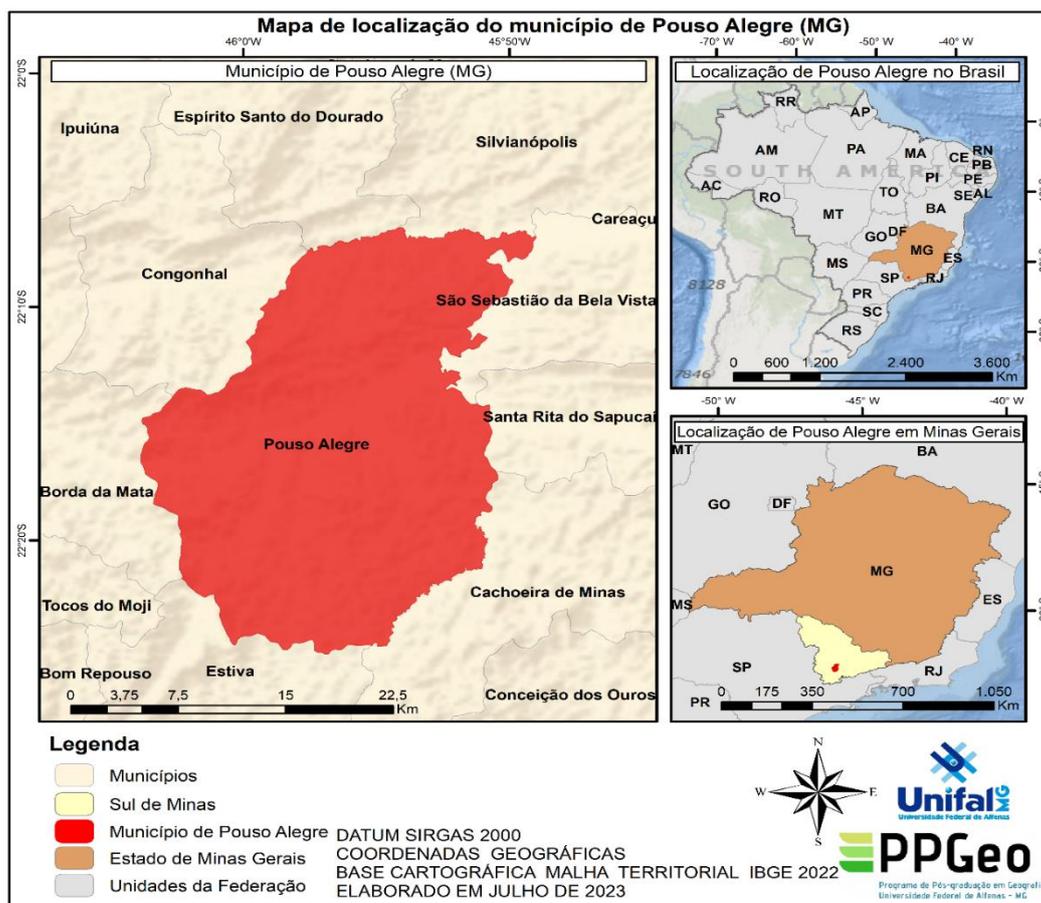


Fonte: Sidra. Autores: Antônio Ananias, Flamarion Dutra Alves

Conforme a figura 2, os setores de serviços – apesar de uma queda em 2016 – sempre acompanharam o PIB em relação ao crescimento. Mas em relação aos dados da administração pública pode-se perceber um aumento pós criação da Universidade Federal de Alfenas em 2005 por meio da Lei Federal nº 11.154.

Pouso Alegre é um município que possui 152.212 habitantes (IBGE, 2022).–Sua localização é estratégica as margens da rodovia Fernão Dias (BR 381) que interliga São Paulo a Belo Horizonte, possuindo um caráter industrial forte, sobretudo após a década de 1990 com a desconcentração industrial do Estado de São Paulo.

Figura 3 - Localização de Pouso Alegre – MG



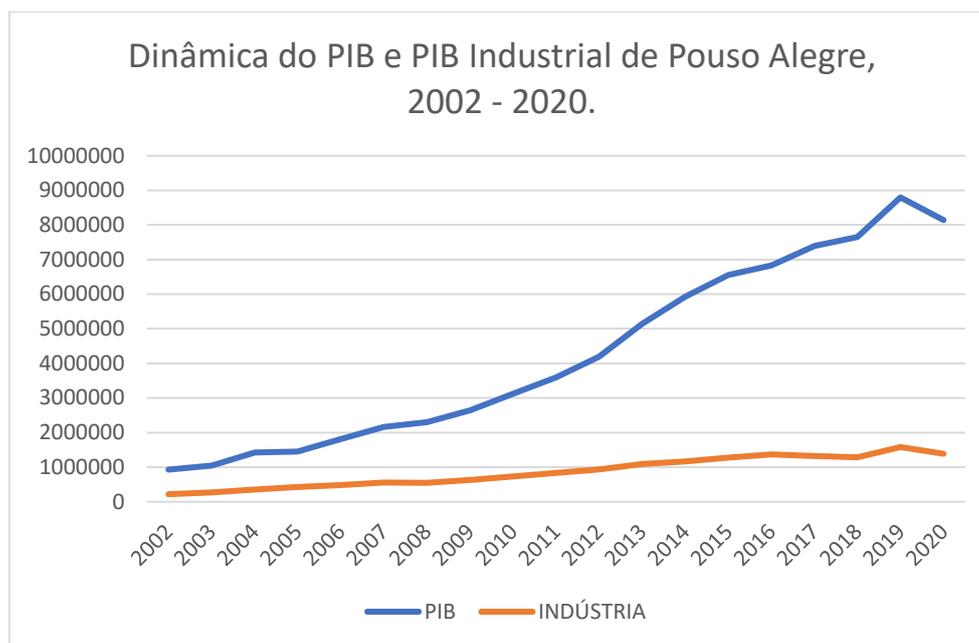
Fonte: Antônio Ananias e Gustavo Marinho. 2023

Pouso Alegre é conhecida pelo crescimento do seu setor industrial pós 1960 onde houve a criação da rodovia Fernão Dias que liga São Paulo a Belo Horizonte. Alguns aspectos sociais são importantes para entendermos a dinâmica da cidade para a região.

Com base nos dados da Fundação João Pinheiro (2021) a região geográfica intermediária (RGint) de Pouso Alegre é composta por 80 municípios que somam 20.717,51 quilômetros quadrados (3.53% da área total de Minas Gerais).

A contribuição da região intermediária é de suma importância para a economia da cidade, visto sua característica forte no setor econômico para a região. Com base nos dados da Fundação João Pinheiro (2021) no intervalo de 2010 a 2018 ocorreram mudanças expressivas, visto o crescimento nos setores da indústria e prestação de serviços.

Figura 4 - Dinâmica do PIB e PIB Industrial de Pouso Alegre, 2002 – 2020.

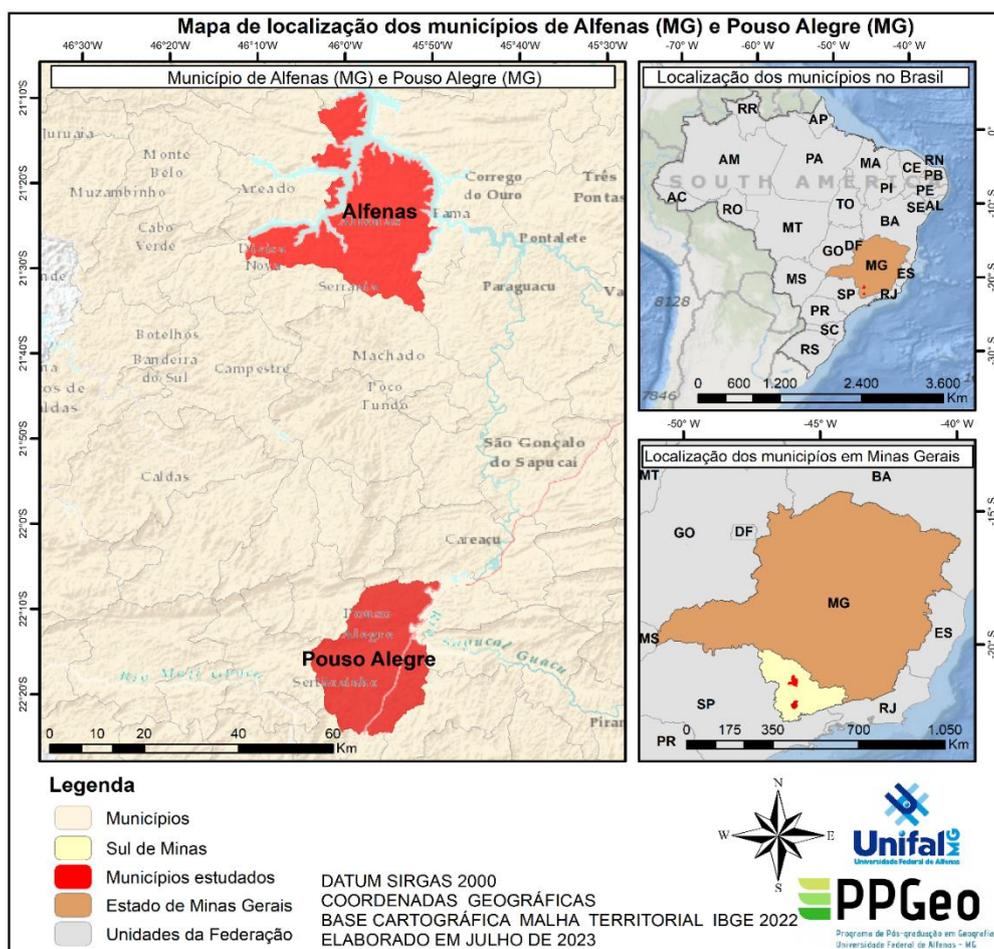


Autores: Antônio Ananias, Flamarion Dutra Alves

Como mostra no gráfico anterior (figura 4), o PIB de Pouso Alegre possui certo crescimento de 2002 até 2019 onde houve uma queda na econômica. Atualmente cidade se destaca como polo industrial, possuindo cerca de 300 indústrias, o destaque é para as empresas dos setores alimentícios, de medicamentos e de máquinas pesadas. Com base nos dados da Prefeitura de Pouso Alegre (2020), a cidade conta com mais de 10 mil habitantes no campo, responsáveis por tornar a cidade a segunda maior produtora de morangos em Minas Gerais, com 17,7 mil toneladas.

O café também é um produto importante para pensarmos a região e para além dela, a exportação. Em 2020, com base nos dados da Fundação João Pinheiro, o café foi o principal produto exportado, correspondendo a 44.7% das exportações. Além disso, máquinas e equipamentos elétricos também ganharam destaque nas exportações de produtos, correspondendo a 23.7%

Figura 5 - Localização de Alfenas – MG e Pouso Alegre – MG



Fonte: Antônio Ananias e Gustavo Marinho. 2023

A figura 5 nos mostra a proximidade de ambas as cidades no contexto sul-mineiro. A escolha da área é motivada pela localização de ensino superior na qual o autor estuda (Alfenas) e de onde o autor nasceu (Pouso Alegre), com o intuito de entender como ocorre a territorialidade de corpos LGBTQIA+ nessas duas cidades que possuem características e dinâmicas diferentes, apesarem de estarem na mesma região.

Conforme quadro 1, a distribuição do PIB nos dois municípios em 202^o aponta para uma tendência do setor de serviços em ambos, mas uma participação maior da indústria em Pouso Alegre.

Quadro 1 – Distribuição do PIB (Mil R\$) de Alfenas e Pouso Alegre, 2020.

ATIVIDADE	ALFENAS	%	POUSO ALEGRE	%
Agropecuária	170.287	7,08	86.879	1,32
Indústria	436.109	18,14	1.389.910	21,21
Serviços	1.421.023	59,13	4.342.992	66,28
Administração Pública	375.501	15,65	732.543	11,19
PIB (\$mil)	2.402.919	100	6.552.323	100

Fonte: IBGE (2020).

1.2.3 Pós-Estruturalismo

O movimento pós-estruturalista emerge como uma resposta crítica e reflexiva ao paradigma estruturalista, marcado no século XX. Enquanto o estruturalismo procurava-se identificar padrões universais, o pós-estruturalismo se revela como uma abordagem que põe em crítica tais padrões ditos universais.

Um dos grandes pensadores da área, Foucault (1984), em uma das suas análises das relações de poder, destaca como as estruturas de poder moldam as instituições sociais e influenciam diretamente na produção de conhecimento e o debate sobre paradigmas sociais. Em “Vigiar e Punir” e a “História da Sexualidade”, Foucault (1975, 1984), destaca as dinâmicas entre o saber e o poder, questionando assim, as narrativas padrões ou hegemônicas, e expondo as relações de poder que se destacam no discurso social.

Uma filósofa importante para a discussão pós-estruturalista Judith Butler. Ao abordar a teoria de gênero, Butler (1990) introduz o conceito de performatividade, discutindo como as identidades de gênero são construídas e mantidas por meio de práticas sociais. Em “*Gender Trouble*”, Butler (1990) desafia as normas sociais que foram definidas pela estrutura hegemônica, questionando as categorias de gênero e discutindo sobre as identidades.

Um filósofo francês importante para o debate pós-estruturalista foi Jean-François Lyotard. Baseado em Lyotard (2000) questiona o pensamento hegemônico, além de tecer críticas as grandes narrativas que procuram totalizar ou unificar o conhecimento. Uma das suas principais obras que irá discutir sobre

o assunto é “A condição pós-moderna” que irá argumentar como a cidade contemporânea é caracterizada pela diversidade de perspectivas e criticar a narrativa totalizante.

1.2.4 Pesquisa Quali-quantitativa

A pesquisa quali-quantitativa é uma abordagem de pesquisa que combina elementos de métodos qualitativos e quantitativos. A pesquisa qualitativa é caracterizada pela coleta e análise de dados não numéricos, como entrevistas, observações, análise de documentos ou análise de conteúdo. Ela busca explorar as experiências, percepções, opiniões e significados atribuídos pelos participantes. A pesquisa qualitativa é frequentemente utilizada para compreender fenômenos complexos, explorar novos tópicos de pesquisa ou gerar hipóteses (Alves, 2008; Marafon *et al*, 2013; Pessôa, 2012).

Por outro lado, a pesquisa quantitativa é baseada em dados numéricos e utiliza métodos estatísticos para analisar e interpretar esses dados. Ela busca medir, descrever ou testar relações entre variáveis. Na pesquisa quali-quantitativa, os pesquisadores combinam essas duas abordagens, coletando e analisando tanto dados qualitativos quanto quantitativos em um único estudo. Isso permite que eles obtenham uma compreensão mais completa e complementar do fenômeno em questão.

Foi pesquisado dados sobre LGBTQIAfobia⁷ contra a população LGBTQIA+ em fontes oficiais como o Painel de Dados da Ouvidoria Nacional de Direitos Humanos do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e também do Observatório de Mortes e Violências LGBTI+, do Grupo Gay da Bahia (GGB), que sistematiza dados sobre a população no Brasil. Essa fase da pesquisa permite caracterizar as violências que a população LGBTQIA+ sofre, e que reflete nas interações e espacialidades desses indivíduos. Além dos dados já citados, será coletada através de entrevistas dados produzidos pelo Movimento Gay de Alfenas (MGA – Alfenas), como histórico de luta e resistência na cidade, assim como índices e lugares que ocorreram violência contra pessoas

⁷ A LGBTQIAfobia pode ser definida como a rejeição, o medo, o preconceito, a discriminação, a aversão ou o ódio, de conteúdo individual ou coletivo, contra aquelas (es) que, supostamente, sentem desejo ou têm práticas sexuais com indivíduos do mesmo sexo biológico.

LGBTQIA+

A caracterização da pesquisa como quali-quantitativa vem através da relação com outro projeto que está interligado a presente dissertação. Com a obtenção dos dados do “Projeto Identidade Sul – Mineira” que identificou os principais aspectos socioculturais, utilizou-se desses dados para a elaboração de um panorama geral acerca das questões de discriminação e preconceito no contexto sul-mineiro.

1.2.5 Projeto “*Identidade Sul-Mineira: Diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais*”

O Projeto desenvolvido na UNIFAL-MG é multidisciplinar e envolve os Programas de Pós-graduação de Educação; Economia; Gestão Pública e Sociedade; Administração Pública; Geografia⁸ e os cursos de graduação de Geografia, Ciências Sociais e Economia. Ele tem recursos oriundos de emenda parlamentar e teve início em 2021.

A ideia do projeto surgiu durante as discussões do grupo de pesquisa “Sociedade Industrial: processos e teorias sociais”. O principal objetivo do projeto é realizar um levantamento de dados por meio de uma pesquisa de campo, chamada *survey*, envolvendo moradores de vinte municípios do sul de Minas Gerais (UNIFAL-MG, 2023).

No Brasil, pesquisas desse tipo costumam ser realizadas em regiões metropolitanas, deixando regiões importantes como o sul de Minas Gerais sem a oportunidade de comparação com outras áreas. Por estar próximo a três grandes centros urbanos (Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro), o sul de Minas acaba sendo negligenciado em relação as suas especificidades. O objetivo é investigar as possíveis diferenças regionais em termos econômicos, culturais, sociais (UNIFAL-MG, 2023).

Além do levantamento de dados primários, o projeto envolveu a coleta e análise de dados secundário. Foram conduzidas um total de 1320 (mil e trezentas e vinte) entrevistas em 20 municípios, que foram cuidadosamente selecionadas de acordo com critérios de estratificação relacionadas ao sexo,

⁸ O autor da dissertação é bolsista do Projeto.

idade, escolaridade e renda dos entrevistados. Vale-se destacar, que as cidades pesquisadas na presente dissertação, Alfenas e Pouso Alegre, correspondem a um total de 29% do total de entrevistas e questionários aplicados.

Uma das perguntas mais importantes nas entrevistas que foi utilizada na dissertação são:

“134. Gostaria de saber se, nos últimos 6 meses você presenciou alguma forma de discriminação em lugares públicos de seu município (praças, bares, restaurantes, igrejas, shopping, parques.”

“135. Nos últimos 6 meses você alguma vez foi vítima de discriminação em relação à aparência física, posicionamento político, questões econômicas, cor de pele, orientação sexual ou identidade de gênero”

As perguntas selecionadas, conseguem complementar a pesquisa visto que as respostas estão intimamente ligadas com a produção das territorialidades LGBTQIA + em ambas as cidades estudadas.

1.2.6 Trabalho de campo e Entrevistas

As entrevistas foram realizadas com indivíduos LGBTQIA+ de Alfenas e Pouso Alegre, através do método da entrevista qualitativa e semiestruturada. Baseado em Triviños (1987), os questionamentos que serão realizados devem seguir de uma teoria e hipótese que se relaciona ao tema da pesquisa. O objetivo principal da entrevista é entender como ocorre a territorialidade dos indivíduos. Ainda de acordo com o autor, a entrevista semiestruturada favorece na explicação da compreensão da realidade dos fenômenos sociais. Tal procedimento metodológico irá ajudar a entender diversas questões que serão abordadas durante a pesquisa, tais como: pautas indenitárias, conflitualidades, processo de territorialidade, histórico de lutas, demandas e objetivos.

A quantidade e o número de entrevistados não são números específicos visto que foi adotada a técnica de amostragem Bola de Neve, e através dessa amostragem só é possível contabilizar com a descoberta de novos indivíduos a serem entrevistados.

Visto que as entrevistas seguirão o modelo semiestruturado, as perguntas bases para encadear as demais perguntas, caso houver, serão essas:

1. Você gostaria de se identificar?

2. Qual sua idade?
3. Em que cidade você mora?
4. Qual sua ocupação?
5. Qual sua orientação sexual?
6. A que gênero você se identifica?
7. Você mora com quem?
8. Existem lugares, espaços na cidade onde o medo é uma sensação que predomina sobre as outras? Se sim, existe um horário específico do dia em que essa sensação prevalece?
9. Sobre os lugares vivenciados por você na cidade, se sente seguro (a) em demonstrar sua sexualidade? Se não, quais lugares você se sentiria inseguro de manifestar-se.
10. Existem lugares, espaços, em que você não se sente acolhido (a) devido sua orientação sexual? Se sim, quais são esses espaços?
11. Você já foi vítima ou presenciou de violência ou discriminação devido sua orientação sexual? Ou conhece pessoas que sofreram tais violências? Se sim, em que lugares essas violências ocorreram?
12. Pelo seu conhecimento e vivência na cidade, você percebe que as pessoas LGBTQIA+ possuem vulnerabilidade à violência?
13. Com relação ao seu corpo, você já deixou de utilizar alguma roupa ou acessório por medo da violência ou discriminação?
14. Você demonstra sua sexualidade nos lugares que você frequenta no seu cotidiano?
15. Com relação a sua família, como é a convivência a respeito da sua orientação sexual?

Quadro 2 – Matriz de espaços seguros e inseguros para a população LGBTQIA+
(continua)

Lugares	Muito inseguro	Pouco inseguro	Neutro	Pouco Seguro	Muito Seguro
Ônibus urbano					
Terminal/Ponto de ônibus					
Taxi de aplicativo					
Escola					
Faculdade/Universidade					
Casa					

Quadro 2 – Matriz de espaços seguros e inseguros para a população LGBTQIA+
(conclusão)

Rua					
Academia					
Bar / Restaurante					
Supermercado					
Shopping					
Templo religioso					
Casa de familiares					
Boate					

Fonte: Antônio Ananias, Flamarion Dutra Alves

É importante salientar que as mesmas perguntas serão feitas para os habitantes de Alfenas e Pouso Alegre.

Quadro 3 – Entrevistados em Alfenas

Identificação	Orientação Sexual	Identidade de Gênero	Idade
A1	Gay	Não-binário	32
A2	Hetero	Mulher Transsexual	19
A3	Lésbica	Mulher Cisgênero	28
A4	Bissexual	Mulher Cisgênero	27
A5	Gay	Homem Cisgênero	23
A6	Gay	Homdem Cisgênero	43
A7	Hetero	Mulher Transsexual	19
A8	Hetero	Mulher Transsexual	19
A9	Androssexual	Transsexual Não-binário	21
A10	Lésbica	Mulher Cisgênero	27
A11	Hetero	Homem transgênero	28
A12	Gay	Homem cisgênero	30
A13	Bissexual	Mulher cisgênero	22
A14	Gay	Homem cisgênero	26
A15	Lésbica	Mulher cisgênero	24

Fonte: Antônio Ananias, Flamarion Dutra Alves

Quadro 4 – Entrevistados em Pouso Alegre

Identificação	Orientação Sexual	Identidade de Gênero	Idade
P1	Gay	Homem cisgênero	30
P2	Bissexual	Não-binário	25
P3	Lésbica	Cisgênero	35
P4	Pansexual	Mulher cisgênero	22
P5	Gay	Homem cisgênero	27
P6	Heterossexual	Mulher Transgênero	29
P7	Heterossexual	Homem Transgênero	33
P8	Bissexual	Mulher Transgênero	23
P9	Bissexual	Homem Cisgênero	35
P10	Lésbica	Mulher Cisgênero	21
P11	Bissexual	Homem Cisgênero	22
P12	Heterossexual	Mulher transgênero	31
P13	Heterossexual	Mulher transgênero	33
P14	Gay	Homem Cisgênero	29
P15	Gay	Homem Cisgênero	27

Fonte: Antônio Ananias, Flamarion Dutra Alves

1.2.7 Amostragem – Bola de Neve

A técnica denominada como Bola de Neve foi um dos procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa. De acordo com Atkinson (2001), Flint (2001), Vogt (1999), a metodologia se baseia na técnica para encontrar sujeitos “ocultos” na sociedade ou que são de difícil identificação, como é o caso da comunidade LGBTQIA+. De acordo com os autores, um sujeito entrevistado que será o ponto de partida indica ao pesquisador o nome de outro sujeito, que por sua vez fornece o nome de um terceiro, e assim por diante. Tal técnica seve como estratégia para superação de problemas associados a amostragem.

A amostragem bola de neve é usada com mais frequência para realizar pesquisas qualitativas, principalmente por meio de entrevistas. A principal característica da amostragem de bola de neve é como uma metodologia para

obter entrevistados onde eles são poucos ou onde é necessária uma certa confiança para iniciar contato.

Com as entrevistas foi possível agrupar os sujeitos entre mulheres e homens cisgênero que se enquadrem na sigla LGBTQIA, mulheres e homens transgênero, não binários. Além de compreender as relações das percepções sobre raça, escolaridade, renda, faixa etária, lugar da residência entre outros.

1.2.8 Análise dos Dados

A análise dos dados foi a última etapa da pesquisa. Na fase final, através da análise das entrevistas e dos dados obtidos foi possível analisar as dinâmicas territoriais dos corpos LGBTQIA+ em Alfenas e Pouso Alegre. Além disso, identificar através das falas dos entrevistados, quais lugares os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ sofreram violência ou discriminação.

Após a coleta de dados pelas entrevistas e pelos dados do projeto citado anteriormente, foi feita uma comparação com os dados de denúncias feitas na Polícia Militar de Minas Gerais entre 2019 à 2023 como os crimes de violência contra pessoas LGBTQIA+. É válido lembrar que no Brasil, a LGBTQIAfobia se torna crime, comparado ao racismo, após 2019. O Supremo Tribunal Federal (STF), em 2019, decidiu pela criminalização da homofobia e transfobia pela aplicação da Lei do Racismo (7.716/1989).

Além dos dados obtidos nas entrevistas e do projeto “Identidade Sul-Mineira: Diagnóstico cultural, social, político e econômico do Sul de Minas Gerais” foram analisados os Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil organizado pelo Grupo Gay da Bahia.

Quadro 5 – Relatórios analisados sobre discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+

(continua)

Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2011	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
---	---

Quadro 5 – Relatórios analisados sobre discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+

(continua)

Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2013	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2014	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2015	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2017	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2018	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2019	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2020	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#

Quadro 5 – Relatórios analisados sobre discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+

(conclusão)

Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2021	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#
Relatório Anual de Mortes Violentas de LGBT no Brasil. – 2022	https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/todos-dossies/grupo-gay-da-bahia/#

Os dados das análises da pesquisa, auxiliaram na própria discussão sobre a geografia da sexualidade como tema emergente pautado no conceito de corpo-território e corporeidade. Além disso, através dos dados alcançados conseguiu-se analisar as estruturas e processos geográficos que compreendem a comunidade LGBTQIA+, como entidades, movimentos sociais de base entre outros em Pouso Alegre e Alfenas.

2 A EMERGÊNCIA DA SEXUALIDADE NA GEOGRAFIA: BASES TEÓRICOS-METODOLÓGICAS

Ao analisar o espaço como categoria geográfica, é necessário entender como a dinâmica das relações sociais se dá, pois, o motivo é que o espaço e territórios são compostos por essas relações que marcam como as sociedades se organizam tanto no urbano quanto no rural. Estamos organizados, nesse espaço composto de contradições, e é nesse sentido que a geografia, junto com as demais ciências sociais, visa entender essa dinâmica. De acordo com Souza (2015), as relações sociais e o espaço são algo inseparáveis, pois são nelas que essas relações acontecem. O espaço, então, não possui caráter estático, ele está sempre em transformação e em movimento. Os agentes que organizam e reorganizam o espaço podem ser representados pelo próprio Estado, pelos movimentos sociais, por sociedades etc. Baseado em Santos (1996), o espaço geográfico constitui um sistema de objetos e um sistema de ações.

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. Através da presença desses objetos técnicos: hidroelétricas, fábricas, fazendas modernas, portos, estradas de rodagem, estradas de ferro, cidades, o espaço é marcado por esses acréscimos, que lhe dão um conteúdo extremamente técnico (Santos, 2006, p.39).

Ainda de acordo com Santos (1996), o espaço geográfico, além de ser um sistema de objetos e ações, possui conjunto fixos e fluxos que marcam a dinâmica territorial. O que o autor chama de elementos fixos, são próteses técnicas instaladas no território, as quais estão interligados por fluxos, como por exemplo os de mercadorias por rodovias e portos.

De acordo com Corrêa (1995), são os agentes sociais que produzem o que chamamos de espaço. Esses agentes, devem ser entendidos de acordo com a temporalidade e a espacialidade nas formações socioespaciais capitalistas. “São os agentes que materializam os processos sociais na forma de um ambiente construído” (Corrêa, 1995, p. 43). Ou seja, o espaço social, que seria o espaço produzido pelos agentes, como a sociedade, grupos sociais excluídos,

entre outros.

Para entender e discutir o espaço, é necessário entendê-lo na sua complexidade. Na concepção de Souza (2015), existe o espaço social que é apropriado e produzido pela sociedade e o espaço geográfico, onde se materializa essas relações da sociedade. Porém, existem forças que determinam como a organização espacial acontece, forças políticas e econômicas que configuram o espaço urbano, por exemplo. Porém, existem grupos sociais que desafiam a ordem hegemônica, resistindo e construindo contra espaços que fortalecem sua existência.

De acordo com Massey (2006), a espacialidade é a esfera que permite analisar a contemporaneidade pela diversidade e suas relações. Acaba sendo uma ferramenta que conseguimos analisar como se dão as espacialidades de cada grupo social, no caso, a comunidade LGBTQIA+. Essas espacialidades podem ser construídas socialmente, politicamente, economicamente, culturalmente. Possuindo assim, um caráter dinâmico e não estático de organização no espaço. Isso é possível de ser observado pela ocupação das pessoas que compõe a comunidade LGBTQIA+ no espaço, visto que tais grupos, acabam criando suas próprias espacialidades com a intenção de se inserir-se no espaço e sentir-se representado também espacialmente.

O espaço e a espacialidade, de acordo com Correa *et al* (1995) é produzido por agentes sociais, ou seja, a própria comunidade LGBTQI+ produz e reorganiza espaços, indo do local ao global. Aqui podemos mencionar os grupos sociais ou movimentos sociais locais e globais que tem no gênero e na sexualidade, o alicerce de suas lutas, tais como: Grupo Gay da Bahia (GGB), as Paradas do Orgulho LGBTQIA+ em todo o Brasil, movimentos sociais ligados a luta contra a LGBTQIAfobia, entre outros. Claval (1999) discorre sobre o território e para ele, tal conceito, resulta da apropriação coletiva de um grupo, e aqui, podemos relacionar com Hasbeart (2014) quando o autor diz que o território é um espaço geográfico dominado e/ou apropriado. Ou seja, as relações sociais dos indivíduos e a ocupação do espaço, é uma forma de se inserir no espaço e no território, sendo também seus corpos frutos da espacialização e da territorialização dos indivíduos LGBTQIA+.

A geografia enquanto ciência e um campo do conhecimento, possui em sua estrutura - formulação do próprio pensamento geográfico - certas relações

de poder marcadas pelo pensamento hegemônico. Quando assumimos uma postura crítica, entendendo que o conhecimento científico é uma construção social e conseguimos pensar em novos modos de se fazer e entender a ciência geográfica como um todo, analisando sua multicomplexidade. Essas relações de poder resultam na ausência ou o silenciamento de determinados grupos sociais dentro da própria ciência, onde se criam hierarquias que são construídas por grupos hegemônicos e determinam muitas vezes um modo eurocêntrico, patriarcal e excludente de compreender a sociedade.

Tendo em vista que a ciência hegemônica é marcada por privilégios de raça, cor, sexualidade e gênero, durante muito tempo as espacialidades, territorialidades desses grupos excluídos não era visto como um possível objeto de estudo dentro da geografia, o que causa a ausência e uma lacuna numa visão epistemológica e conceitual sobre a geografia da sexualidade.

Nestas primeiras décadas do século XXI, geógrafos (as) constroem o movimento contestatório provindo da geografia feminista e procuram outros caminhos para compreender as realidades socioespaciais não só de um grupo, mas sim dos próprios indivíduos entendidos em suas complexidades. Porém, a base conceitual e epistemológica tradicional é fruto do saber hegemônico, construído por uma geografia branca, heterossexual e masculina.

Inseridos num contexto histórico de mudanças de paradigmas de acordo com Prado (2017), dentro da geografia, temas emergentes vão se tornando cada vez mais recorrentes. A sexualidade analisada através do viés geográfico, visa contribuir no entendimento dessas relações projetadas no principal objeto de estudo da geografia, o espaço.

O contexto político-social nas primeiras décadas do século XXI envolve muitas problemáticas e desafios acerca das questões de gênero e sexualidade, sobretudo nos direitos humanos e cidadania, por estes motivos esses estudos estão em ascendência. As desigualdades de gênero e sexualidade estão enraizadas em nossa sociedade, sendo problemas estruturais, muitas vezes causados pelo modo de produção capitalista, o sistema neoliberal e o sistema patriarcal, além de estereótipos sociais aliados às questões étnico-raciais. O espaço, as espacialidades, o território e suas territorialidades são conceitos que nos auxiliam a compreender a desigualdade e desenvolver soluções nos debates acerca de tais problemáticas.

Partiu-se do pressuposto que existem dificuldades para a população LGBTQI+ se inserir e produzir espaço, ele em sua totalidade, muitas vezes enfrentando contra-espacos (Feliciano, 2003), como forçes e açoes neoliberais, capitalistas e patriarcais, além do machismo estrutural. Entender a dinâmica espacial dessa população, e principalmente, o corpo como espaço e território é uma tarefa crucial no contexto no qual estamos inseridos. Sendo a geografia, a principal referência nos estudos da dinâmica espacial e territorial, é necessário que a ciência geográfica e os geógrafos (as) se comprometam com estudos das questões de gênero e sexualidade.

2.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA GEOGRAFIA E A SEXUALIDADE COMO UM TEMA EMERGENTE

Para compreendermos os temas emergentes relacionados à geografia, devemos entender o processo histórico pelo qual a própria ciência perpassa nas últimas décadas. Dado em um contexto de crise epistemológica e a necessidade de superação de um paradigma teórico e quantitativo, a geografia crítica e a geografia fenomenológica surgem como caminhos alternativos para compreendermos o espaço e o território, assim como, as espacialidades e as territorialidades.

A quebra de paradigma da ciência e a crise epistemológica, faz surgir um movimento materializando-se dentro da própria ciência, a geografia feminista. De acordo com Silva (2009) dentre os movimentos sociais emergentes dos anos 1960 o movimento feminista foi fundamental para as ações das geografas que iniciaram um movimento interno dentro da geografia durante os anos 1970. O movimento dentro da ciência tinha três objetivos: construir uma possível igualdade entre homens e mulheres no âmbito da disciplina, fazer discussões geográficas sobre as mulheres, além de desafiar e questionar os conceitos que são baseados na geografia hegemônica.

Baseado nos pressupostos de Silva (2009) os primeiros trabalhos que começaram a serem desenvolvidos durante os anos 1970 estavam relacionados a descrição das desigualdades de gênero baseado nas diferenças corporais e particularmente centrado na categoria mulher. De acordo com a autora, as primeiras pesquisas eram mapeamento de padrões espaciais de atividades

femininas.

Além da geografia feminista, boa parte das literaturas sobre a sexualidade dentro do campo da ciência geográfica tem como base as conceitualizações provindas da geografia inglesa e norte-americana. Alguns autores são extremamente importantes para entendermos o início e os possíveis percursos pelo qual a geografia da sexualidade vem se constituindo. Para isso, alguns trabalhos possuem sua importância para demarcamos o início de um pensamento que começa a adentrar dentro da ciência geográfica. Como dito, a geografia da sexualidade tem como berço a geografia feminista como os trabalhos de Oberhauser *et al.* (2003), McDowell (2003), sendo Binnie e Valentine (1993) o trabalho pioneiro ao discutir o tema sexualidade dentro da construção do pensamento geográfico.

Entendendo o processo de construção do pensamento geográfico, podemos relacionar tal construção histórica do pensamento com os temas emergentes que começam a se consolidar no final do século XX e início do século XXI. De acordo com Ornat (2008), a sexualidade como tema emergente dentro da ciência geográfica é construída em seu berço pela chamada Geografia Feminista:

Essas reflexões têm se colocado dentro de um corpo de discussão em que as principais influências estão localizadas nos trabalhos de Simone de Beauvoir, Michel Foucault, Teresa de Lauretis, Judith Butler, Donna Haraway, e mais especificamente na Geografia, nos trabalhos realizados por geógrafas/os como Davis Bell, John Binnie, Gill Valentine, Nancy Duncan, Richard Phillips, Peter Jackson, Linda McDowell, Gillian Rose, entre outros. (Ornat, 2008, p. 311)

Atualmente é possível observar uma crescente em relação a trabalhos e produções acadêmicas a respeito da geografia das (r)existências e resistências. Pensar a ciência geográfica através desse viés é entender as complexas relações que são estabelecidas no espaço geográfico, tanto no campo imaterial como material. Nesse processo, criam-se novos espaços de resistência. De acordo com Pereira (2017) a resistência não apenas utiliza o espaço, mas produz seu próprio espaço, como mencionado pelo autor, suas geografias. Essa afirmação fica evidente pelo autor mencionado Pereira (2017):

A resistência não apenas usa, utiliza, recorre a espaços existentes,

mas esta produz seus próprios espaços, suas geografias, assim como a geografia produz ou possibilita diferentes formas de resistências, à medida que estas não podem prescindir de espaços para ocorrerem, permanecerem e obterem algum êxito em relação antagônica às formas de dominação que também produzem, usam e se materializam em espaços geográficos específicos. (Pereira, 2017, p.8)

Para pensarmos a geografia das r(e)existências e resistências, devemos entender as relações da tríade: poder, espaço e resistência. Como dito por Raffestin (1993) em “Por uma Geografia do Poder”, todas as relações sociais possuem relações de poder, essa são materializadas tanto no espaço material e imaterial.

Uma outra possível análise em relação ao poder pode ser baseado em Foucault (1979), onde ele e suas relações estão intrínsecas ao próprio eu, um dos conceitos utilizados pelo autor é o biopoder. O poder de acordo com os pressupostos de Foucault (1979) é exercido em múltiplas e variadas direções, deve ser entendido a partir das estratégias, manobras, técnicas e táticas de operacionamento.

Uma outra característica relacionada a esta temática são os processos decoloniais, que são refletidos e materializados no espaço geográfico. Como mencionado por Haesbaert (2021) a decoloneidade traz uma crítica a colonialidade do poder. O espaço geográfico, entendido no contexto atual, modificado pelas ações antrópicas é lido como fruto dessas relações, que determina e impõe o poder sobre corpos no viés espacial e territorial, e sobre o próprio espaço geográfico.

Uma crítica e um apontamento interessante para entendermos o espaço pelas trajetórias vividas dos sujeitos está na relação entre espaço e representação trazida por Massey (2005). De acordo com a autora, a representação e a espacialização e a própria espacialidade são entendidas concomitantemente, dialogando entre si. Essa representação traz consigo a ideia das identidades expressadas nas espacialidades e territorialidades de um determinado grupo social. Nesse sentido, abre-se diversos debates para a construção de novos horizontes de pensamento pela perspectiva geográfica. A sexualidade e o gênero são exemplos dessa nova forma de entender, pelo viés da geografia, as espacialidades e territorialidades dentro da temática.

Baseando-nos nos pressupostos de Margarida (1990), consideramos que

a Geografia adere seus estudos sobre gênero e sexualidade a partir dos anos 1980, com o apoio da Geografia Crítica. “As discussões sobre gênero, sexualidade e espacialidade podem ser um interessante caminho para que levantemos nossos olhos de nosso pequeno mundo, para este grande, rico e complexo mundo” (Ornat, 2008, p.2). O debate político e acadêmico sobre sexualidade e gênero está ganhando cada vez mais espaço nas ciências.

O gênero e a sexualidade conseguem também explicar o modo em que nossa sociedade se organiza, não apenas na divisão de classes sociais, mas adentrando na diversidade de sujeitos que compõem cada classe:

Embora a Geografia incorpore com atraso as abordagens de gênero e sexualidade, sua expansão e aceitação tem sido rápida, porque o conceito de gênero permite compreender as relações sociais, especificamente, como os sexos contribuem para reprodução social (Lopes, 2015, p.13).

Para entender as questões referentes a gênero e sexualidade é necessário compreender suas complexidades e suas características. Os espaços e os territórios, possuem características identitárias, contendo assim desigualdades que são estruturais devido à um sistema que contempla apenas um modelo hegemônico no qual, grande parte da população LGBTQIA+ vive marginalizada nesse processo.

Uma característica importante na abordagem do corpo como lugar, é discutida por McDowell (1992), onde um corpo é um espaço que determina sua ocupação, e conseqüentemente sua localização. Sendo assim, esse processo de ocupação resulta na ocupação de um espaço físico, onde ele é percebido e entendido por diversas formas de acordo com o espaço-tempo. O termo corporeidade de acordo com Silva (2009), é baseado na ideia de que o corpo não é algo fixo e acabado, mas sim variável, moldável, sujeito a transformações.

Uma significativa parcela de trabalhos de geógrafas (os), notadamente aqueles vinculados as abordagens pós-modernas, estão investigando os caminhos em que certos corpos são marcados como sendo diferentes ou marginais, adquirindo restrições as suas espacialidades, enquanto outros corpos, julgados normais e neutros, podem ser onipresentes e desenvolver qualquer espacialidade. (Silva, 2009, p. 140)

De acordo com McDowell (1992), a corporeidade está relacionada a

fluidez, representação, e relações entre a própria anatomia e suas identidades sociais. A Sexualidade de acordo com Foucault (1979) está relacionada aos prazeres do corpo, entendendo seus desejos, as identidades. De acordo com o autor, ela é vivida temporal e espacialmente de diversas formas. A abordagem sobre a sexualidade no âmbito da geografia vem superando uma série de preconceitos associados ao tema. De acordo com Silva (2009), houve um crescimento nos trabalhos com o tema associado a sexualidade e ao espaço, porém, com um longo caminho a ser percorrido dentro das conceitualizações e do próprio debate dentro da academia.

Uma autora importante para entendermos as relações estruturais e as questões de gênero é Butler (1990). A autora busca desafiar as noções tradicionais de identidade de gênero e destaca a performatividade como conceito central para compreender a construção social e cultural das categorias de gênero. Baseado em Butler (1990), essa análise se estende para além da desconstrução linguística, mas dialogando com as implicações políticas e sociais do modelo hegemônico.

A teoria de gênero proposta por Butler (1990), revolucionou os estudos de gênero ao desafiar as concepções essencialistas e propor uma abordagem performativa da identidade de gênero. Ou seja, discutindo como a identidade de gênero não é algo pré-existente, mas sim construída e reforçada por prática sociais. Portanto essa abordagem, desafia as noções tradicionais sobre gênero, questionando a fixidez das identidades de gênero e destacando como as normas de gênero são socialmente construídas.

Baseado em Silva (2009) os sujeitos sociais confrontam sua sexualidade resultando em alguns processos que confrontam a heteronormatividade. “Constantemente, os sujeitos sociais confrontam sua sexualidade vivenciada com aquelas que contrariam o padrão vigente, ou seja, a categorização dos seres humanos nos polos masculino e feminino” (Silva, 2009, p. 123). Sendo assim, a sexualidade pode-se mostrar enquanto ruptura de um processo maior, como o patriarcado, a heteronormatividade, entre outros desafios sistêmicos.

De acordo com Rosa *et al.* (2008) a Geografia hegemônica é marcada por uma série de privilégios estruturais de sexo, de raça e gênero que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, de negros (as) e dos (as) que não se encaixam na ordem heterossexual. Dentre os avanços nas

temáticas que englobam a geografia, o gênero e a sexualidade vêm ocupando grande destaque dentro da academia, fora e dentro do contexto brasileiro. Pode-se inferir de acordo com Silva (2014) que a geografia consegue discutir tais temáticas, pois a sexualidade e o gênero se inserem no espaço:

Saber o que é ou não tema passível de ser estudado pela Geografia depende da concepção de ciência que se estabelece por aqueles que possuem o poder de ditar as regras do jogo científico. Para alguns, a Geografia possui um objeto próprio, já dado e construído. Para outros, a identidade da pesquisa com a Geografia se realiza a partir de uma pergunta que se faz à realidade, envolvendo categorias geográficas como espaço, lugar, paisagem, região, território e escala. Portanto, se todas as experiências vividas pelas pessoas possuem uma dimensão espacial e as pessoas experienciam no mundo como seus corpos e seus corpos estão organizados **socialmente** pelo gênero, podemos afirmar que compreender as formas como homens e mulheres experienciam a vida e, por consequência, o espaço, é com toda a certeza profundamente geográfica. (Silva, 2014, p. 98).

Parte-se do pressuposto que a geografia está em toda parte (Cosgrove, 2012), visto que é uma ciência cujo seu principal objetivo é entender as dinâmicas sociais, refletidas no espaço, e suas relações com a natureza. As discussões acerca da sexualidade, gênero e espaço, inicia-se na década de 1970, de acordo com Ornat (2008), tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, desde essa década, tem se consolidado um campo teórico dentro da geografia que estuda tais problemáticas, a Geografia Feminista, citada anteriormente.

Baseado nos pressupostos de Ornat (2008), o espaço é um elemento primordial enquanto reflexo, meio e condição do gênero e da sexualidade. Quando pensamos no espaço imaterial, onde também estão projetadas e materializadas as relações sociais, podemos identificar uma estrutura heteronormativa que condiciona as espacialidades e territorialidades de indivíduos LGBTQIA+. As espacialidades destes sujeitos colocam-se em contraste a heterossexualidade que ocupa o espaço vigente (no campo imaterial), até então invisível (Valentine, 1993). Quando pensamos na sexualidade, devemos entender que ela vai além de um fato (McDowell, 2003), ela é elaborada socialmente e culturalmente, construindo espaços no campo material e imaterial que determina sua existência.

O espaço, de acordo com Corrêa (1995) é produzido por agentes sociais, ou seja, a própria comunidade LGBTQI+ produz e reorganiza espaços, indo do local ao global. Aqui podemos mencionar os grupos sociais ou movimentos

sociais locais e globais que tem no gênero e na sexualidade, o alicerce de suas lutas, tais como: Grupo Gay da Bahia (GGB) até mesmo a Parada do Orgulho LGBTQIA+ de São Paulo que possui alcance mundial. Claval (1999) discorre sobre o território e para ele, tal conceito, resulta da apropriação coletiva de um grupo, e aqui, podemos relacionar com Haesbaert (2014) quando diz que o território é um espaço geográfico dominado e/ou apropriado. Ou seja, as relações sociais dos indivíduos e a ocupação do espaço, é uma forma de se inserir no espaço e no território, sendo também seus corpos frutos da espacialização e da territorialização dos indivíduos LGBTQIA+.

Baseado nos pressupostos de Mondaro (2009) o corpo é o “primeiro” território onde se concretiza as relações sociais e assim, ocorre o controle e dominação de indivíduos e consequentemente de grupos sociais, como a comunidade LGBTQI+. Com essa afirmativa, é possível relacionar com o que Haesbaert (2004) discute, sendo o território e suas territorialidades a materialização do poder concreto, ou seja, o corpo e sua ocupação nos territórios e espaço demonstram relações de poder implícitas no convívio social. É nesse sentido, que corpos produzem e são seus espaços e suas espacialidades e assim, território e territorialidades.

O tema da sexualidade na geografia perpassa diversas subáreas, não sendo única e exclusivamente de um campo de pesquisa, pois o enfoque pode ser político, econômico, social ou cultural. Observa-se que a Geografia Cultural foi o campo de estudo que mais proporcionou debates e avanços sobre essa temática, e por esse motivo seguiremos nessa perspectiva.

Para Claval (1999), a Geografia Cultural manteve uma ruptura nos paradigmas na segunda metade do século XX, o que antes possuía um enfoque nas abordagens materialistas sobre cultura, e pós 1990 um novo enfoque dentro da geografia cultural vem tomando um espaço nas pesquisas acadêmicas, essa perspectiva considera as relações entre “percepções” e “representações”.

De acordo com Pinós da Costa (2020), para entendermos os enfoques citados devemos entender as produções simbólicas e como elas constroem definições e condições, principalmente sobre corpos sociais. Um exemplo a ser citado, é como o próprio Estado e a sociedade em si constroem símbolos que determinam regras sobre tais corpos. Esse processo irá acarretar em novas configurações sociais e em espaços de (r)existências.

No segundo momento, teremos novas configurações de representações sociais produzidas como ressignificações das identidades universais (culturas homossexuais, por exemplo), como recomposições de identidades coletivas e produções de “lugaridades” subversivas. Esses processos implicam produções de “lugares de consumo” e “lugares dos movimentos sociais” que agregam pessoas que conduzem formações simbólicas que ressignificam aqueles atributos que são tidos como transgressores e pejorativos (Bourdieu, 1989), como vistos no trabalho das microterritorializações homossexuais em Costa (2002). (Pinós Da Costa, 2020, P.25)

Sendo assim, esses sujeitos se reterritorializam em novos espaços que se constrói através da sua própria ocupação nos territórios, construindo assim, territorialidades que estão cada vez mais marcadas no espaço, através de símbolos, entidades, e da própria representação. Esse processo de acordo com Pinós da Costa (2020) cria ressignificações dos espaços que são ocupados. Ainda baseado no autor os sujeitos não possuem outra saída a não ser se apagarem nas identificações, construindo outros mundos possíveis mesmo que dentro de um espaço delimitado por outros agentes, muitas vezes repressor. “Estes momentos e eventos espaciais constituem ações e projetos de promoções das visibilidades sociais dos aspectos das novas ressignificações simbólicas das culturas produzidas nos espaços dos marginalizados.” (Pinós da Costa, 2020, p.26). Desse modo, os espaços concebidos à sujeitos marginalizados são construídos através da sua própria ocupação.

Uma outra característica importante sobre as representações sociais é que elas são construídas com base num pensamento hegemônico, mas num movimento contrário, criam-se diversos tipos e processos de identificações com as representações contidas no espaço e no território.

Existem fortes conexões entre ideias produzidas hegemonicamente e as configurações das identificações dos “outros” em sociedade. Além disso, os diferentes corpos e diferentes comportamentos são determinados pelas identidades representadas em outras escalas (e outros tempos) além dos cotidianos imediatos. (Pinós da Costa, 2020, p.27)

Desse modo, conflitos de ideologias de diversos grupos sociais se estabelecem nesses espaços políticos, sociais, culturais. Baseado em Pinós da Costa (2020) as diferenças que se estabelecem apontam para diversas formas de percepções e interpretações, culminando em identidades compartilhadas em

diferentes esferas, agora coletiva, de identificações. Esse processo culmina na desterritorialização, de acordo com o próprio autor.

Um ponto importante a ser mencionado é sobre a diferenciação entre representação e percepção. De acordo com Pinós da Costa (2020) as perspectivas de representações enfatizam a produção, configuração e reprodução com os sujeitos sociais. Já a percepção de acordo com o autor, partem dos sujeitos para os coletivos e o social.

Nos estudos de percepções evidenciamos os enfoques das singularidades e tudo que partem/estão delas/nelas (percepções e suas interpretações). Nas Geografias das percepções temos que os espaços são percebidos e interpretados (fica, então, a pergunta: sob qual/quais “luz”/“luzes” é/são interpretado(s) (Pinós da Costa, 2020, p.28)

2.2 CORPO-TERRITÓRIO

A dinâmica que caracteriza o território é marcada por diversos processos os quais são passíveis de estudos e análises. A partir desses entendimentos, o conceito de corpo-território (Haesbaert, 2021), torna-se central para entendermos como cada indivíduo se insere no espaço geográfico e como sua existência determina o seu próprio território, o território simbólico como dito por Haesbaert (2007). O entendimento sobre território nesse contexto vai muito além da simples delimitação de escala ou a lógica estatal do território, aqui se insere no direito e defesa da vida e da existência.

De acordo com Haesbaert (2021) o conceito de corpo-território vai além do território físico, está no campo imaterial, das ideias, das identidades. Tais motivos influenciaram a entender como o conceito de corpo-território se insere na realidade desses indivíduos, a partir de suas (r)existências. Nesse processo, a geografia das (r)existências e das resistências, pode auxiliar na problemática acerca desses corpos como mencionado anteriormente.

Existe uma relação muito forte entre o conceito de corpo-território e a geografia das (r)existências e resistências. De acordo com Haesbaert (2021), nesse viés, pode-se entender o território através da esfera do vivido, das práticas e do seu próprio uso. Nesse sentido, expressa um valor simbólico onde o corpo é tido como uma escala de análise geográfica.

Um traço da episteme de(s)colonial que nos interessa muito de perto aqui é dar voz aos invisibilizados, aos grupos subalternos e suas formas de saber. Daí tratarmos o território, nessa ótica, como territórios de r-existência, retomando expressão difundida por Carlos Walter Porto-Gonçalves. (Hasbaert, 2021, p.162)

A geografia da sexualidade surge enquanto discussão no meio acadêmico, mais especificamente na geografia, através da geografia feminista e a luta por representatividade. Nesse sentido, a geografia da sexualidade e da (r)existência perseguem pelo mesmo caminho da própria geografia feminista.

Uma outra característica relacionada a esta temática são os processos decoloniais, que são refletidos e materializados no espaço geográfico. Como mencionado por Haesbaert (2021) a decoloneidade traz uma crítica a colonialidade do poder. Nesse sentido, o conceito de corpo-território e a geografia, pode contribuir para entendermos a espacialização e territorialização de indivíduos, grupos, no espaço geográfico, contido de desigualdades. Essas desigualdades, são refletidas nos corpos LGBTQIA+ - visto que é o objeto de pesquisa do autor – através de mortes, do próprio poder, do patriarcado, e do machismo estrutural vigente na nossa sociedade.

Para analisarmos o território na concepção do corpo-território devemos entendê-lo através da multidimensionalidade. “Dimensões que vão do físico ao mental, do social ao psicológico e de escalas que vão desde um galho de árvore ‘desterritorializado’ até as ‘reterritorializações absolutas do pensamento” (Haesbaert, 2004, p. 38). De acordo com o autor, é possível entender o território através das múltiplas análises.

Portanto, as possibilidades para o estudo da sexualidade na Geografia são multiescalares, pois podem partir das questões que compõem os arranjos jurídico-político de um Estado Nação, ao criar e regular tais expressões no território, como criação de leis como crimes homofobia, casamento de pessoas do mesmo sexo entre outros. E ainda, podem partir da análise do corpo e de sua espacialidade no cotidiano, percorrendo sua trajetória de vida e as temporalidades das suas interações espaciais.

2.3 GEOGRAFIA E INTERSECCIONALIDADE: ANÁLISE DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XXI

Outra discussão essencial é a possível argumentação do corpo como uma categoria de análises e as corporeidades existentes, entendendo também as interseccionalidades que circundam todo esse processo, ou seja, as questões de gênero e as relações étnico-raciais.

A corporeidade, classe, gênero, são elementos interligados e complexos que desempenham papéis fundamentais na formação da identidade e nas experiências dos indivíduos. Portanto, tal tríade, configuram o modo em como os indivíduos vivenciam seus corpos e se encaixam na sociedade.

A discussão do corpo enquanto categoria útil de análise para a geografia apresenta-se nos debates mais recentes dentro da própria ciência, assim como a própria geografia das sexualidades. Pequeno (2023) irá questionar se seria possível estudar o espaço geográfico sem fazer referência ao corpo, o próprio diz que sim visto que a própria geografia foi consolidada enquanto ciência descorporificada.

De acordo com Haesbaert (2021), principalmente no que tange a geografia latino-americana, somente são os estudos mais recentes que deram maior destaque a discussão sobre o corpo e a corporeidade, que é definida por Lindón (2012) como uma “linguagem estrutural que transpassa o corpo” (Lindón, 2012, p.703). Essa leitura feita pela autora está centrada nas práticas cotidianas dos corpos. “Na Geografia, apesar de há muito mais tempo a temática do corpo ter sido objeto de tratamento (por exemplo, na Geografia comportamental e humanista), ela só foi adquirir maior centralidade a partir dos anos '90.” (Haesbaert, 2021, p.164). Sendo assim, o debate sobre a corporeidade dentro da geografia brasileira enquanto instrumento de análise é uma discussão recente e que ainda vem trilhando seus caminhos dentro da ciência.

Uma discussão importante também trazida por Haesbaert (2021) é que no viés das diversas repressões que corpos podem sofrer, é nele mesmo que são materializadas essas ações. Sendo assim, ainda de acordo com Haesbaert (2021) a corporeidade está profundamente ligada com as questões de classe, raça e gênero.

Desse modo, os corpos podem ser vistos de acordo com Haesbaert

(2021) como categoria de análise dentro da geografia, enquanto um território:

Os corpos e os territórios são ontologicamente um todo” (p. 4), fica claro que tanto o corpo ou a corporeidade, em um sentido relacional, pode ser tratada como um território (“primeiro território”, ela dirá a seguir, indiretamente problematizando a ideia de “útero-território”), como pode também ser distinguido (mas nunca dissociado) de territórios em sentido mais amplo, correspondentes de forma explícita aos diferentes ambientes em que nossos corpos (individuais ou em grupo) encontram-se envolvidos. (Haesbaert, 2021, p.178)

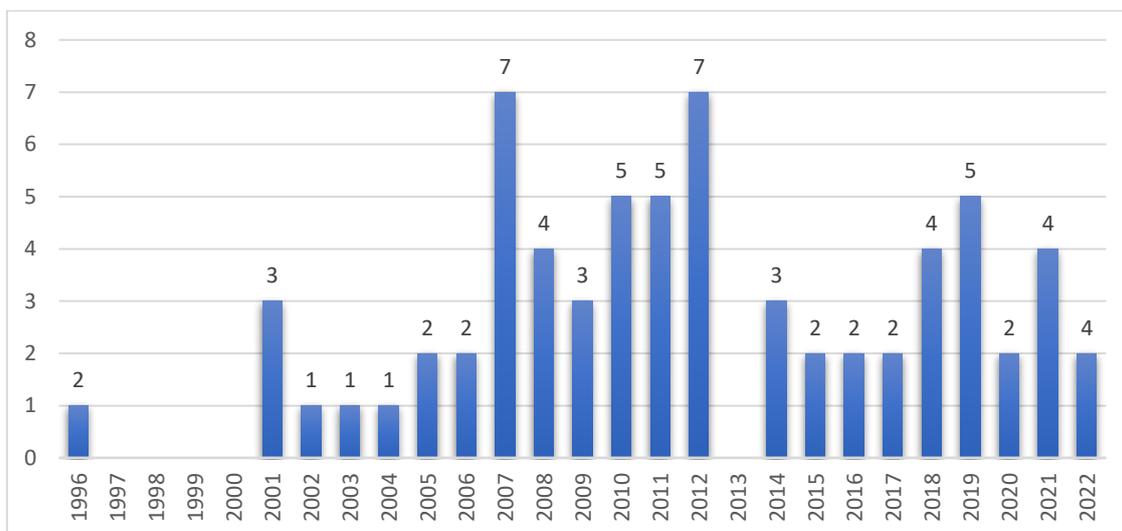
Visto que o corpo pode ser lido como um território que é explorado, que contém relações sociais, culturais, o poder também acaba sendo uma discussão central para entendermos o corpo e a corporeidade. Haesbaert (2021) traz em suas discussões sobre Foucault que já possui certa relação na discussão sobre o poder e o corpo. “Outro filósofo que, em distinta linha teórica, destacou a grande relevância do corpo no jogo das relações de poder, foi Michel Foucault. Para ele, o corpo “está diretamente mergulhado em um campo político” (Haesbaert, 2021, p. 166). Desse modo, o corpo e a corporeidade podem ser analisados através de uma visão fenomenológica, além de uma visão mais centrada no campo político do que é o corpo.

A interseccionalidade entra na discussão para contribuir com as demais identidades que se materializam nos mais diversificados corpos. Desse modo, a discussão sobre raça a qual caminha lado a lado com as questões de gênero, torna-se importante devido à complexidade e os diversos tipos de corpos que possam ser analisados.

As discussões sobre as “interseccionalidades” apresentam-se como formas de constituições de identidades que se articulam com diferentes feixes nas quais outras identificações entram em disputas, principalmente nos debates das mulheres negras e das relações de classes nas composições das demandas das políticas feministas. (Pinòs da Costa, 2020, p.26)

No gráfico 1, demonstramos como o tema étnico-racial que caminha concomitante com as discussões de gênero e sexualidade vem sendo discutidas pela geografia brasileira, para essa pesquisa, usou-se a palavra-chave “étnico-racial” nas dissertações e teses defendidas nos Programas de Pós-graduação em Geografia do Brasil.

Gráfico 1 - Dissertações e Teses na Área de Avaliação da Geografia com a palavra-chave "Étnico-Racial", 1996-2022



Fonte: Catálogo Capes. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>

Como demonstrado no gráfico acima, houveram dois picos entre 2007 e 2012, respectivamente, nas discussões sobre as relações étnico-raciais em programas de pós-graduação em geografia, seguidos por um declínio nos anos de 2014 à 2022, apenas com um pico de 5 trabalhos em 2019.

De acordo com Valentine (1993) a interseccionalidade é um caminho de possíveis análises que possibilita uma abordagem mais complexa que envolve diversas identidades que definem e redefinem o espaço, os territórios, os lugares e a própria paisagem. De acordo com Silva (2009):

O conceito de interseccionalidade passa a ser utilizado como uma atitude metodológica de articular as diferentes categorias sociais vivenciadas pelos seres humanos e evidenciar que essas articulações resultam em diferentes experiências. (Silva, 2009, p.108)

Ainda baseado nos pressupostos de Silva (2009) o espaço é uma categoria essencial no enriquecimento do conceito de interseccionalidade, e num outro caminho, o próprio conceito pode ajudar a enriquecer as análises geográficas, de acordo com Silva (2009) "(...) contemplando a diversidade, a fluidez, e as complexidades das identidades sociais." (Silva, 2009, p.112). Sendo assim, o próprio conceito de interseccionalidade está intimamente ligado com o de identidade.

Quando pensamos na pesquisa em geografia, as discussões sobre os conceitos e as categorias de análise e seu principal objeto de estudo – espaço – tende a compreender e tentar solucionar alguma problemática que acontece ou está acontecendo num determinado contexto histórico no que é denominado pelos autores como espaço geográfico. Esse processo da pesquisa, culmina na importância e relevância desses estudos, visto que as relações sociais são construídas no espaço (Santos, 1996; Souza, 2015).

De acordo com Reis *et al.* (2002) a pesquisa científica busca procurar soluções para uma devida problemática.

Os requisitos básicos para o planejamento de uma pesquisa são: escolha do tema, delimitação do assunto, levantamento ou revisão bibliográfica, formulação do problema, construção de hipóteses, indicação das variáveis, delimitação do universo (amostragem), seleção dos métodos e técnicas a serem aplicados, bem como avaliação e interpretação dos resultados por meio de análise estatística adequada. (Reis, Ciconelli E Faloppa, 2002, p. 51)

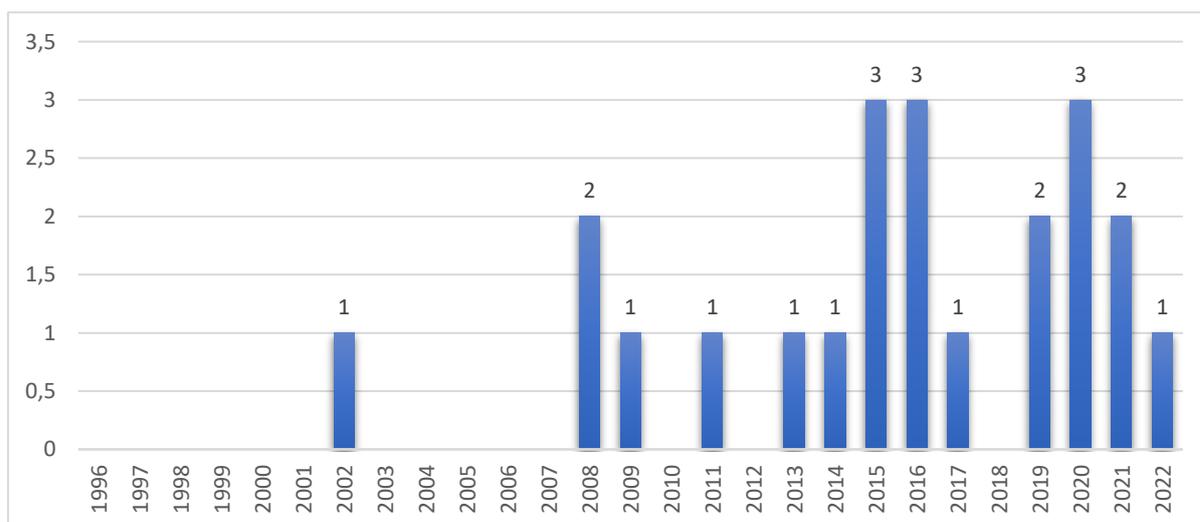
Como demonstrado pelos autores, tais requisitos quando pensados através do objeto de pesquisa e do problemática envolvida pode-se culminar na solução desses problemas, o que está diretamente relacionado com a importância social da pesquisa científica. A formulação do problema e a construção de hipóteses, quando pensado no viés da geografia, tende a compreender essas problemáticas que se materializam no espaço geográfico. Um exemplo disso são as disputas territoriais entre grandes empresas produtoras e o pequeno produtor, ou médio. Um outro exemplo, são os conflitos gerados pela demarcação de terra indígena no nosso país. A geografia tendo seu objeto de estudo principal o espaço geográfico, pode contribuir e demonstrar a relevância de suas pesquisas através da compreensão e análise da realidade.

As discussões acerca dos estudos e pesquisas sobre a comunidade LGBTQIA+ e as questões de gênero através do viés geográfico no Brasil ainda caminha com passos lentos. De acordo com Ornat (2008) tais discussões não tem ganhado voz tanto no formato de publicação em periódicos como também, trabalhos orientados nos programas de Pós Graduação em Geografia no país. Ainda baseado nos pressupostos de Ornat (2008), após uma busca no Portal de Dissertações e Teses da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações desde 1987 até 2008, foram publicados trinta e três trabalhos envolvendo tal

temática no viés geográfico.

De 2008 até 2022, na temática LGBTQIA+ foram constatados 17 trabalhos, sendo 70% dessas pesquisas após 2015, demonstrando como é recente a pesquisa sobre sexualidade dentro da geografia brasileira. Possuindo 5 trabalhos na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 4 na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e 1 nas demais universidades: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), UNESP, Universidade Federal do Mato Grosso (UFMS), PUC-RIO, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF). No gráfico 2, há o número de dissertações e teses dentro da área de avaliação da geografia com o título ou palavra-chave LGBTQIA+.

Gráfico 2 - Dissertações e Teses na Área de Avaliação da Geografia com título ou palavra-chave LGBTQIA+ 1996 – 2022



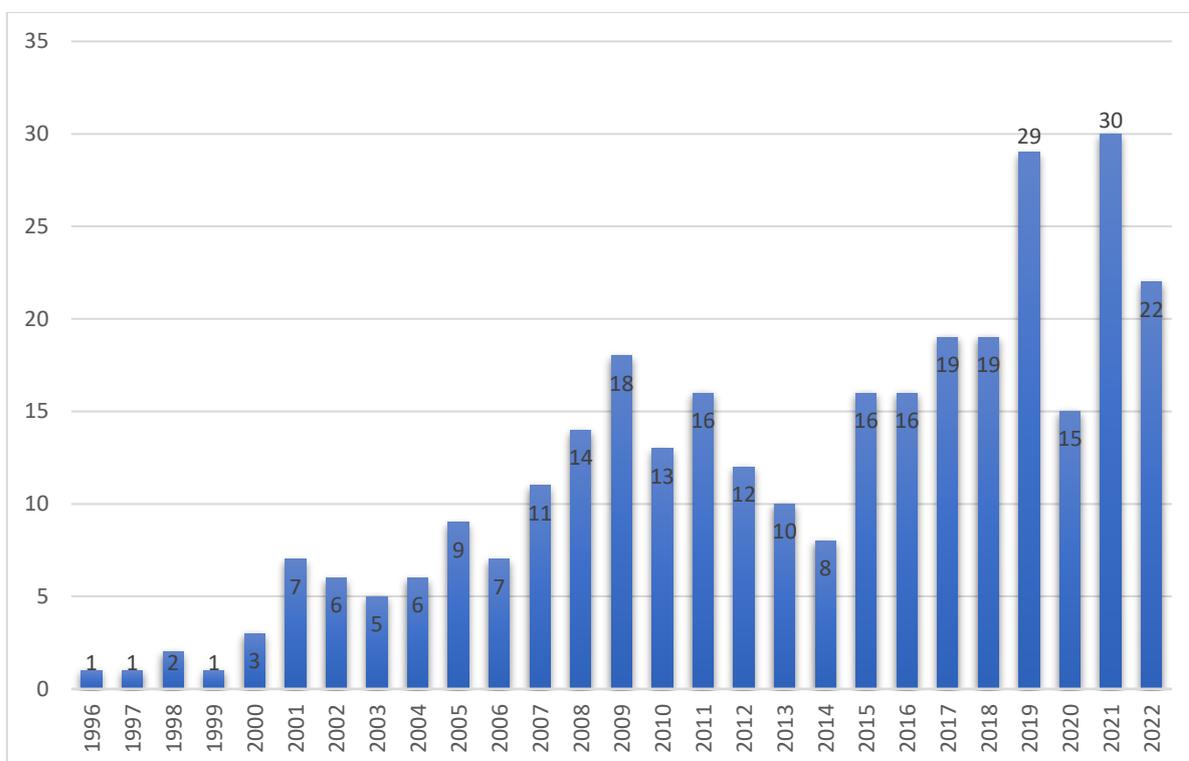
Fonte: Catalogo Capes. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>

Para a construção do gráfico foi feita a busca utilizando os termos "lgbtqia+" "gls" "lgbt" "gay" "lésbica" "homossexual" "travesti" "transsexual". Um caráter interessante demonstrado no gráfico é que de 1996 à 2007, apenas 1 trabalho foi encontrado no Catalogo da Capes, com a busca pelos termos. Os trabalhos começam a serem publicados a partir de 2008, com um avanço em 2010, ano também que foi criada a Revista Latino-Americana de Geografia e

Gênero.

As discussões sobre gênero na geografia brasileira possui maiores bases conceituais, epistemológicas e uma maior quantidade de teses e dissertações que discutem sobre tal temática. Através de uma pesquisa feita no catalogo de teses e dissertações da CAPES, desde 1997 até 2022 na avaliação da geografia com a palavra-chave gênero foram encontradas 245 pesquisas sobre o assunto, conforme mostra o gráfico 3.

Gráfico 3 - Dissertações e Teses na Área de Avaliação da Geografia com o título ou palavra-chave "Gênero"



Fonte: Catálogo Capes. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>

Foi feita a busca utilizando os termos "gênero" "feminista" "mulher". Como percebido através do gráfico, a geografia feminista foi capaz de consolidar-se melhor na própria ciência através das teses e dissertações. Apesar de uma queda entre 2012 à 2014, é possível perceber que os trabalhos possuem uma característica de crescimento entre 1996 à 2022.

Como foi dito nos tópicos anteriores, a discussão acerca da geografia da sexualidade é construída dentro do movimento feminista que também possui

uma corrente de pensamento dentro da geografia. Ou seja, a discussão de gênero e sexualidade caminham se compondo e se contrapondo dentro das mais diversificadas análises sobre espacialidade, territorialidade, gênero, sexualidade, corporeidade e a interseccionalidade.

As discussões sobre gênero dentro do campo da geografia têm como marco inicial a luta contra a desigualdade de gênero, o papel da mulher nas relações sociais, além da dominação e subordinação de tais corpos, levando em consideração o modelo patriarcal. Uma questão importante para esse momento inicial foi trazida por Silva (2009) onde a autora diz que o gênero é um elemento estruturante na realidade socioespacial. Porém, dentro da geografia hegemônica, e ainda muito ligada aos preceitos do patriarcado, essas ideias ainda demoraram a se concretizar dentro da ciência, e que ainda vem percorrendo esse caminho. De acordo com Silva (2009), a aceitação no meio acadêmico sobre as ideias feministas sobre a realidade socioespacial não foi uma tarefa simples. Isso se leva ao fato de que boa parte da elite intelectual dos anos 1980 e 1990 era majoritariamente homens, e os estudos feministas ficavam em segundo plano nesse início.

A partir dessas primeiras discussões sobre gênero, Silva (2009) traz a concepção de Butler (1990) sobre gênero onde as autoras dizem que a discussão deve ir além da dualidade masculino e feminino, mas sim, entendendo o gênero como um mecanismo regulador, ou uma ficção reguladora. Esse princípio de acordo com as autoras citadas possuem um movimento específico, se naturalizam as noções de masculinidade e feminilidade e pode servir como ferramenta de desconstrução e de desnaturalização dessas noções. Esse movimento e essas noções desencadeiam em duas discussões importantes: a sexualidade e a identidade.

Seu argumento está fundamentado na ideia de que as identidades de gênero são instáveis, que elas estão em permanente transformação e que o distanciamento do conceito de gênero das noções de dualidade pode ampliar o campo semântico de gênero, incluindo, assim, pessoas que não se enquadram nos eixos binários naturalizados. (SILVA, 2009, P.41)

Baseado em Silva (2009) o movimento feminista da geografia ampliou e demonstrou as diferenças sociais que marcam o espaço e o território,

consequentemente as espacialidades e as territorialidades, em qualquer escala adotada para análise.

Um dos geógrafos pioneiros a iniciar a discussão sobre sexualidade no âmbito da geografia no Brasil foi Miguel Ângelo Ribeiro. De acordo com Ornat e Silva (2015) a produção acadêmica e científica ligada a geografia das sexualidades representa apenas 0,49% de uma amostra de 13.000 artigos levantados no Grupo de Estudos Territoriais. De acordo com os autores citados, o tema vem sendo debatido com mais frequência dentro da geografia na primeira década do século XXI.

Nos anos 1990, mais precisamente no ano de 1995 ocorre a publicação do primeiro artigo na área das sexualidades, juntamente com Rogério Botelho de Matos. A publicação ocorreu na Revista *Boletim Goiano de Geografia*. Posteriormente, nos anos de 1997 e 1998 continuou a publicar sobre a temática nas revistas *Território* e *GeoUerj*, consagrando como pioneiro nos estudos de sexualidade na geografia brasileira.

Já no começo de suas discussões, Matos e Ribeiro (1995) discutia sobre a prostituição homossexual no centro do Rio de Janeiro. De acordo com o autor, a área central do Rio de Janeiro é caracterizada pela concentração de atividades comerciais, serviços, terminais de transportes, onde a vida urbana toma sua forma física nos processos urbanos que ali ocorrem. Durante o dia, de acordo com Matos e Ribeiro (1995), a paisagem possui suas funções, cumprindo papéis importantes para o cotidiano, porém a noite, esse conteúdo modifica-se para atender outras demandas que ali se fazem presentes. Baseado na pesquisa do autor sobre a prostituição na área central do Rio de Janeiro, a paisagem que ali se forma durante a noite é marcada por uma população que vive marginalizada. “Muitas vezes, esta população “marginal” mistura-se com boêmios, intelectuais, políticos, militares, “crentes”, homossexuais (...)” (MATOS, RIBEIRO, 1995 P. 58). Sendo assim, é possível entender que os lugares e os espaços são produzidos a partir dessas vivências diurnas e noturnas em um mesmo lugar.

Uma discussão importante já trazida por Matos e Ribeiro (1995) em seus estudos sobre a geografia das sexualidades é sobre os múltiplos uso dos territórios. De acordo com o autor, observa-se a coexistência de diversos usos e de diversos territórios e territorialidades. Baseado em Matos e Ribeiro (1995), no período diurno de segunda a sábado, a área central do Rio de Janeiro é

caracterizada pelos grandes fluxos de carros e de pessoas. Já a noite, de madrugada, e principalmente nos finais de semana, esse mesmo território, se transforma em diversos territórios e territorialidades de grupos socialmente excluídos. Uma problemática levantada pelo autor, é que muitas vezes esses territórios acabam sendo espaços de violência. Matos e Ribeiro (1995) em sua pesquisa mostra como esses territórios está ligado ao medo e a violência ao mencionar os “territórios do medo”, em decorrência da violência praticada por demais grupos, ou os que ali se inserem, além da atuação da polícia como órgão repressor.

Duas obras são essenciais no período inicial da discussão das geografias das sexualidades no Brasil, ambas sendo de Miguel Ângelo Ribeiro. A primeira obra é o livro “*Território e Prostituição na metrópole carioca*” de 2002 e “*Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na geografia brasileira*”.

Um outro autor importante que discute sobre gênero, espaço e sexualidade é Marcio Jose Ornat. Uma das principais obras de Ornat (2008) no começo da discussão sobre a geografia das sexualidades no Brasil é intitulada como “*Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista*” de 2008. Nessa obra o autor, discute sobre a relevância dos estudos sobre sexualidade em outros países no contexto em que publicou seu texto. Sendo assim, o autor inicia seus estudos sobre a geografia da sexualidade com a ideia de que os estudos de gênero e sexualidade são uma interessante possibilidade geográfica, ajudando até na compreensão das especificidades, de acordo com o próprio Ornat (2008).

Em sua obra já citada, Ornat (2008) irá trazer um panorama histórico da discussão do tema sexualidade dentro da geografia, buscando suas raízes na geografia inglesa e norte-americana. Em um outro ponto, o autor irá trazer reflexões sobre a produção geográfica em gênero e sexualidade, apontando as principais discussões que estavam sendo feitas.

No mesmo contexto que Ornat (200), outra geografa que debruçou seus estudos sobre gênero e sexualidade num viés geográfico foi Joseli Maria da Silva. Uma de suas principais obras sobre o tema tem o título de “*Geografia Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*” de 2009. A autora em seu livro irá trazer diversas discussões acerca do corpo, corporeidade, as questões de gênero, geografia feminista, sexualidades, espacialidades e

também as territorialidades. Em um primeiro momento, Silva (2009) concentra a discussão na pluridiversidades sobre gênero e sexualidade, além disso, discute sobre a ausência no discurso geográfico sobre a temática de gênero e sexualidade.

Outro importante autor para a geografia da sexualidade no Brasil é Benhur Pinós da Costa. Além das suas obras relacionadas ao tema de gênero, sexualidade e geografia, o autor também discute como esses temas influenciam na Geografia Cultural e na Nova Geografia. Em um dos seus primeiros trabalhos sobre o tema, intitulado como "*Territorialidades, representações do mundo vivido e modos de significar o mundo: reflexões sobre geografia e homoerotismo, representações e territorialidades.*" de 2008, o autor irá discutir sobre as microterritorializações formadas por esse grupo e toda a problemática que se insere no processo de ocupação desses corpos nos espaços. Aqui, conseguimos relacionar o que já foi dito por Haesbaert (2007) sobre o processo "*T-D-R*" (Territorialização, desterritorialização e reterritorialização), pois essas microterritorializações vem desse processo.

Um outro trabalho importante de Benhur Pinós da Costa, foi o artigo recente intitulado como "*Perspectivas relacionais em geografias culturais e em estudos sobre as microterritorialidades das homossexualidades.*" de 2020. Nessa obra o autor irá discutir novamente sobre microterritorialidades, levando em conta o que está sendo proposto pela geografia cultural, através de uma base fenomenológica e de percepção sobre as espacialidades e territorialidades que são formadas pelo grupo que é seu objeto de pesquisa.

Todos os autores citados possuem certa ligação com o Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidade. Ao total já foram cinco edições do seminário que contava com temas como: Gênero e movimentos sociais urbanos e rurais, sexualidades e escola, relações de gênero, política e poder na gestão de territórios, gênero, trabalho e poder, raça e religiosidade, sexualidade, gênero e geografia *queer*, imigração e gênero, gênero e pesquisa em geografia.

Além do que foi citado no parágrafo acima o Seminário Latino-americano de Geografia, Gênero e Sexualidade, busca promover o conhecimento científico com as realidades das corporeidades, gerando reflexões críticas de forma coletiva que abrangem a área geográfica, gênero, espacialidade e escala do corpo, podendo mesclada de forma interdisciplinar com outras ciências e

disciplinas.

Uma das fontes iniciais sobre a discussão da sexualidade e gênero dentro da geografia brasileira se dá através da Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero. O principal objetivo da revista é publicar artigos científicos relacionados a área da geografia, gênero e sexualidades que contribuem com o desenvolvimento teórico e metodológico deste viés. A revista tem sua primeira edição em 2010 e possui publicações semestrais composta por seções de artigos, resenhas e entrevistas.

3 TERRITÓRIO, TERRITORIALIDADES E A RELAÇÃO CORPO-TERRITÓRIO.

No capítulo 3 será discutido sobre as territorialidades e a relação do conceito de corpo-território.

Diversas correntes teóricas exploram o conceito de território e territorialidade a partir de diversas óticas e abordagens. Tanto os pensadores positivistas, materialistas, estruturalistas, até os que desempenham uma análise mais subjetiva podem direcionar atenção ao território para suas pesquisas, análises e estudos. O território como mencionado por Sack (1989), Raffestin (1983), Haesbaert (2004) entre outros autores, pode ser entendido por diversas primas, indo desde o local ao global, de questões específicas até uma abordagem mais abrangente.

3.1 TERRITÓRIO

Diversas ciências estudam o território com diversas finalidades, para entender sobre um determinado fenômeno social ou físico que se insere em um espaço. Nesse contexto, o território abrange diversos significados, indo desde uma simples demarcação até uma representação simbólica, expressando laços de pertencimento.

Porém, para entendermos como desenvolveu-se o conceito de território com análises mais subjetivas, é necessário compreender a abordagem clássica sobre o conceito de território.

O conceito de território na Geografia Clássica, desempenha um papel fundamental na compreensão da geografia enquanto disciplina e da forma como o próprio espaço é estudado. De acordo com Ratzel (1896) o território é um organismo vivo, crescendo e desenvolvendo-se, o autor compara o território com um organismo biológico. Baseado em Ratzel (1896), as nações expendem seus territórios em busca de recursos e espaços para acomodar sua população. Para Ratzel “O território é um elemento fundamental para a expansão das nações, permitindo-lhes estabelecer seu domínio” (Ratzel, 1896, p.45)”, sendo aqui, um início da relação entre território e poder político.

Outra abordagem clássica, de fundamental importância de Ratzel (1896) é do território como um espaço vital. Sem esse espaço, as nações não poderiam

ser entendidas até como uma própria nação.

Na visão de La Blache (1921), é de fundamental importância o estudo das paisagens e da interação entre as pessoas e o meio ambiente. Para o autor, o território representa uma parte essencial da identidade de uma comunidade ou de uma nação. La Blache (1921) ainda enfatizou a relação entre território e cultura. De acordo com o autor, o ambiente molda as sociedades e, ao mesmo tempo, é moldado por elas.

De acordo com La Blache (1921), é de fundamental importância entendermos a ligação entre território e cultura. “O território é inseparável da cultura e da identidade de um grupo, moldando suas tradições e modos de vida.” (La Blache, 1921, p.72). Sendo assim, o autor destaca a importância de entendermos os valores culturais embutidos num determinado território.

A relação entre território, cultura e identidade é uma das principais colaborações de La Blache (1921) para o conceito de território. “O território é intrínseco à cultura de um povo, influenciando seus costumes e tradições.” (La Blache, 1921, p.71). Sendo assim, o autor ressalta que o território não é apenas um espaço físico, mas também um componente cultural passível de análise. “O território é uma expressão física e cultural da identidade de uma comunidade, moldando seus valores e práticas” (La Blache, 1921, p.72). Nessa citação, o autor afirma mais uma vez a relação entre território e identidade.

Um outro autor clássico de suma importância para o entendimento do conceito de território é Hartshorne (1939), o autor enfatizou a análise da localização e da distribuição dos fenômenos geográficos e espaciais. O autor desenvolveu a ideia de que o território é um espaço organizado, com fronteiras que são delimitadas, possuindo características específicas, dando uma grande importância aos fenômenos espaciais.

De acordo com Hartshorne (1939) “O território representa um espaço organizado, com fronteiras definidas e características específicas, desempenhando um papel fundamental na organização do espaço geográfico” (HARTSHORNE, 1939, p.112). Como visto, o autor destaca a importância do território enquanto uma delimitação. Além disso, Hartshorne (1939) afirma que o território reflete as complexas relações entre a sociedade e o meio ambiente.

Nesse contexto, o território é um sistema que engloba tanto os aspectos físicos como político-sociais e culturais, uma vez que também se comunica por

símbolos. O território então, desempenha um papel fundamental na definição das relações sociais, e ao mesmo tempo, é moldado por elas. Nesse processo relacional e complexo, o território se estabelece com um espaço onde os indivíduos ou grupos sociais podem manifestar suas territorialidades, até influenciando pessoas, fenômenos ou relações sociais.

Um importante autor para a compreensão do conceito de território foi Sack (1986). O autor nos apresenta o território como uma área geográfica resultante da aplicação de estratégias para afetar, influenciar e controlar indivíduos ou grupos sociais. Para Sack (1986), o território além de um sistema físico é um sistema sêmico, ou seja, o território não é apenas um espaço físico, mas sim, o resultado de um programa intencional de aplicação de energia e de estratégias que produzem o território.

Uma certa semelhança é possível observar entre Sack (1986) e Raffestin (1993), o primeiro autor afirma que os territórios são formas construídas socialmente, as relações e a dinâmica espacial dependem de quem está controlando o determinado território. Como afirma o autor, a “[...] territorialidade aponta para o fato de que as relações humanas no espaço não são neutras” (Sack, 1986, p. 26).

A intencionalidade que vem por trás das estratégias territoriais também tem destaque com Raffestin (1993) e Sack (1986) ao discutir sobre territorialidades. Isso fica evidente na discussão de Sack (1986) “O território não é algo autosuficiente, é construído e reconstruído por meio da prática social” (Sack, 1986, p.67). Sendo assim, o caráter eminentemente político na discussão acerca do conceito de território caminha em conjunto com a ideia de controle. “O conceito de território pode ser abordado por diversas maneiras, mas, em última instância, envolve a questão do controle. (Sack, 1986, p.43). Sendo assim, apesar das diversas características que determinam um território, ambos os autores discutem sobre a visão relacionada ao poder e ao controle territorial.

O território ele é formado a partir do espaço geográfico. De acordo com Raffestin (1993), ele é articulado com o conceito de poder. Um território possui fronteiras bem delimitadas, por fatores políticos, sociais, culturais ou econômicos. Ou seja, as relações sociais são controladas por quem detém o poder sobre o território, como por exemplo, o capital, o Estado, entre outros agentes. Um território possui relações com outros territórios, de acordo com

Santos:

[...] O território termina por ser a grande mediação entre o Mundo e a sociedade nacional e local, já que, em sua funcionalização, o "Mundo" necessita da mediação dos lugares, segundo as virtualidades destes para usos específicos. Num dado momento, o "Mundo" escolhe alguns lugares e rejeita outros e, nesse movimento, modifica o conjunto dos lugares, o espaço como um todo (Santos, p.230, 1996).

O conceito de território está intimamente ligado com fatores políticos, econômicos, sociais e culturais, pois são neles que todas esses agentes são projetados. De acordo com Haesbaert (2009), é um conceito estudado não só pela ciência geográfica como por diversas outras ciências.

Baseado no autor, a geografia estuda o território em suas múltiplas dimensões, enfatizando a materialidade. A ciência política estuda o território com base nas relações de poder, a antropologia, no estudo das comunidades tradicionais, entre outros.

Para compreender o conceito de território, temos que partir do princípio que o conceito é abrangente. Ainda baseado em Haesbaert (2009), o autor agrupa as várias noções de território para melhor compreendê-las. O primeiro entendimento sobre o território é que ele é político, referindo aqui as relações de poder. “[...] O território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes – mas não exclusivamente – relacionado ao poder político do Estado.” (Haesbaert, p. 40, 2009). A segunda noção de território do autor é que ele é cultural, de acordo com Haesbaert (2009), aqui o território seria o produto da apropriação de um grupo em relação ao espaço vivido. Ou seja, está intimamente ligado a relação do homem com o meio em que vive, ou seja, seu território delimitado. A terceira noção de território do autor é a econômica, onde analisa a dimensão espacial das relações econômicas.

A perspectiva idealista do território geralmente está ligada, de acordo com Haesbaert (2009), a vida dos indivíduos ou grupos com o próprio território. Para explicar, o autor dialoga sobre a sociedade indígena, onde o território é parte de sua existência.

Uma análise discutida por Haesbaert (2009) é do território numa perspectiva integradora. Nessa concepção, o território não pode ser concebido

estritamente natural, ou apenas pela análise política, cultural e econômica, mas sim através de uma perspectiva integradora entre diferentes dimensões das escalas sociais.

Uma perspectiva da análise territorial feita primeiramente por Raffestin (1993) e discutida por Haesbaert (2009) é do território como um campo de ação dos trunfos, pensando na perspectiva de recursos naturais, entre outros.

Além disso, de acordo com Haesbaert (2009) a visão relacional do território é de suma importância para compreendermos o conceito na sua complexidade. Distinta da visão absoluta, onde o território é analisado pelo objeto físico ou substrato material, a visão relacional é inserida dentro das relações social-históricas, onde as relações de poder se estabelecem.

Uma das perspectivas que Haesbaert (2009) analisa o conceito de território, é através de uma visão idealista. Nessa perspectiva, o autor fala dos “poderes invisíveis” que se fixam no território. As ideologias acabam sendo delimitadas pelas fronteiras de um Estado na visão do autor.

Uma noção importante discutida por Haesbaert (2021) é a multiterritorialidade, de acordo com Haesbaert (2021) esse conceito irá discutir sobre a “...vivência simultânea ou sucessiva de múltiplos territórios, significando também que podemos nos territorializar pela repetição do movimento.” (Haesbaert, 2021, p. 274). Nesse sentido, o autor discute que a partir da multiplicidade de territórios, em diversas escalas geográficas e de análises, possibilita indivíduos ou grupos sociais a usufruir de diversos territórios, no campo material e imaterial.

Baseado em Haesbaert (2021), uma das maiores contribuições da perspectiva latino-americana sobre o território é a ênfase a multiplicidade das condições que são estabelecidas para a materialização das relações exercidas entre espaço e poder. De acordo com o autor, o que podemos ver no atual contexto é que grupos subalternos cultural/territorialmente, que através de suas práticas e lutas para (r)existir, “...incitam-nos a compreender e elaborar novas concepções de território, sempre pautados pela multi ou pluriterritorialidade” (Haesbaert, 2021, p.155).

Duas outras noções, não menos importantes, são discutidas por Haesbaert (2021) que é a noção de interterritorialidade e transterritorialidade. A primeira, de acordo com o autor “destaca o “estar entre” ou o viver

concomitantemente em espaços “de fronteira”, entre distintos territórios” (Haesbaert, 2021, p.336), e a segunda noção, de acordo com o autor, enfatiza a internalização do movimento, de trânsito “... travessia ou passagem entre diferentes territórios e territorialidades.” (Haesbaert, 2021, p.336). Sendo assim, as territorializações, pautadas muitas vezes por grupos subalternos dentro de um sistema político, acaba ocorrendo de forma diferente, pautando nas noções discutidas anteriormente.

Uma outra visão, atribuída a análise territorial é a relação entre território e poder. “[...] O território é fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir das relações de poder” (Souza, p.78, 2015). Ou seja, vivemos em disputas territoriais constantes, desde os primórdios das civilizações.

A luta por território, pelo espaço delimitado, é a busca pelo poder, de acordo com o autor. De acordo com Arendt (1979), o conceito de poder está indevidamente ligado a violência, baseado na autora, o poder conquistado se exerce sem forças brutais. Ele é concebido à um grupo enquanto esse se mantém unido de modo que o poder jamais é propriedade de um indivíduo, e sim de um grupo.

A leitura sobre poder da autora, remete a força dos movimentos sociais na busca pela transformação, pois indica que se os movimentos sociais se mantiverem unidos, eles têm mais forças de exercerem seu poder perante o Estado, ou perante o território. O território é a conjunção de espaço e poder. “[...] O poder só se exerce com referência à um território e, muito frequentemente, por meio de um território” (Souza, p.87, 2015). Na concepção do autor, poder e território se coexistem, sendo o território uma base para as relações de poderes acontecerem.

3.2 TERRITORIALIDADES E A RELAÇÃO CORPO-TERRITÓRIO

Uma das obras utilizadas para a compreensão do conceito de territorialidade foi *Human Territoriality*, de Sack (1986), porém, outras obras posteriores do autor ajudam a compreender o conceito de territorialidade conforme a evolução do próprio pensamento nas leituras *Place, Modernity and the Consumer's World: A Relational Framework for Geographical Analysis* (SACK, 1992) e *Homo Geographicus: A Framework for Action, Awareness, and*

Moral Concern (SACK, 1997). Uma característica importante que possui nas obras citadas é o caráter relacional do próprio território.

A primeira discussão feita por Sack (1986) é afastar a territorialidade humana do caráter biológico, que na visão do autor, tenta explicar o conceito comparando de outros animais que defendem seu território. Baseado em Sack (1986), o conceito de territorialidade humana é muito mais do que o instintivo, ela acaba sendo uma tentativa de "... afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos, e relações, delimitando e afirmando o controle sobre uma área geográfica." (Sack, 1986, p.19). Essa perspectiva se assemelha ao que foi discutido no tópico anterior ao discutir o conceito de território por Raffestin (1993).

Já em 1986, Sack (1986) publicou seu livro "*Human territory: its theory and History*", na obra mencionada o autor explora as dinâmicas complexas da territorialidade humana ao longo da história. O autor destaca como as pessoas se apropriam do espaço, definem fronteiras e estabelecem uma relação emocional e simbólica com seus territórios. Sack (1986) argumenta que a territorialidade não é apenas expressão de poder, mas também uma manifestação fundamental da experiência humana.

Um dos enfoques para entender a territorialidade proposta por Sack (1986) é o comportamental. Baseado no autor, o enfoque mencionado relacionado a territorialidade se concentra na análise de ações que são possíveis de serem observadas das pessoas em relação aos seus territórios. O enfoque comportamental irá buscar compreender como as pessoas se comportam em termos de defesa, reivindicação e uso de determinados espaços, examinando também as práticas que refletem na territorialidade.

Para entender melhor o enfoque comportamental, Sack (1986) traz as principais características para defini-lo. A primeira característica é a observação empírica, ele incentiva outros pesquisadores a analisarem diretamente o comportamento das pessoas, em vez de concentrar seus trabalhos apenas em documentos ou análises teóricas.

A segunda característica discutida por Sack (1986) é o comportamento territorial, afirmando aqui que a territorialidade não é apenas uma questão de demarcação física das fronteiras, mas está ligada intrinsecamente ao comportamento. O autor examina como as pessoas interagem com o espaço ao

redor, demonstrando comportamentos que indicam uma relação com determinado território.

Uma outra característica do enfoque comportamental discutida por Sack (1986) é em relação a percepção e apropriação dos espaços. Sack (1986) considera a percepção do espaço como um fator chave e crucial para o entendimento da territorialidade. Como as pessoas percebem e interpretam os espaços afeta diretamente seus comportamentos em relação a esses espaços, ou seja, a apropriação do espaço é uma parte essencial para a construção de territorialidades.

Além disso, Sack (1986) considera importante a intersecção com outras disciplinas para compreensão da territorialidade enquanto um fenômeno social. O autor considera a territorialidade como um fenômeno complexo que se relaciona com diversas disciplinas além da geografia, como sociologia, antropologia e psicologia.

A conexão entre as pessoas e seus territórios constrói um comportamento territorial. Baseado em Sack (1986) a forma como as pessoas se comporta em espaços específicos é um indicador significativo da importância que atribuem a esse território específico, em termos de identidade, segurança ou símbolos.

Na abordagem sobre territorialidade proposta por Sack (1986) a atribuição do significado ao espaço é um aspecto importante na definição do conceito de territorialidade. O autor argumenta que a territorialidade vai além das fronteiras físicas e legais, incorporando significados simbólicos e emocionais que as pessoas atribuem a espaços que elas consideram territórios.

Para entender a atribuição de significado aos espaços que culmina em territorialidades, Sack (1986) propõe alguns significados para melhor compreendê-lo. No significado simbólico, o autor, destaca que os espaços podem se tornar significativos devido a símbolos e significados atribuídos a eles. De acordo com o autor, isso pode incluir elementos culturais, históricos ou simbólicos que conferem um valor especial a um determinado local.

Outro significado para melhor compreensão é o de identidade e pertencimento, a ideia de territorialidade está fortemente ligada a construção de identidade individual e coletiva. Os lugares se tornam pontos de referência para a expressão dessas identidades.

Além disso, outros significados também auxiliam para o entendimento

como as experiências emocionais, a memória e a história das pessoas, a apropriação cultural e social. Porém Sack (1986) reconhece que a atribuição de significados não é estática e pode ser objeto de negociação e conflito. De acordo com o autor, diferentes grupos podem ter interpretações diferentes e conflitantes sobre o significado de um determinado espaço, levando a disputa territoriais.

Uma outra característica importante para compreender o conceito de territorialidade é entendê-la como uma manifestação social e cultural. De acordo com Sack (1986) a territorialidade não é apenas uma expressão individual, mas também uma manifestação social e cultural. A territorialidade, de acordo com o autor, enfatiza como os grupos sociais, comunidades e até nações constroem e mantêm suas identidades por meio de práticas territoriais, ou seja, territorialidades.

Existem alguns pontos para entender melhor a territorialidade e as manifestações sociais e culturais. Sobre a identidade coletiva, Sack (1986) argumenta que os espaços e os territórios desempenham papel fundamental na formação de identidades coletivas de grupos sociais. As práticas territoriais, como a demarcação de fronteiras ou ocupação em certas áreas são formadas pelas quais as comunidades ou grupos sociais se expressam.

Baseado em Sack (1986) a manifestação social da territorialidade envolve a construção cultural do espaço. Os significados que são atribuídos aos lugares são moldados por valores, crenças e práticas culturais que são compartilhadas dentro de uma comunidade ou grupo social.

Outro ponto pra entender a territorialidade baseada em Sack (1986) são os espaços de encontro e interação. Baseado no autor, certos espaços se tornam locais de encontro e interação social, onde as práticas territoriais reforçam os laços entre membros de uma comunidade, grupo social. Esses espaços podem ser os mais distintos, indo de templos religiosos às praças públicas.

Além disso, um fator determinante para entender a concepção de territorialidade por Sack (1986) é compreender a expressão de poder e controle. De acordo com o autor, a territorialidade também é uma manifestação de poder e controle social. A demarcação de fronteiras – aqui o conceito indo do material ao imaterial - e a exclusão de determinados grupos sociais são maneiras de exercer influência sobre a organização social.

A territorialidade também desencaminha grandes processos que

Haesbaert (2009) define como TDR – territorialização, desterritorialização e reterritorialização – processo muitas vezes causado pelo Estado, grandes multinacionais e internacionais, e por grupos sociais. Esse processo acontece muitas vezes, de forma perversa, influenciando tanto no meio rural quanto urbano. A territorialidade, conceito também trabalhado pelo autor, é uma delimitação do espaço vivido de um determinado grupo social.

Para compreender a territorialidade na concepção de Haesbaert (2009) temos que identificar pontos para entendermos o conceito na sua complexidade.

O autor concebe a territorialidade como um processo social e político que está em constante transformação. Ele destaca como as práticas sociais e políticas moldam e são moldadas pelos territórios, criticando visões que concebe o território como estático. As características dessa concepção baseado em Haesbaert (2009) são as práticas sociais e políticas, a territorialidade como relação de poder, a territorialidade e os conflitos que se desencadeiam, a construção social de fronteiras e a multiterritorialidade.

A multiterritorialidade discutida por Haesbaert (2009) e também nos tópicos anteriores, descreve-se como a multiplicidade de territorialidades que coexistem e interagem em um determinado espaço. Reconhecendo assim, a complexidade das relações de poder que se estabelecem nos territórios.

De acordo com o autor, a multiterritorialidade possuem características para que possamos definir o conceito. Além da multiplicidade de territórios, a concorrência e intersecção é colocada pelo autor como característica da multiterritorialidade. Diferentes atores sociais e grupos podem disputar a apropriação e controle de um determinado território, gerando conflitos. Essas disputas podem envolver interesses conflitantes entre grupos sociais devido a complexidade das relações que podem ser estabelecidas. Além disso, a multiterritorialidade por Haesbaert (2009) possuem escalas múltiplas, indo do local até o global. Possui também interconexões e as relações com diversas redes. Através das relações de múltiplos territórios, formam-se redes.

Um ponto importante discutido por Haesbaert (2009) em relação as territorialidades são os conflitos que são gerados. O autor discute a territorialidade em conflito, principalmente em contextos de disputas territoriais, questões étnicas e movimentos sociais. Os conflitos mais discutidos por Haesbaert (2009) são relacionadas as disputas de poder e por recursos. Além

disso, as disputas podem ser geradas por interesses étnicos e sociais, por territórios contestados, por impactos sociais e ambientais, por conflitos urbanos.

Ao pensar as escalas para discutir a territorialidade, Haesbaert (2009), devemos pensar as múltiplas escalas, local, regional, nacional, global. No nível local, o autor examina as práticas territoriais em comunidades específicas. Nessa escala, inclui a maneira como as pessoas se relacionam com o espaço imediato ao seu redor.

Na escala regional, Haesbaert (2009), envolve as territorialidades em contextos mais amplos, como estados. Aqui o autor discute como as dinâmicas territoriais podem ser influenciadas por fatores regionais. Na escala nacional, inclui a demarcação de fronteiras políticas, questões de soberania territorial e as formas como a identidade nacional é construída. Já na escala global, Haesbaert (2009), vai discutir como as práticas territoriais conseguem expandir barreiras e fronteiras.

Baseado em Pinós da Costa (2017), uma outra abordagem para entender a territorialidade são as microterritorialidades. Baseado no autor, para entendermos o conceito temos que pensar que a “forma” e o “conteúdo” fazem parte da construção material da microterritorialidade.

Diversas relações podem serem feitas entre territorialidades e o conceito de corpo-território. Baseado no que foi dito por Pinós da Costa (2017) e Haesbaert (2021) a relação entre corpo-território e as territorialidades é um fenômeno complexo e que transcende as fronteiras físicas, explorando as interações dinâmicas entre indivíduos, grupos sociais que habitam determinado espaço. Além disso, trazendo uma reflexão baseada nos autores, o corpo como entidade física e simbólica desempenha um papel fundamental na construção e expressão das territorialidades, moldando e sendo moldado pelo próprio território.

Além disso, baseado nos autores acima citados, a corporeidade está ligada à experiência e a percepção sobre o território. Cada corpo traz consigo uma série de vivências que influencia a forma como ela interage no espaço.

Um apontamento importante é pensarmos essa relação corpo-território em cidades médias, visto que a presente dissertação é analisada em cidades médias.

A relação entre cidade média e a percepção e o entendimento do corpo

como território é um tema emergente dentro da geografia e dos estudos urbanos. A cidade média geralmente é definida por possuir uma população que varia entre milhares e centenas de milhares de habitantes e apresentam particularidades e especificidades que influenciam a forma como os moradores de uma determinada cidade interagem com o espaço urbano.

Dentro desse contexto, a relação corpo-território é entendida pelo modo como as pessoas experimentam, sentem e interagem com a própria cidade. A forma como as pessoas se movem, percebem e vivenciam o espaço urbano é influenciado pelas suas características de gênero, sexualidade, idade, raça, entre outros fatores.

As cidades médias, por serem geralmente menor e mais acessível em comparação com as metrópoles, pode permitir uma conexão maior entre as pessoas que ocupam esse território ao próprio ambiente urbano. A própria fenomenologia – metodologia utilizada na presente dissertação – acaba sendo uma forma em que conseguimos analisar essa proximidade das pessoas com os lugares e os próprios elementos do espaço urbano. Esse processo acaba resultando em uma proximidade e uma relação mais íntima entre o corpo e o espaço vivido diariamente.

Além disso, nas cidades médias as características históricas e culturais podem ser mais acessíveis no sentido de alcançar mais a população de sua cidade. Isso permite que as pessoas estabeleçam uma relação mais profunda com sua identidade que está enraizada no próprio lugar em que se vivencia. Esse processo acaba influenciando em como os moradores de uma cidade percebem e se apropriam dos espaços públicos e privados.

A relação entre as cidades médias e o corpo-território é complexa, visto que são percepções individuais sobre um espaço que comporta milhares de pessoas. O tamanho, forma e as características da cidade influenciam na forma como as pessoas interagem com o espaço urbano, criando uma dinâmica e uma relação entre os corpos que vivenciam esse espaço, e o próprio espaço. No caso do presente estudo, são as percepções da comunidade e dos indivíduos LGBTQIA+ sobre o espaço que vai fazer com que ele se aproprie de certa forma, para inserir-se no espaço.

4 ENTRE VULNERABILIDADES E TERRITORIALIDADES DAS PESSOAS LGBTQIA+

O capítulo 4 irá discutir sobre as territorialidades dos indivíduos LGBTQIA+ em Alfenas e Pouso Alegre. Para compreendermos tais territorialidades buscou-se analisar alguns aspectos que permeiam a comunidade LGBTQIA+ como a discriminação, violência e intolerância com base nos dados do Relatório Anual de Morte violenta de LGBTQ no Brasil organizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), relatos das entrevistas, dados do Projeto de Identidade Sul Mineira sobre discriminação no sul de Minas, e os dados oficiais de denúncias da Polícia Militar de Minas Gerais. Nesse sentido, as territorialidades que se formam acabam sendo territorialidades de (r)existência dos indivíduos que pertencem a comunidade.

Para compreendermos as territorialidades dos indivíduos LGBTQIA+ é necessário discutirmos sobre alguns aspectos que permeiam a vida desses indivíduos. Como foi possível perceber nos relatos das entrevistas, pelos dados obtidos pelos Relatórios de Mortes Anuais Violentas contra pessoas LGBTQIA+ e pelos dados de denúncia oferecidos pela Polícia Militar de Minas Gerais, a inserção desses indivíduos na sociedade, muitas vezes, é marcada pela discriminação, intolerância e violência.

A discriminação contra a comunidade LGBTQIA+ tem uma longa história e abrange diversas culturas ao redor do mundo. Ao longo dos séculos, o que se pode notar é que as pessoas que não se enquadram no modelo heteronormativo enfrentam a marginalização, perseguição e violência.

Para compreendermos o período atual, devemos entender que a comunidade LGBTQIA+ sofre por tais aspectos desde os períodos mais antigos. Principalmente na Idade Média, com o advento das grandes religiões monoteístas como o Cristianismo, as normas da moralidade e da sexualidade em si começam a serem estabelecidas por um viés religioso. A homossexualidade, em particular, passa a ser condenada como pecado em muitas tradições religiosas. De acordo com Eskridge (1993) a Igreja era contra as relações de pessoas do mesmo sexo. Baseado no autor, a Igreja teve um relevante papel na perseguição de pessoas que teriam condutas indevidas, de acordo com as moralidades estabelecidas. Baseado em Eskridge (1993) é por

volta do século XIII que as práticas homossexuais começam a ser combatidas através de leis que condenavam a prática ilícita. Desde a Idade Média até a Idade Moderna, de acordo com o autor, as práticas vêm sendo condenadas, sendo pela Idade Média a Inquisição que também perseguia quem se relacionava com pessoas do mesmo sexo até a Idade Moderna que acreditava que as relações homossexuais poderiam ser uma grande ameaça à ordem social.

Na Idade Moderna, durante os períodos das grandes colonizações, as leis europeias que criminalizavam a homossexualidade foram exportadas para diversas partes do mundo e as sociedades que eram colonizadas acabavam absorvendo as normas. No período Vitoriano, a Inglaterra impôs leis que criminalizavam as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo.

Pensando em um contexto da primeira metade do século XX, durante o regime nazista, milhares de *pessoas* LGTBQIA+ foram perseguidas e mortas em campos de concentração, juntamente com outras minorias que ali eram agrupadas. Porém, a década de 1960 viu o início do movimento por direitos LGTBQIA+. A Revolta de Stonewall em 1969 é considerada um marco importante para a luta por igualdade.

Apesar dos avanços legais e sociais nas últimas décadas, a discriminação persiste em vários aspectos em diversas sociedades e culturas. Em alguns países, leis discriminatórias ainda criminalizam indivíduos LGTBQIA+ e a violência física e psicológica contra esses indivíduos continua a ser uma preocupação em diversas sociedades.

Existem diversas teorias de diversos autores que contribuem para entender os motivos pelos quais tais violências, discriminações acerbam a comunidade LGTBQIA+ durante a história da sociedade. Uma das principais teóricas sobre o assunto é Butler (1990), onde a autora irá questionar as normas tradicionais de gênero através da postulação da *Teoria Queer*. Na visão da autora, as normas de gênero heteronormativas perpetuam a violência contra a comunidade LGTBQIA+, uma vez que reforçam padrões de comportamento que excluem identidades que não se concebem ao modelo padrão.

4.1 VIOLÊNCIA, DISCRIMINAÇÃO E CRIMES DE ÓDIO CONTRA INDIVÍDUOS LGBTQIA+: UMA ANÁLISE REFERENTE AO NÚMERO DE MORTES NO BRASIL E NA REGIÃO SUDESTE

O que podemos perceber é que a violência e discriminação ocorre de forma mascarada, devido ao fato da homofobia, e a LGBTQIAfobia em si, ter se tornado crime em 2019 equiparado ao crime de racismo, através da lei nº 7.716/89, Lei do Racismo pelo PL 672/2019. O Projeto de Lei 672/2019 altera a Lei nº 7.716 de 5 de janeiro de 1989 para incluir na referida legislação os crimes de discriminação ou preconceito de orientação sexual e/ou identidade de gênero.

A proposta legislativa 672/2019 foi aprovada com alterações nos artigos 1º, 3º, 4º, 8º, 20º da Lei 7.716/89. Essas modificações foram implementadas por meio de uma segunda emenda substitutiva, que introduziu os termos “intolerância” e “sexo” ao texto original da lei.

Art. 1º Serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de intolerância, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero.

Art. 3º [...] Parágrafo Único. Incorre na mesma pena quem, por motivo de intolerância, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero, obstar a promoção funcional.

Art. 4º [...] § 1º Incorre na mesma pena quem, por motivo de intolerância, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero.

Art. 8º Impedir o acesso ou recusar atendimento em estabelecimentos comerciais ou locais abertos ao público: Parágrafo único. Incide na mesma pena quem impedir ou restringir a manifestação razoável de afetividade de qualquer pessoa em local público ou privado aberto ao público, ressalvados os templos religiosos.

Art. 20º Praticar, induzir ou incitar a intolerância, discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião, procedência nacional, sexo, orientação sexual ou identidade de gênero. **(BRASIL, 2019)**

Os artigos mencionados visam penalizar atos discriminatórios e preconceituosos relacionados à orientação sexual e/ou identidade de gênero. Essa medida alinhada com as disposições da Constituição Federal de 1988, especificamente em seu artigo 5º, que estabelece punição para qualquer forma de discriminação que contrarie os princípios da liberdade e dos direitos fundamentais (Projeto de Lei 672/2019).

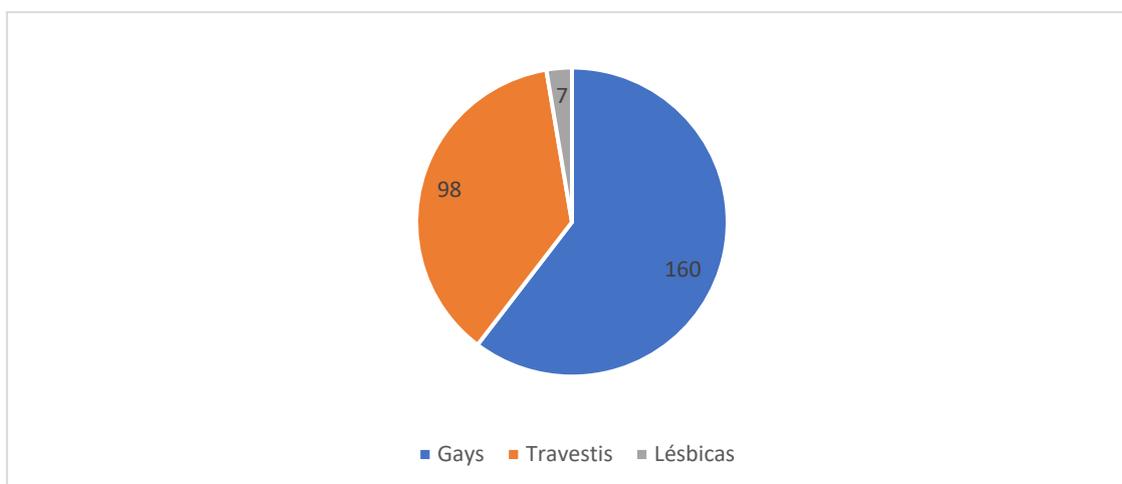
Durante décadas a legislação brasileira careceu de medidas que punissem efetivamente o preconceito relacionado a orientação sexual e/ou

identidade de gênero. Apesar de alguns interesses políticos, a proposta de ações e medidas nesse sentido resultava em arquivamentos. Apesar dos princípios fundamentais da Constituição Federal de 1988 proporcionarem certa proteção, a necessidade de criminalizar a discriminação baseada na orientação sexual e/ou identidade de gênero tornou-se evidente como medida crucial para garantir maior proteção a comunidade LGBTQIA+.

Portanto, a proposta de criminalização da discriminação com base em gênero e sexualidade foi apresentada por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADO 26) e do Mandado de Injunção 4733 (MI). Essas ações visavam que o Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecesse a omissão do Congresso Nacional em abordar adequadamente o tema e assim, criminalizar as condutas discriminatórias relacionadas a orientação sexual e/ou identidade de gênero.

A seguir, iremos discutir alguns dados do site Homofobia Mata em parceria com o Grupo Gay da Bahia (GGB) sobre violência e discriminação sobre o Brasil, região sudeste e Minas Gerais. O GGB organiza anualmente o Relatório de Mortes Violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil, com dossiês em 2011, 2013, 2014, 2015, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022. (Gráfico 4 a 20).

Gráfico 4 – Número de mortes de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano Brasil no de 2011.

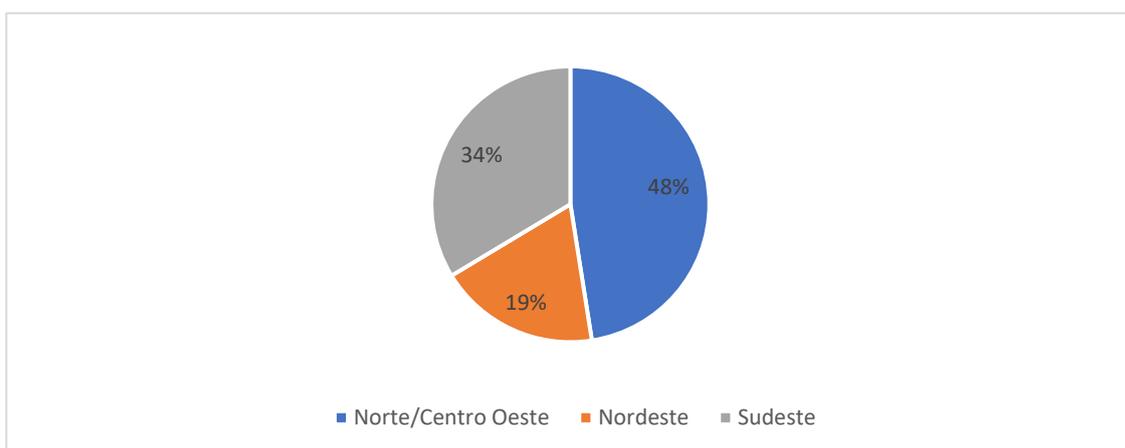


Fonte: Homofobia Mata e GGB 2011. Autor: Antônio Ananias

Em 2011 foram documentados 266 assassinatos no Brasil de gays, travestis e lésbicas. Os indivíduos gays lideram os homicídios: 162 (60%) gays, 98 (37%) travestis, e 7 (3%) lésbicas.

O que pode perceber é que em 2011 dentro da sigla LGBTQIA+ o grupo que mais sofreu violência devido a orientação sexual foram os gays. Como o site Homofobia Mata e o GGB não organizaram os dados exclusivos do sul de minas em 2011, eles nos mostram os dados gerais de violência por regiões do Brasil, e podemos perceber que a região sudeste onde está localizado o Sul de Minas é a segunda região que mais matou indivíduos da comunidade LGBTQIA+ (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Porcentagem de mortes de indivíduos LGBTQIA+ por região no ano de 2011



Fonte: Homofobia Mata e GGB 2011. Autor: Antônio Ananias

O que pode perceber no gráfico 5⁹ é que a região sudeste está em segunda posição no que se refere as mortes de indivíduos LGBTQIA+, ficando atrás apenas da região nordeste no ano de 2011.

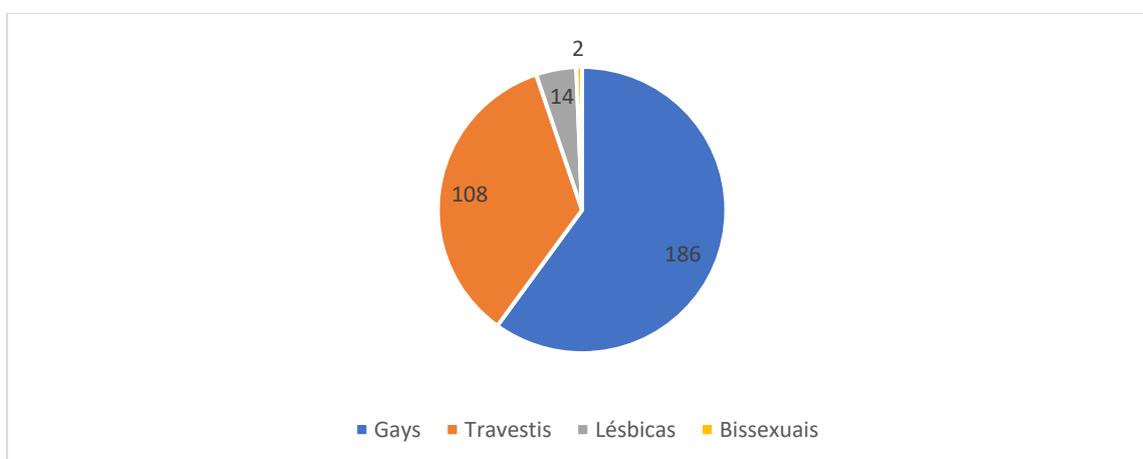
O site Homofobia Mata e o GGB não organizaram os dados no ano de 2012, porém temos os dados referente a 2013. De acordo com o Relatório Anual de Mortes de indivíduos LGBTQIA+ foram documentados 312 assassinatos de gays, travestis, e lésbicas no Brasil. Os dados nos mostram que ocorreu um

⁹ Foi utilizado os dados das regiões como um todo, pois a pesquisa não separou por estado em 2011. Devido a esse motivo, foram utilizados tais dados através da porcentagem que foi concedida no relatório.

assassinato a cada 28 horas. Conforme relatado no ano de 2011, mostram que a região nordeste possui maior número de mortes de indivíduos LGBTQIA+, 43% das mortes ocorreram na região nordeste. A região sudeste segue na segunda posição de morte, 35% das mortes ocorreram na região.

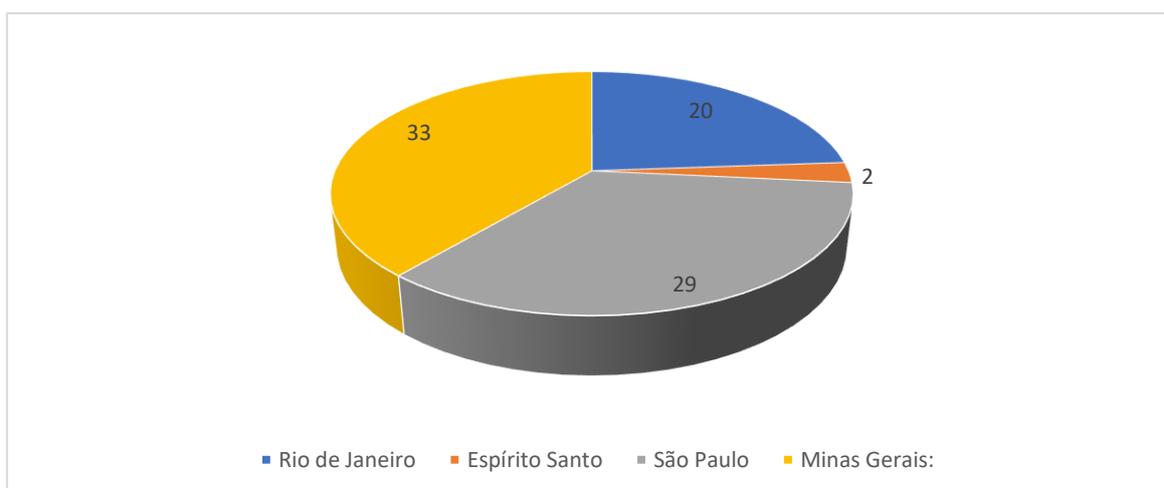
Em 2013, de acordo com os dados, os indivíduos gays lideram os homicídios: 186 (59%) gays, 108 (35%) travestis, 14 (4%) lésbicas, 2 (1%) bissexuais.

Gráfico 6 – Número de mortes de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2013



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias

Gráfico 7 - Número de mortes LGTBQIA+ da Região Sudeste em 2013

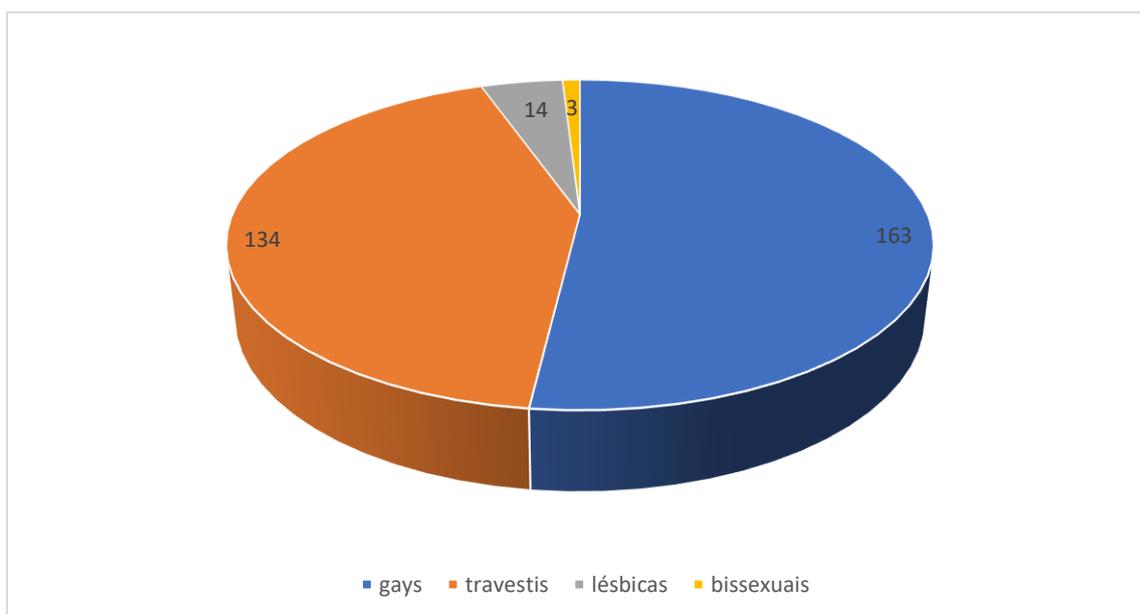


Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias

O que pode notar no gráfico 7 é um acréscimo em relação a 2011 com os indivíduos que se identificam como bissexual. Em 2013, na região sudeste é que 33 vítimas foram no estado de Minas Gerais, 29 em São Paulo, 20 no Rio De Janeiro e 2 no Espírito Santo, conforme mostra o gráfico acima. Podemos perceber no gráfico 9 que Minas Gerais concentrou maior morte de indivíduos LGBTQIA+ na região sudeste em 2013.

Em 2014 os dados referentes as mortes de indivíduos LGBTQIA+ e registrou um total de 326 mortes, incluindo 9 suicídios, a pesquisa mostra que a cada 27 horas ocorreu assassinato em 2014. De acordo com a pesquisa, 163 eram gays, 134 travestis, 14 lésbicas. 3 bissexuais, conforme mostra o gráfico 8 em números exatos:

Gráfico 8 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2014

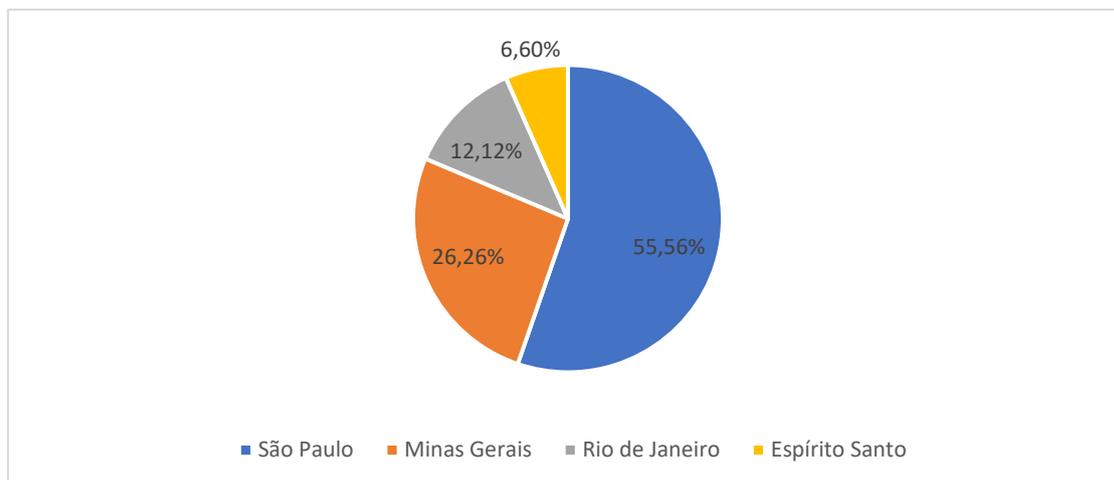


Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

O que pode perceber em 2014 foi um aumento de número de mortes de indivíduos LGBTQIA+ em relação a 2013. Porém, em 2014 houve uma diminuição das mortes em Minas Gerais, onde em 2013 foi o estado da região sudeste que mais matou indivíduos LGBTQIA+. Em 2014, São Paulo concentra 55% das mortes, seguido de Minas Gerais com 26% das mortes, Rio de Janeiro

12% e o Espírito Santo 6%, conforme mostra o gráfico 9¹⁰:

Gráfico 9 - Porcentagem dos indivíduos LGBTQIA+ mortos da Região Sudeste em 2014



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias

Em relação aos anos anteriores, Minas Gerais diminuiu o número de mortes em relação a São Paulo, porém, no contexto nacional, o número de mortes de indivíduos LGBTQIA+ aumentou em relação aos anos anteriores conforme mostra nos gráficos anteriores.

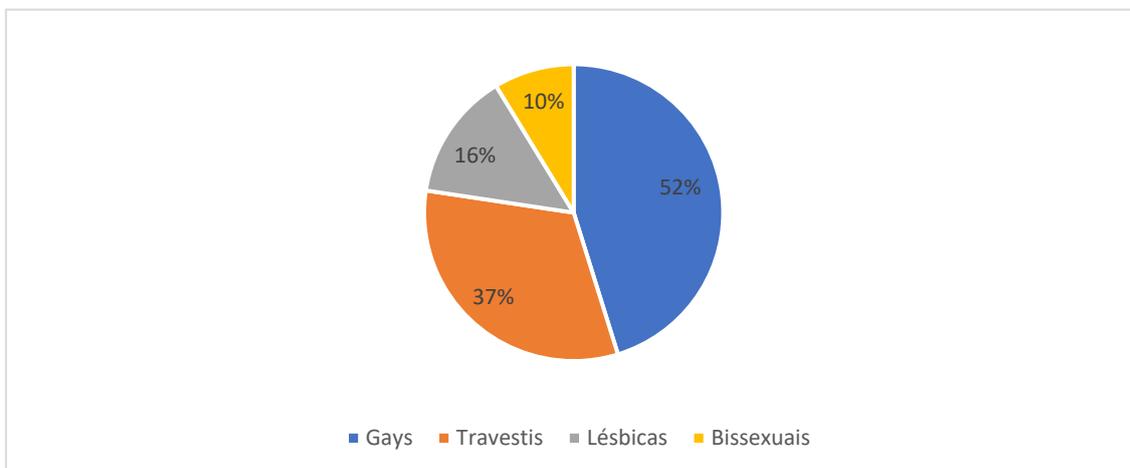
Em 2015, os grupos citados anteriormente levantaram os dados de mortes de indivíduos LGBTQIA+ e obtiveram os seguintes resultados: 318 mortes foram computadas, conforme os dados da pesquisa. Nesse ano, o que as pesquisas mostram é que 52% das vítimas foram gays, seguido de 37% travestis, 16% lésbicas e 10% bissexuais. Os números nos mostram que há um aumento expressivo em relação a porcentagem de mortes de travestis, lésbicas e bissexuais.

O gráfico 10¹¹ irá mostrar a porcentagem de mortos de indivíduos LGBTQIA+ no ano de 2015 no Brasil, a pesquisa revela que a cada 27 horas um indivíduo LGBTQIA+ foi assassinado no Brasil.

¹⁰ Foi utilizado os dados concedidos por Estado somente através de porcentagem, não possuindo números absolutos no relatório no ano de 2014.

¹¹ Foi utilizado os dados concedidos por Estado somente através de porcentagem, não possuindo números absolutos no relatório no ano de 2015.

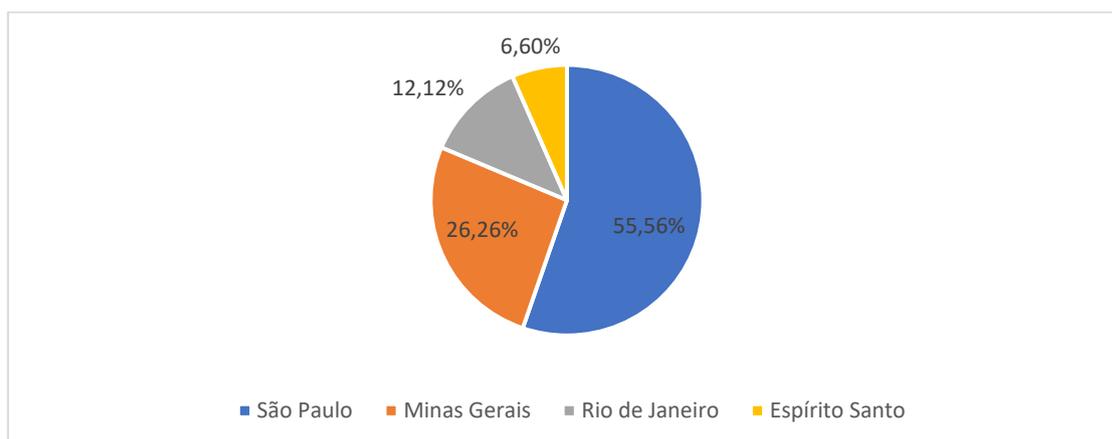
Gráfico 10 - Porcentagem de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2015



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias

O gráfico 10 nos mostra a porcentagem de indivíduos LGBTQIA+ mortos no Brasil no ano de 2015. Possuindo também, apenas o número em porcentagem por região conforme o gráfico 11¹²:

Gráfico 11 - Porcentagem dos indivíduos LGTBQIA+ mortos da Região Sudeste em 2015



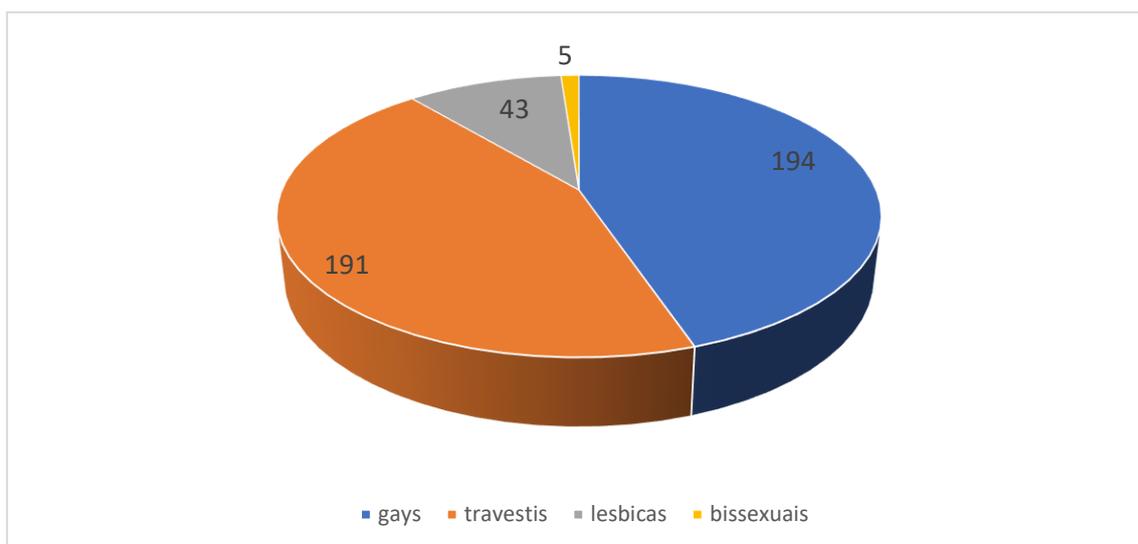
Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

¹² Foi utilizado os dados concedidos por Estado somente através de porcentagem, não possuindo números absolutos no relatório no ano de 2014.

A porcentagem referente a 2015, conforme mostra o gráfico 11 se assemelha bastante com o ano de 2014, onde Minas Gerais está na segunda posição do estado que mais mata indivíduos LGBTQIA+ no ano de 2015.

Em 2016 não houve a criação do Relatório Anual de Mortes de LGBTQIA+ no Brasil, porém foram computadas 343 mortes no ano, de acordo com os dados da pesquisa. Em 2017 onde as pesquisas obtiveram os seguintes resultados: 447 indivíduos LGBTQIA+ foram mortos no Brasil, 387 assassinatos e 58 suicídios, um aumento de 30% em relação ao ano de 2016. No ano de 2017, a cada 19 horas morreu um indivíduo LGBTQIA+. Em números foram registradas 194 mortes de indivíduos gays, 191 de travestis, 43 lésbicas, 5 bissexuais, conforme mostra o gráfico 12:

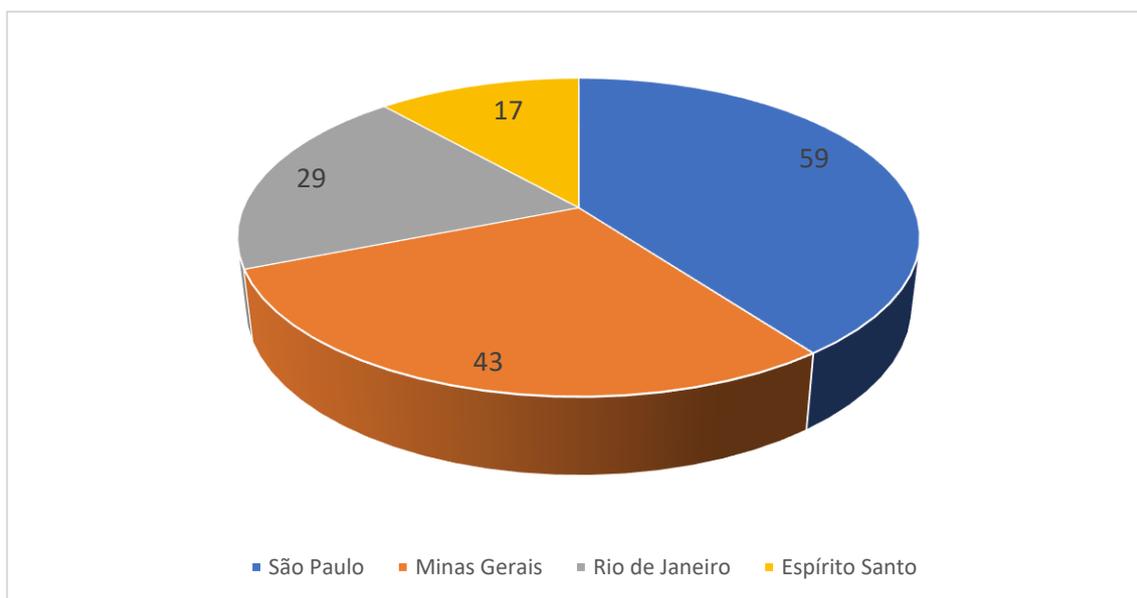
Gráfico 12 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2017



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

Em 2017, foi registrado o maior número de mortes de indivíduos LGBTQIA+ em relação aos anos anteriores. Em relação a região sudeste, onde está localizado o estado de Minas Gerais, foram obtidos os seguintes dados: em São Paulo foram registradas 59 mortes, Minas Gerais registrou 43, Rio de Janeiro com 29 e o Espírito Santo registrou 17 mortes de indivíduos LGBTQIA+ no ano de 2017 conforme mostra o gráfico 13:

Gráfico 13 - Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2017



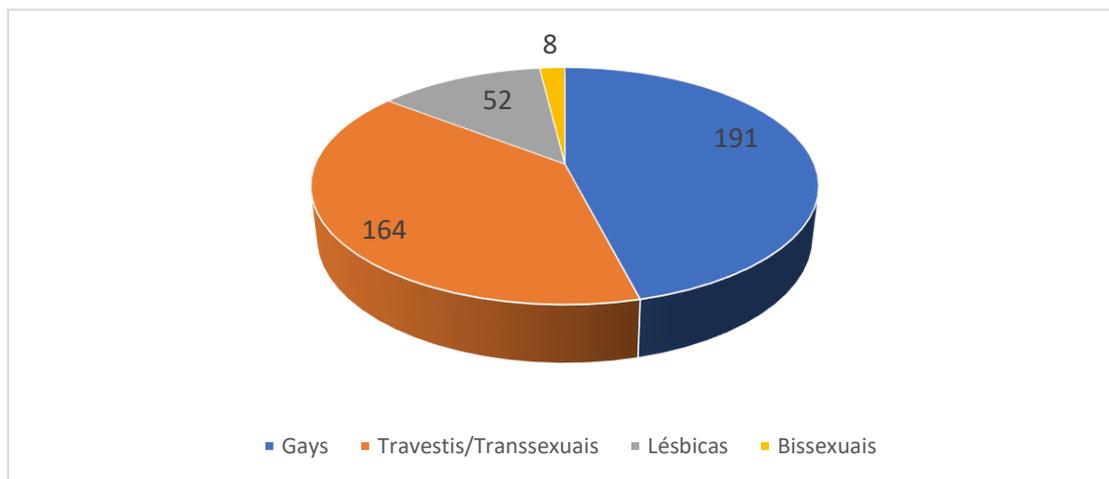
Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

Conforme mostra o gráfico 13, Minas Gerais está na segunda posição do estado que mais mata indivíduos LGBTQIA+ na região sudeste em 2017, com base nos dados da pesquisa.

No ano de 2018, houve uma pequena queda em relação a 2017, foram registradas um total de 420 mortes pelo site Homofobia Mata em parceria com o Grupo Gay da Bahia. A pesquisa aponta que no ano de 2018, a cada 20 horas, um indivíduo LGBTQIA+ é morto. Os dados relataram que 320 casos foram homicídios, o que corresponde a 76% e 100 suicídios, correspondendo a 24%. A redução foi de 6% em relação a 2017, conforme mostra a pesquisa. Em números totais, foram mortos 191 gays, 164 travestis, 52 lésbicas, 8 bissexuais. Baseado na pesquisa, as pessoas travestis/transsexuais, representam a categoria de identidade de gênero mais vulnerável a mortes violentas. O que a pesquisa nos mostra é que a violência física e psicológica contra os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil atinge todas as cores, classes sociais,

idades e profissões. No gráfico 14 podemos ver em números as mortes dos indivíduos LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2018:

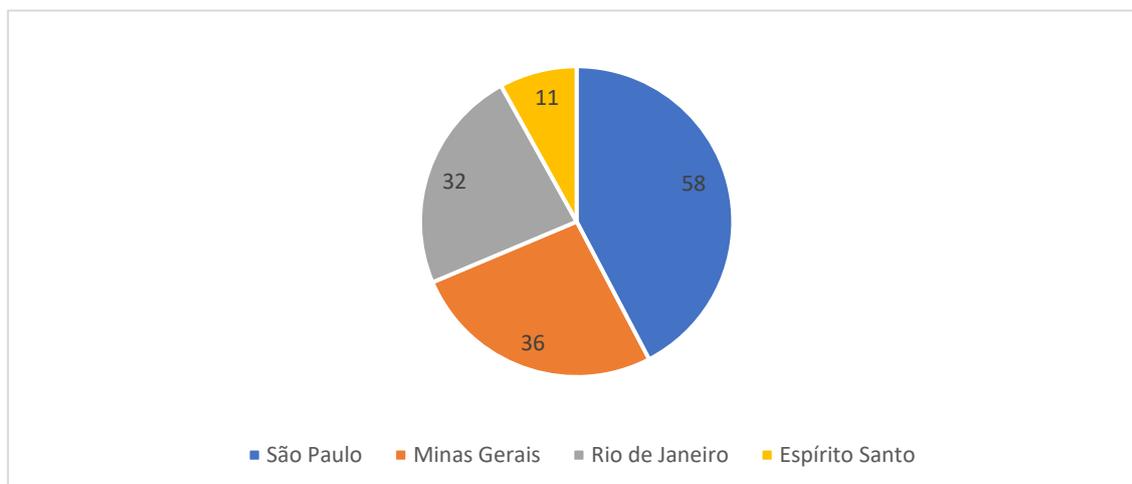
Gráfico 14 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2018



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

Em relação as mortes na região sudeste os seguintes resultados em 2018: 137 mortes foram registradas na região, sendo 58 em São Paulo, 36 em Minas Gerais, 32 no Rio de Janeiro e 11 no Espírito Santo, com base nos dados da pesquisa, conforme mostra o gráfico 15:

Gráfico 15 – Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2018

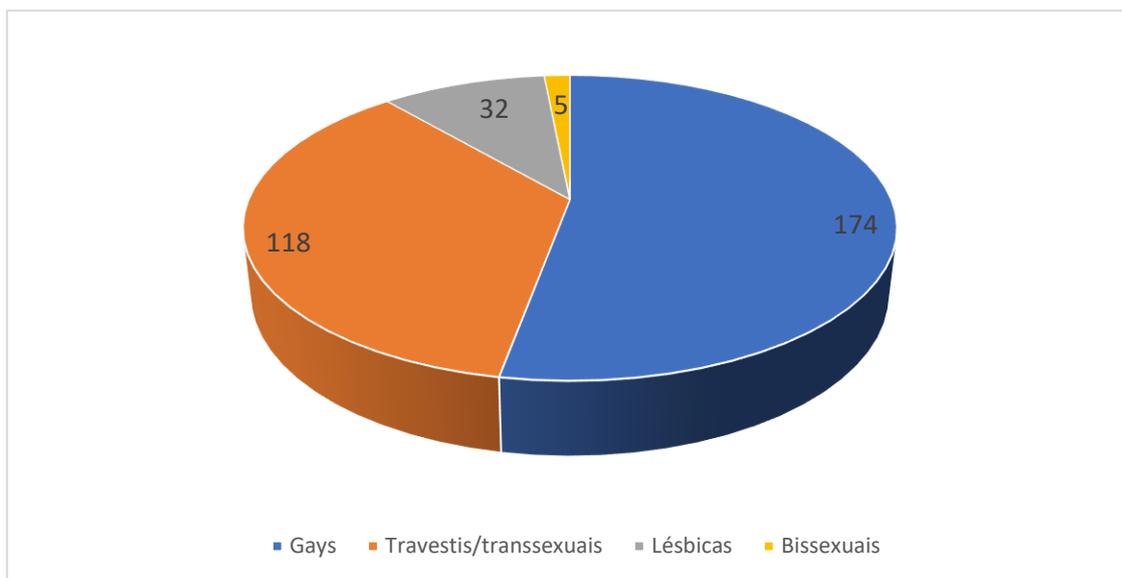


Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias

Conforme mostra o gráfico 15, e se assemelhando com os anos anteriores, Minas Gerais ocupa a segunda posição na região sudeste do estado que mais mata indivíduo LGBTQIA+ no ano de 2018.

Em relação ao ano de 2019, obteve-se os seguintes dados: 329 indivíduos LGBTQIA+ morreram no Brasil, sendo 297 homicídios (90%) e 32 suicídios (10%). Comparando aos anos anteriores, houve uma pequena queda, registrando uma diminuição de 26% frente a 2017, ano com maior número de mortes, e de 22% em relação a 2018. No ano de 2019, a cada 26 horas um LGBTQIA+ é assassinado no Brasil, conforme mostra a pesquisa. De acordo com os dados da pesquisa, foram mortos 174 gays, 118 travestis/transsexual, 32 lésbicas e 5 bissexuais, conforme mostra o gráfico 16:

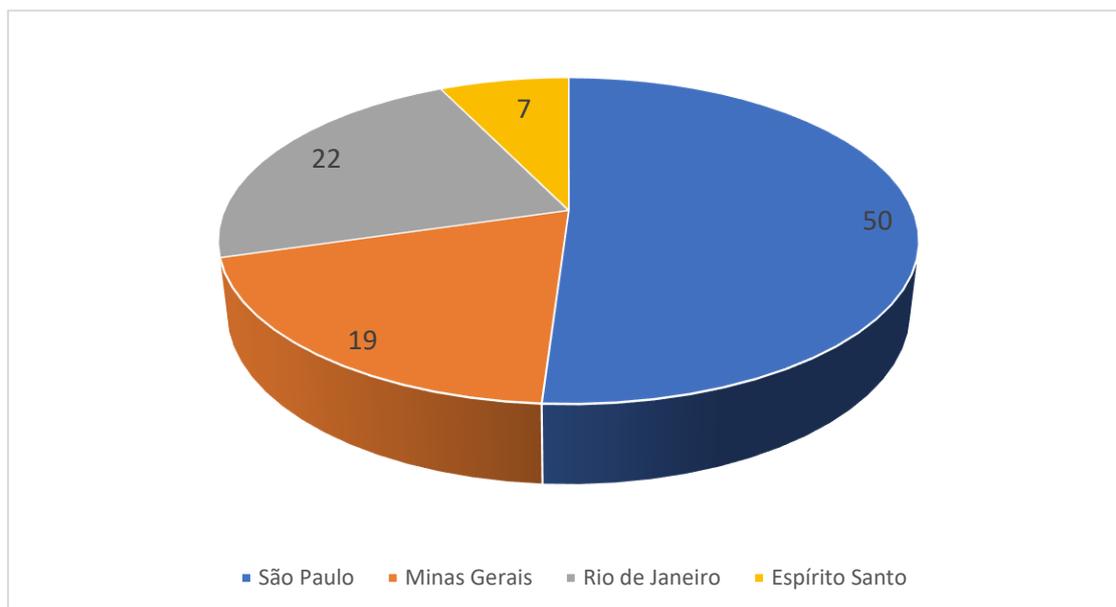
Gráfico 16 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2019



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

Conforme mostra no gráfico 16, os números que foram possíveis de serem computados nos mostra que os indivíduos gays foram os que mais foram mortos no ano de 2019, seguindo um padrão desde as contagens de mortes conforme mostra nos anos anteriores. Em relação a região sudeste, onde está localizado o estado de Minas Gerais, obtivemos tais dados: 98 indivíduos LGBTQIA+ foram mortos na região sudeste, conforme mostra o gráfico 17:

Gráfico 17 - Número de mortes registradas na região sudeste de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2019.

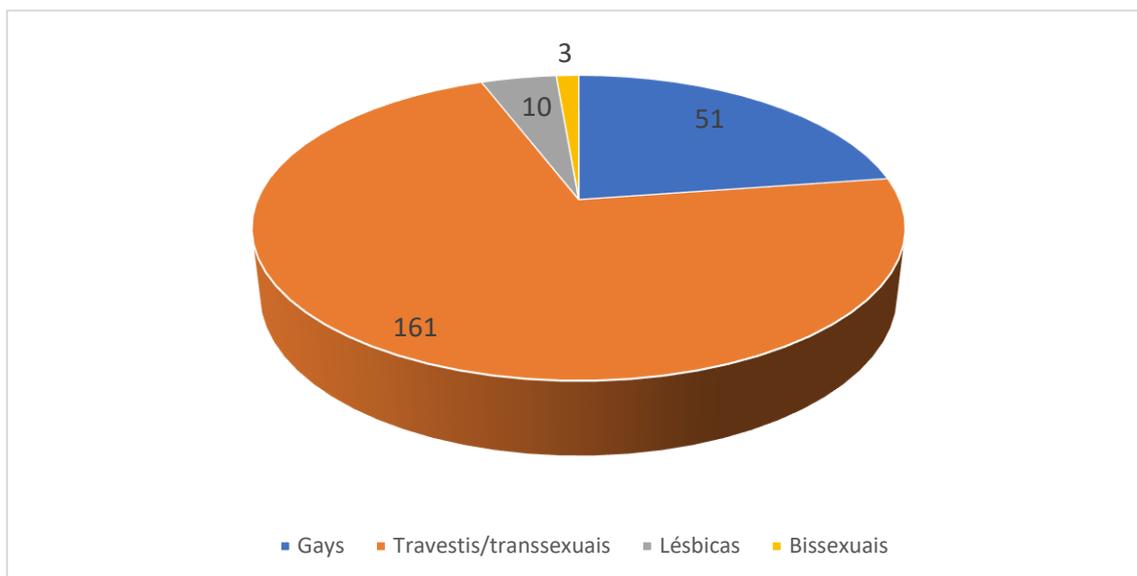


Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

Em 2019, Minas Gerais ficou na terceira posição dos estados que mais matam indivíduos LGBTQIA+ na região sudeste. Em comparação aos outros anos, em 2019 foi o primeiro ano em que Minas Gerais ocupou a terceira posição, conforme mostra nos gráficos anteriores, o estado sempre ocupou a segunda posição.

No que se refere a 2020, registrou 237 mortes de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil. Uma diminuição de 5% em relação ao ano anterior, desse total, 224 homicídios (94,5%) e 13 suicídios (5,5%). Em 2020, diferentemente do que se repete desde que o GGB iniciou as pesquisas, pela primeira vez as travestis e mulheres transsexuais ultrapassam os gays em números de mortes. Foram mortas 161 travestis/transsexuais (71%), 51 gays (22%), 10 lésbicas (5%) e 3 bissexuais (1%). No que se refere os dados da região sudeste, o GGB conseguiu identificar 66 mortes, porém, não havendo um levantamento por estado nesse ano.

Gráfico 18 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2020



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

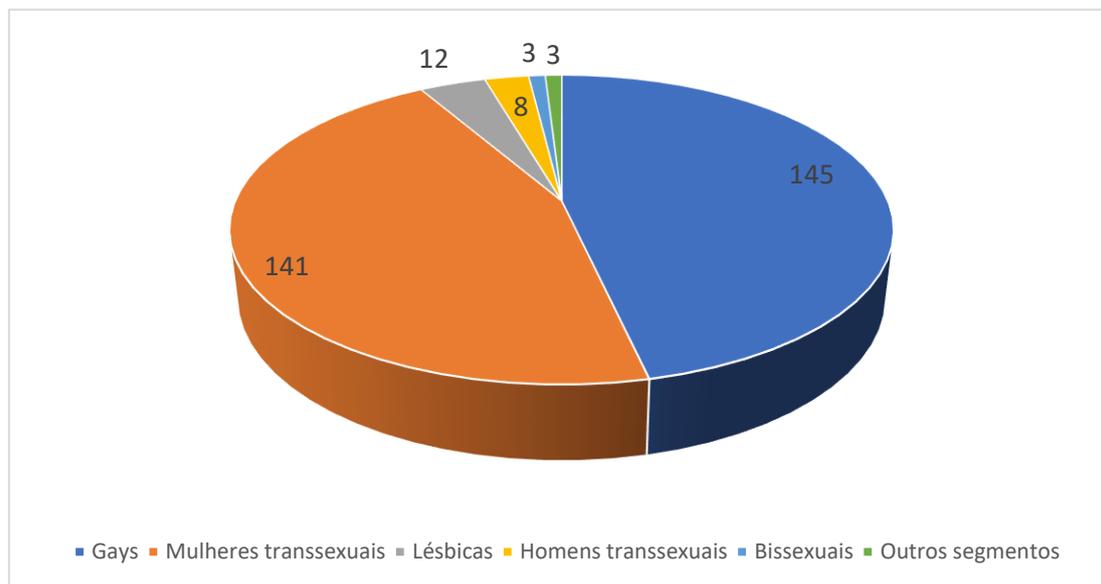
Como dito anteriormente, o ano de 2020 foi o ano que contabilizou maior número de morte de pessoas transsexuais, em sua maioria, mulheres transsexuais como observado na pesquisa. Baseado no resultado da pesquisa do site Homofobia Mata em parceria com o GGB as pessoas trans representam a categoria sexológica mais vulnerável a mortes violentas.

No que se refere a 2021, as pesquisas levantaram 316 mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil. Dentre essas mortes, ocorreram 285 assassinatos, 26 suicídios e 5 por outras causas. No que se refere ao número de morte por categoria sexológica temos: 145 mortes de gays (45,89%), 141 mortes de mulheres transsexuais (44,62%), 12 mortes de lésbicas (3,80%), 8 homens transsexuais (2,53%), 3 bissexuais (0,95%), 3 outros segmentos (0,95%). Um ponto importante para o aumento dos dados da pesquisa foi a participação da Associação Nacional de Travestis e Transsexuais (ANTRA) e a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Intersexos (ABGLT), a participação de ambas associações foi de acrescentar e somar na elaboração do Relatório Anual de Mortes de LGBTQIA+ em 2021.

Os dados apresentados acima, está apresentado no gráfico 19, para

melhor visualização dos números que foram obtidos:

Gráfico 19 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no Brasil no ano de 2021



Fonte: Homofobia Mata e GGB. Autor: Antônio Ananias.

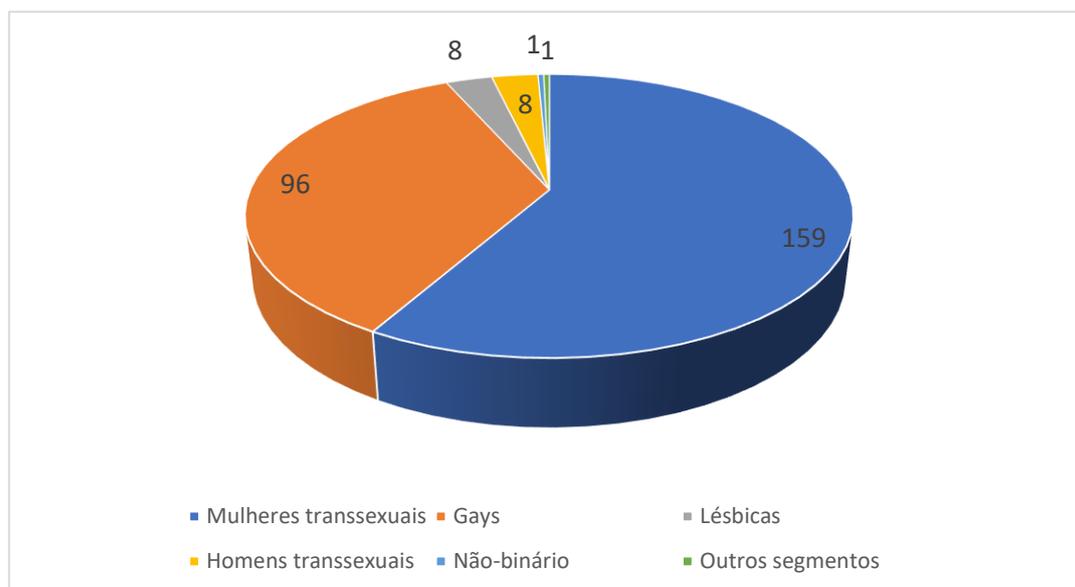
O ano de 2021 houve um aumento nos dados de outros segmentos ou categorias sexológicas, isso se deve ao fato de que a própria sigla da comunidade LGBTQIA+ está sempre em construção, pois é a partir de um período recente que as discussões sobre identidade de gênero e sexualidade ganha maior ênfase tanto na discussão no campo teórico, especialmente na geografia, mas também em discussões comuns do cotidiano das pessoas. Principalmente no período sociopolítico no qual estamos inseridos.

Em relação a 2020, o ano de 2021 houve um acréscimo de 33,33% em relação a mortes violentas contra indivíduos LGBTQIA+. Não foram apresentados dados específicos de Minas Gerais em 2021, apenas um total de 103 mortes na região sudeste.

A última atualização do site Homofobia Mata em parceria com o Grupo Gay da Bahia foi em 2022. A pesquisa apontou que foram calculadas 273 mortes de indivíduos LGTBQIA+ no Brasil, dessas mortes, 228 foram assassinatos, 30 suicídios, 15 por outras causas. Em relação ao número de mortos por categoria

sexológica, em 2022 vemos o aumento novamente de mortes de travestis e mulheres transsexuais com um total de 159 mortes (58,24%), seguindo de 96 mortes de gays (35,16%), 8 lésbicas (2,93%), 8 homens transsexuais, 1 pessoa não-binária (0,37%), 1 outros segmentos (0,37%), conforme mostra o gráfico 20:

Gráfico 20 - Número de mortes registradas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ no ano de 2022



Fonte: Homofobia Mata e GGB, 2022. Autor: Antônio Ananias.

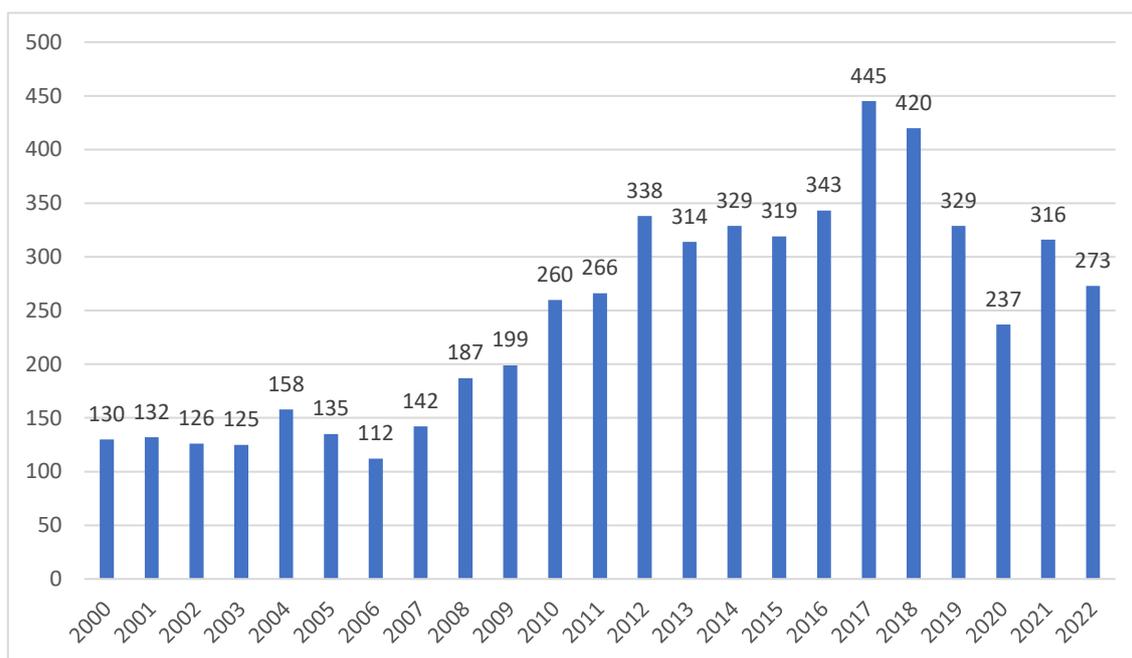
Os dados do gráfico 21, nos revelam um aumento de mortes de mulheres transsexuais em relação aos outros anos e uma diminuição do número de mortes de indivíduos gays. Em 2022; o grupo apontou 71 mortes na região sudeste, porém, não havendo dados específicos sobre Minas Gerais.

O site Homofobia Mata em parceria com o GGB ainda levantou os dados de mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ de 2000 a 2022, porém, os Relatórios Anuais de Mortes de LGBTQIA+ começam a ser organizados a partir de 2011.

Os dados do gráfico abaixo nos mostram um panorama de mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil entre os anos anteriormente citados com os respectivos dados: 2000 (130 mortes), 2001 (132 mortes), 2002 (126 mortes), 2003 (125 mortes), 2004 (158 mortes), 2005 (135 mortes), 2006 (112

mortes), 2007 (142 mortes), 2008 (187 mortes), 2009 (199 mortes), 2010 (260 mortes), 2011 (266 mortes), 2012 (338 mortes), 2013 (314 mortes), 2014 (329 mortes), 2015 (319 mortes), 2016 (343 mortes), 2017 (445 mortes), 2018 (420 mortes), 2019 (329 mortes), 2020 (237 mortes), 2021 (316 mortes), 2022 (273 mortes), conforme mostra o gráfico 21:

Gráfico 21 - Número de mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil entre 2000 a 2022



Fonte: Homofobia Mata e GGB, 2022. Autor: Antônio Ananias

Conforme mostra o gráfico 22, sempre houve uma crescente em relação ao número de mortes violentas de indivíduos LGBTQIA+ no Brasil. Alguns cenários são interessantes de serem problematizados, houve um aumento significativo no não de 2017, ano posterior ao impeachment da presidente Dilma Rousseff em 2016.

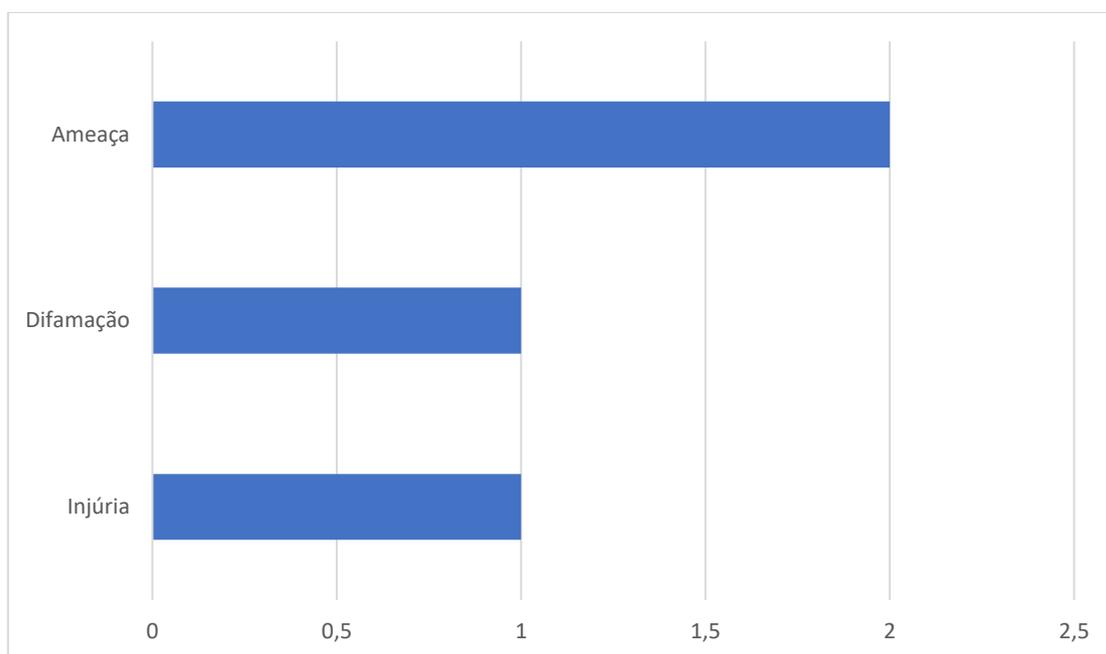
Um outro cenário é importante de se pensar é que em 2018 temos a eleição presidencial que foi um marco histórico no Brasil, onde houve um avanço da extrema direita que possuía características de discriminação, ódio e violência contra a comunidade LGBTQIA. A incitação a violência, ódio e discriminação, acarretou sendo o segundo ano consecutivo com mais mortes de indivíduos da comunidade LGBTQIA+.

No que se refere ao Sul de Minas, obtivemos através de um pedido pelo

portal da transparência da Polícia Militar de Minas Gerais (PMMG) dados de denúncias de crimes de ódio e discriminação contra indivíduos da comunidade LGBTQIA+ em Alfenas e Pouso Alegre, a partir de 2019 visto que é quando o crime de LGBTQIAfobia se torna equiparado ao crime de racismo.

Em relação a Alfenas, os dados que foram disponibilizados pela PMMG é que entre 2019 a 2022 foram feitos boletins de ocorrência com os respectivos dados: 01 de difamação, 01 de injúria, 02 de ameaças, um total de 04 registros de eventos em Defesa Social em Alfenas, conforme mostra o gráfico 22:

Gráfico 22 - Registros de eventos em Defesa Social em Alfenas de 2019 a 2022



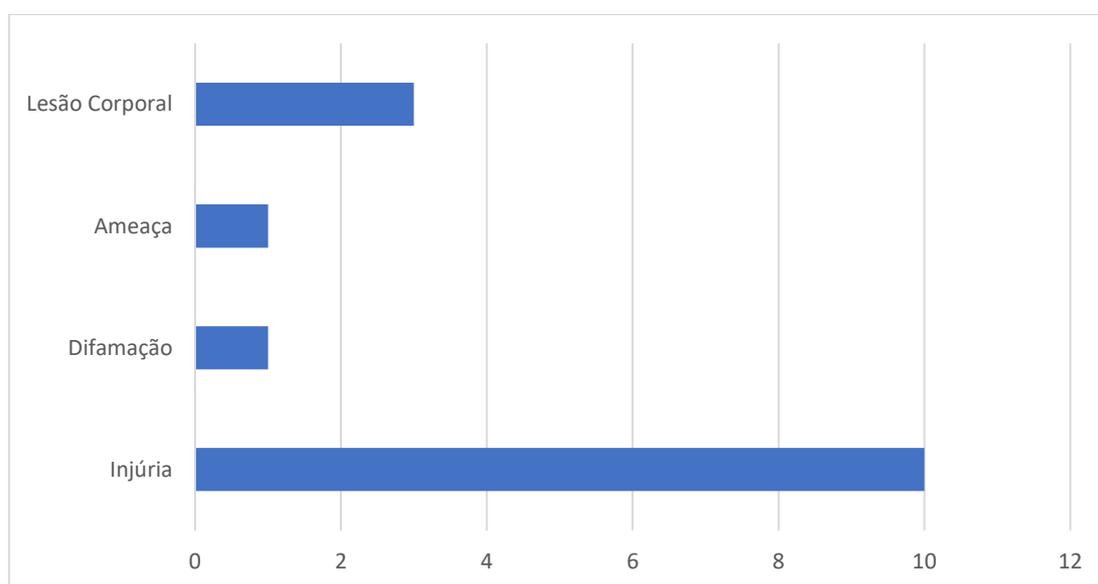
Fonte: PMMG 2023. Autor: Antônio Ananias.

Os dados nos revelam os números de denúncias que foram feitas entre 2019 a 2022 para a Polícia Militar em Alfenas. O que podemos analisar é que muitas vezes, os crimes que ocorrem acabam não sendo denunciados, por diversos motivos nos quais podemos citar a própria violência, medo, entre outros tipos de violência que pode acontecer pós denúncia. O que podemos analisar através das entrevistas, dos dados secundários obtidos pelo GGB e o site Homofobia Mata, é que os números as vezes não se assemelham com o que foi produzido pela Polícia Militar, visto que muitos desses crimes acabam não sendo

denunciados e não sendo contabilizados, por esse motivo, a estimativa é que o número seja maior.

No que se refere a Pouso Alegre, os dados obtidos pela Polícia Militar nos revelam aspectos um pouco diferente do que aconteceu em alfernas no mesmo período de 2019 a 2022. Foram no total registrados 15 ocorrências de eventos em Defesa Social em Pouso Alegre, sendo respectivamente: 10 injúrias, 03 lesões corporal, 01 ameaça, 01 difamação, conforme mostra o gráfico 23:

Gráfico 23 - Registros de eventos em Defesa Social em Pouso Alegre de 2019 a 2022



Fonte: Dados disponibilizados pela PMMG. Autor: Antônio Ananias.

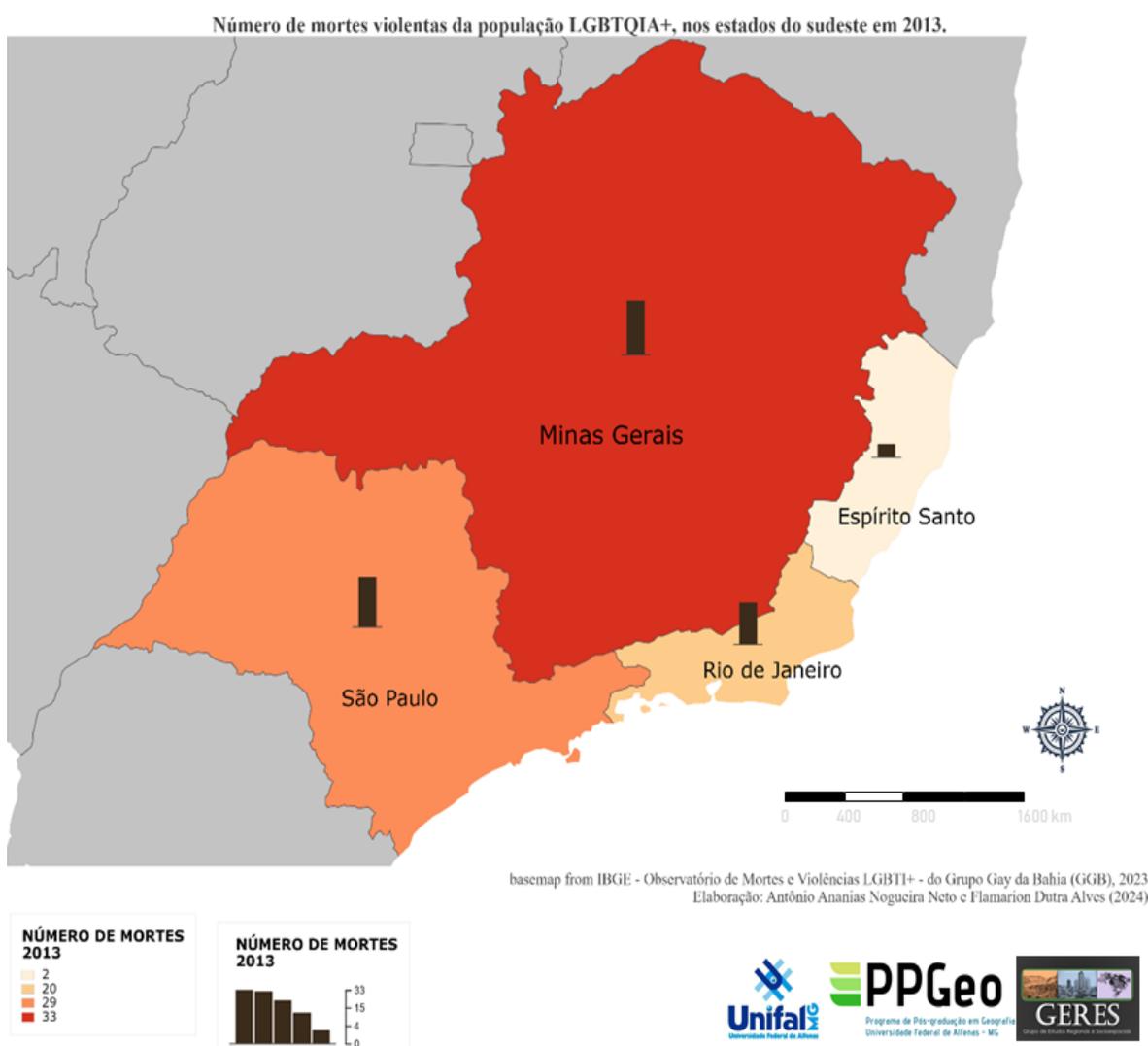
Conforme o gráfico 23 através dos dados disponibilizados pela PMMG, podemos fazer algumas inferências sobre os determinados números. Muitas das pessoas, conforme mostraram as entrevistas, acabam não denunciando algumas das agressões pelo fato de algumas normalizações, a dificuldade por trás do processo, o medo, entre outros motivos. Sendo assim, não são todos os relatos que acabam sendo denunciados.

Para conclusão, foi elaborado mapas comparativos dos anos em que ocorreu as análises dos dados pelo Grupo Gay da Bahia. Foi utilizado os dados de 2013 e 2022 afim de ajudar a comparar visualmente os índices que foram

disponibilizados em tais anos, não havendo os dados de 2012 em números absolutos, foi optado por utilizar os dados de 2013, conforme mostra o Mapa 5 e 6:

A figura 6 nos mostra que no ano de 2013, em relação a região sudeste do país, Minas Gerais ficou em primeiro lugar com o maior número de mortes, totalizando um total de 33 mortes, seguido por São Paulo 29, Rio de Janeiro 20 e Espírito Santo com 2 mortes registradas.

Figura 6 - Número der mortes violentas da população LGBTQIA+, nos estados do sudeste em 2013

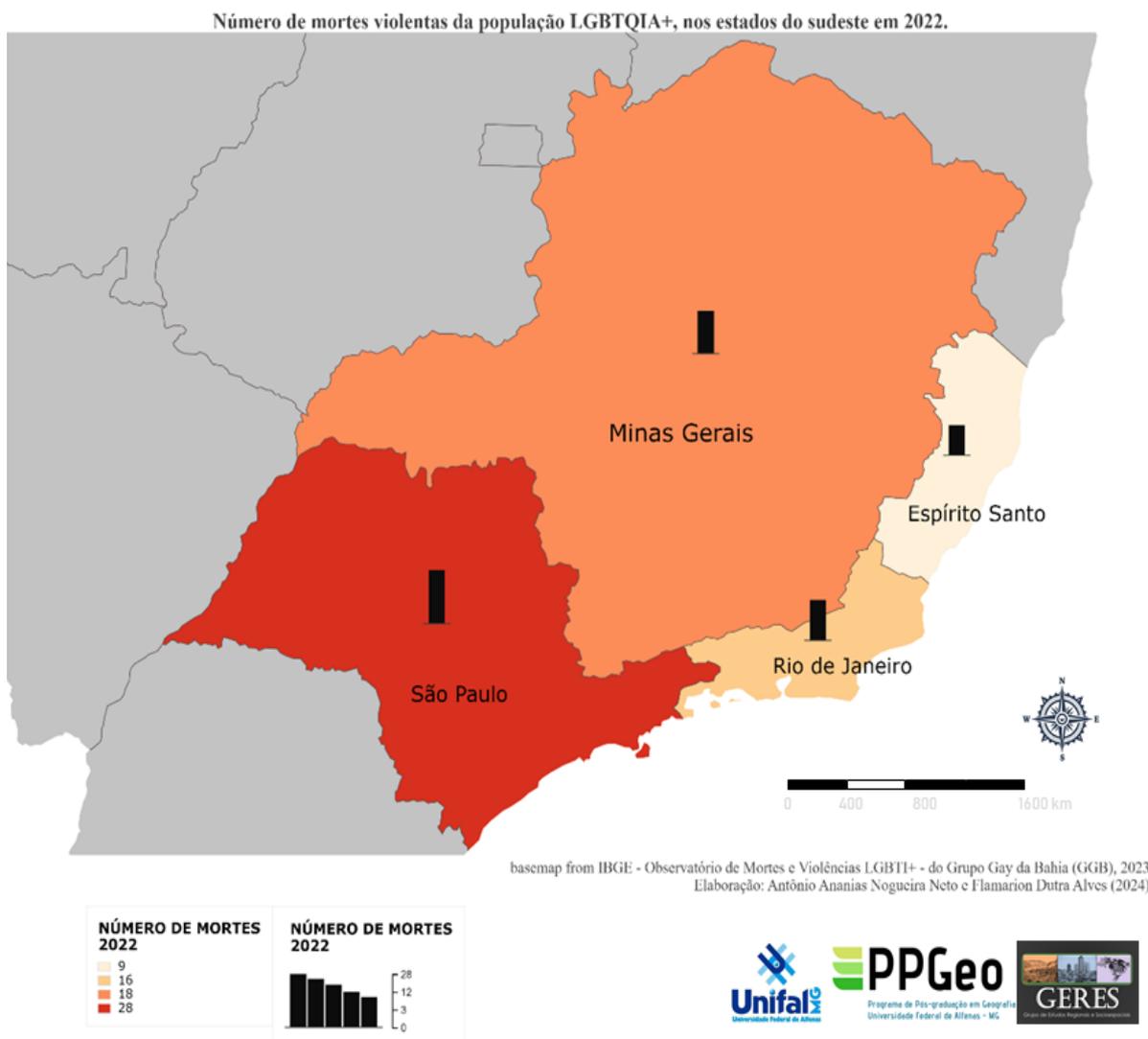


Autor: Flamarion Dutra Alves, Antônio Ananias

Conforme mostra a figura 7, houveram algumas mudanças comparando

com o ano de 2013.

Figura 7 - Número der mortes violentas da população LGBTQIA+, nos estados do sudeste em 2013



Autor: Flamarion Dutra Alves, Antônio Ananias

Em 2013 comparado a 2022, pode-se perceber que o Estado de Minas Gerais passa do primeiro lugar para o segundo com o maior número de mortes. Em 2022, o Estado de São Paulo, foi o que mais obteve número de mortes LGBTQIA+. O Rio de Janeiro e Espírito Santo, se manteve nas mesmas posições.

4.2 TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM ALFENAS

A diferenciação espacial e suas territorialidades estão marcadas no cotidiano das cidades, distintos grupos sociais interagem de acordo com suas preferências, interesses, necessidades ou pelo fato de serem espaços mais seguros. A temporalidade dessas territorialidades também apresenta diferenças, pois a insegurança pode ser agravada nos períodos noturnos, finais de semanas entre outros.

Sendo assim, quando perguntado sobre as violências sofridas, ou sobre os espaços frequentados pelos entrevistados tanto em Alfenas como Pouso Alegre o que foi obtido trás reflexões importantes para pensarmos as territorialidades. A seguir iremos trazer os relatos das entrevistas relacionados a Alfenas.

Baseado nas entrevistas, pessoas transsexuais sentem mais a violência estrutural marcada por fatores já discutido por Butler (1990) e Scott (1982) onde os corpos não se conformam devido a fatores ligados à sua identidade.

De acordo com a entrevistada A2, que se identifica como mulher transexual, não existe lugar seguro para ela e conseqüentemente sem vínculos territoriais:

[...] tenho medo de andar em Alfenas na cidade inteira, tipo, onde você anda é perigoso, porque sempre vai ter uma pessoa pra te agredir, fazer qualquer tipo de coisa com você (Entrevistada A2)

Uma outra questão importante para discutirmos tais violências é entender o espaço-tempo e como a temporalidade é uma questão a se pensar para discutirmos as violências contra pessoas LGBTQIA+. O que foi percebido no relato das entrevistas é que um mesmo lugar que é seguro de dia, acaba sendo um território do medo a noite. De acordo com a entrevistada A2 “quando saio de madrugada, é porque não estou sozinha, estou acompanhada, pois tenho medo de sofrer algum tipo de agressão”.

O mesmo foi dito pelas entrevistadas A7 e A8 que também se identificam como mulheres transsexuais. De acordo com a entrevistada A7 “Eu não tenho medo apesar de saber das violências que ocorrem, me mudei para cá para fazer minha transição.” Essa mudança para Alfenas reflete sua centralidade regional, que atrai muitas pessoas LGBTQIA+ de municípios menores do seu entorno,

sendo um espaço de diversidade e acolhimento, o que não significa um espaço de segurança.

O preconceito está presente no cotidiano, conforme a entrevistada A8 “tenho medo no meu serviço, eles ainda utilizam meu nome morto, eu tenho um pouco de medo de me impor ali”. Baseado no que foi dito pela entrevistada A2 que se identifica como mulher transsexual, a cidade toda acaba sendo um território suscetível a violência.

Acerca da temporalidade dos territórios, pode-se fazer referências ao que foi dito por Souza (2015) sobre territórios cíclicos ou móveis. Um espaço na cidade tem várias funções, usos e ocupações durante o dia, como uma área comercial durante o dia e um território da prostituição a noite. Podemos compreender isso através de Haesbaert (2007) que vai discorrer pelos territórios-rede, em que os fluxos podem se tornar dominantes e se instalar nos territórios. Isso pode ser percebido através do que foi dito pela entrevistada A2:

Alfenas inteira não tem lugares seguros, principalmente a noite, as ruas e as avenidas aqui que pegam para ir para o centro (Av. Governador Valadares) é uma rua que me sinto insegura, e a maioria das minhas amigas trans tem medo porque tem muitas pessoas com olhares maldosos. (Entrevistada A2)

O que foi dito anteriormente sobre os territórios cíclicos por Souza (2015) é perceptível novamente na fala da entrevistada A2. Uma das principais avenidas comerciais de Alfenas (Av. Governador Valadares) acaba sendo um território de insegurança e medo durante a noite, devido a suscetibilidade a violência e discriminação.

É nesta avenida que se concentra o principal território da prostituição na cidade, frequentado por mulheres trans, travestis e ao mesmo tempo que concentra essa territorialidade reflete a insegurança, pois são alvos de diversos tipos de violência pelo conhecimento das frequentadoras do lugar.

Figura 8 - Avenida Governador Valadares em Alfenas



Fonte: Reprodução/Gilson Leite, 2022

Além disso, a entrevistada A2 relata sobre sua vivência nos territórios da cidade sendo que em um desses lugares a mesma foi vítima de violência física e moral.

A rua da Chapada¹³, perto da quadra, fui estuprada lá, eu morro de medo de passar até hoje. É um lugar que eu morro de medo, meu pai mora lá mas não visito meu pai porque tenho medo. Quando passo lá perto sinto uma energia ruim. (Entrevistada A2)

O que foi dito pela entrevistada A2 é o que acontece com muitas pessoas transsexuais devido a suscetibilidade a violência. O lugar em que foi dito pela entrevistada está situado na zona periférica da cidade, onde concentra-se pessoas de classes sociais mais baixas. Ainda através dos relatos da entrevistada, a mesma já foi vítima de violência várias vezes. “Eu já fui vítima, já sofri pra caramba na vida, se eu falar tudo eu vou até chorar. Eu começo a ficar com os olhos cheio de água”.

¹³ A rua da Chapada, menção a quadra localizada no bairro da Chapada, área urbana e periférica da cidade de Alfenas.

Figura 9 - Quadra da Chapada, localizada no bairro Chapada em Alfenas



Fonte: Alfenas Hoje, 2016.

Nesse relato, podemos perceber o quanto a violência de gênero e a LGBTQIAfobia pode causar danos nas vidas das pessoas, principalmente em relação a saúde mental que será discutida no próximo tópico através da discussão da violência psicológica.

Uma outra característica importante para discutir sobre a vivência das pessoas transsexuais é o período de transição. O que foi relatado pelos entrevistados transsexuais é que no período em que os mesmos estavam inseridos na escola, sofriam diversos tipos de violências físicas, verbais, psicológicas. Isso fica claro na fala da entrevistada A2 “Quando eu comecei a estudar no 5º ano, eu não queria mais estudar por sofrer homofobia. Eu já apanhei, já levei murro na escola.”

A entrevistada ainda relata que não foi a única vez, isso aconteceu pelo menos mais umas três vezes, em diferentes territórios estudantis, ou seja, as escolas. “Na escola 1¹⁴ eu nunca apanhei, mas sofria *bullying* por utilizar o banheiro feminino, as outras meninas viam que eu era diferente e me chamavam de veado.” Além disso, a mesma entrevistada diz “Na escola 2¹⁵, quando criança, eu já levei pedrada na cabeça, maçã do amor na cabeça também.” Ou seja, o que pode ser percebido através da fala da entrevistada é que por muitos anos, o ambiente escolar não estava preparado para a diversidade, o que geram conflitos que se materializam nesse território em forma de violência física, verbal e psicológica.

O mesmo foi dito pela entrevistada A7 em que falou que foi vítima de violência psicológica na escola. “Eu nunca fui vítima de agressão, mas já me zoaram na época de escola. Quando comecei a me assumir, eu sofria *bullying*.” Ou seja, podemos perceber que dentro da estrutura pode existir algo que fomenta ou que ignore tais violências

Esses acontecimentos nas escolas acabam sendo cada vez mais decorrentes e se tornando objeto de pesquisa de diversos autores. Baseado nas visões dos autores Stelko-Pereira & Willians (2010) e pela visão de Arroyo (2007):

¹⁴ Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 1

¹⁵ Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 2

A violência vem sendo objeto de pesquisas e de reflexão teórica. Especial atenção vem merecendo a violência infanto-juvenil, ora em suas diversas formas de violentar as crianças, adolescentes e jovens (exploração sexual, tráfico, trabalho infantil, desemprego, sobrevivência, fome, desproteção, maus-tratos, mortes), ora nas diversas formas de envolvimento da infância, adolescência e juventude nas redes de tráfico, agressão, roubos, assaltos, mortes. (ARROYO, p. 788, 2007)

A violência dentro da escola foi relatada não somente na visão das pessoas transsexuais, o mesmo foi dito pela entrevistada A4 que se identifica como mulher lésbica: “Na época de escola (escola 3¹⁶) era xingada de sapatão, hoje em dia não vejo mais problema com esse xingamento.”. E o mesmo foi vivenciado e dito pelo entrevistado A5 que se identifica como homem gay: Já fui vítima de violência, verbal e física e foi dentro de casa e na escola.”. Através desses relatos, podemos perceber que os indivíduos da comunidade LGBTQIA+ começam a sofrer algum tipo de violência já no período inicial de sua vida, na escola.

Por esse motivo, muitos indivíduos da comunidade LGBTQIA+ abandonam os estudos, pois a escola não é um lugar de acolhimento e respeito a diversidade, tendo várias consequências futuras na escolaridade, trabalho e questões psicológicas.

Existem territórios que as entrevistadas A7 e A8 se sentem desconfortadas devido sua identidade de gênero, de acordo com a entrevistada A7 bares e festas de Alfenas são lugares onde ela não se sente bem-vinda. Já a entrevistada A8 disse que se sente desconfortada em relação a sua identidade de gênero em casa de familiares.

O mesmo acontece com o entrevistado A9 que se identifica como não-binário.

Em tabacarias, em festas universitárias não são inclusivas para as pessoas da comunidade LGBTQIA+, vai depender de qual festa e de qual curso que fazem essas festas, porém quando o curso é mais tradicional, tem um pensamento mais reacionário, você percebe que aquele espaço não é para você. (Entrevistado A9).

Além disso, o entrevistado A9 ao discutir sobre os espaços públicos de Alfenas diz:

¹⁶ Para preservar o nome da escola, colocarei o nome de escola 3

Sobre os espaços públicos de Alfenas, por ser uma pessoa transsexual que performa feminilidade e que utiliza roupas femininas, quase todos os espaços são espaços de violência. Diariamente eu sofro algum tipo de violência na rua, alguém gritando xingamentos por utilizar roupas curtas (Entrevistado A9)

Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado A9, o mesmo já foi vítima de violência e perseguição devido sua identidade de gênero. “Constantemente assédio, principalmente de noite na região do centro da cidade, um homem começou a me seguir em uma rua escura próximo a região central” O que se assemelha ao que foi dito anteriormente sobre a temporalidade, visto que esse mesmo lugar de dia não oferecia tantos riscos a comunidade LGBTQIA+ de acordo com o entrevistado A9.

O entrevistado A11 que se identifica como homem transsexual nos traz uma outra visão e um outro questionamento sobre a violência e discriminação contra a comunidade LGBTQIA+. De acordo com o entrevistado, seu corpo pós transição ocupa um certo privilégio que antes seu corpo enquanto mulher não ocupava. “Quando transicionamos nosso corpo não é mais marcado, ele passa a ser um corpo de diferente poder. Percebi isso quando estava numa calçada e a noite, e uma mulher trocou a calçada. Ali eu percebi que meu corpo estava marcado pelo ser homem.” Porém, de acordo com o entrevistado, a violência e o medo não foram sensações perceptíveis em sua vivência.

De acordo com o entrevistado A11, quando faz o transicionamento, acaba ocupando um espaço que antes não era possível ocupar, um corpo socialmente aceitável, um corpo de um homem:

Habitar um corpo aceitável, que é um corpo de um homem, pra gente que é FTM (Feminino transicionando para o masculino), pra gente é mais aceitável, a sociedade nos aceita melhor, porque é um espaço que já está aí. (Entrevistado A11).

Além disso, o entrevistado A11 completa seu relato falando das estruturas sociais que concebem o corpo masculino com privilégios na sociedade:

Meu corpo está aceito para a sociedade, um corpo de um homem é aceitável. Toda a estrutura é muito unitária, o que é a representação de um homem? É um corpo másculo, nossa sociedade não muito alto, então pra eu chegar nesse corpo é muito mais fácil do que uma mulher trans, quando vou chegando nesse corpo eu vou enfrentando menos dificuldade na sociedade, porque acabo ocupando um lugar de privilégio que antes não ocupava enquanto mulher. (Entrevistado A11).

O que ocorre com os demais entrevistados que são cisgêneros e que se inserem na sigla LGBTQIA+ devido sua sexualidade acaba sendo um pouco diferente do que foi citado anteriormente pelos entrevistados transgêneros. O que foi percebido nas entrevistas é que todos possuem certa vulnerabilidade a violência no que se refere a orientação sexual e identidade de gênero, porém, com as pessoas cisgêneros essa violência e discriminação ocorre diferente conforme cada sigla da terminologia.

Conforme dito o entrevistado A1 que se identifica com a orientação sexual gay e com a identidade de gênero não-binário, através de suas experiências, alguns lugares são mais suscetíveis a violência de gênero e sexualidade.

Alguns ambientes esportivos¹⁷ e bares em geral que predominam os cisgêneros heterossexuais que costumam ser mais agressivos e que não aceitam tanto a diversidade. (Entrevistado A1)

Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado A1, alguns territórios acabam sendo espaços onde as pessoas LGBTQIA+ são mais passíveis de violência. Ainda baseado no que foi dito pelo entrevistado, tais lugares são os mesmos pelo qual o entrevistado foi vítima de violência. “Acabam sendo territórios escorregadios, já aconteceram agressão físicas e verbais, nas avenidas e no centro da cidade.” Ou seja, o que podemos compreender pela percepção do entrevistado é que o espaço da cidade acaba sendo um território de preocupação para essas pessoas devido a violência que está materializada nas estruturas da sociedade.

De acordo com o entrevistado A1, apesar de sentir algumas sensações de medo, a cidade ainda acaba sendo um território menos violento comparado as outras cidades. “No geral, temos que escolher os lugares, andar em ovos muitas vezes. Em Alfenas, costuma ser um pouco mais segura para a comunidade LGBTQIA+ comparada a outras cidades.” Mesmo sendo uma cidade onde o entrevistado não sente tais aflições, o mesmo diz a necessidade de preocupar-se com o modo que ocupa o território, e conseqüentemente constrói sua territorialidade. Mesmo com esses relatos, o entrevistado A1 disse

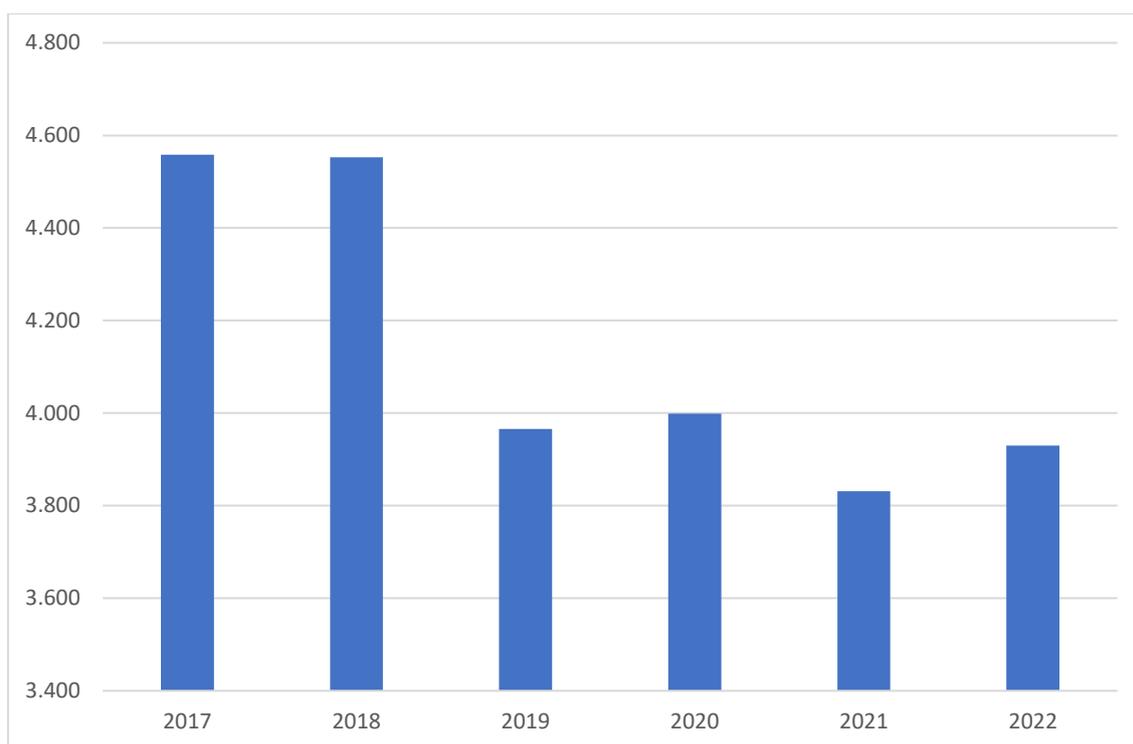
¹⁷ Mapeado no mapa de Alfenas no capítulo 4.4.

que já sofreu algum tipo de violência em Alfenas: “já fui vítima de violência várias vezes e conheço pessoas que sofreram violências várias vezes também.” Mesmo com sua vivência, o medo anda lado a lado com a tentativa de se impor nos espaços e nos territórios: “eu sou bem livre com minha identidade e sexualidade, sou bem afrontoso, não tenho medo, mas vejo motivos de outras pessoas sentirem medo”. Ou seja, podemos entender que para construir suas territorialidades, a comunidade LGBTQIA+ está inserida nas microterritorialidades como forma de (r)existência.

A entrevistada A3 que se identifica como mulher cisgênero lésbica dialoga com o que foi dito pelo entrevistado A1. De acordo com ela, para se entender nos territórios acaba não se escondendo como forma de resistência, porém, a mesma entende que alguns lugares não são suscetíveis a demonstração de carinho por duas pessoas do mesmo gênero, ela traz o exemplo: “Eu sou bem caruda. Tento não fazer tanto carinho na minha namorada dentro de um clube específico. Lá é muito mais família, aí evitamos.”

Uma fala da entrevistada A3 é de suma importância para compreendermos o contexto socioterritorial da violência de gênero e da sexualidade. “De madrugada quando saio para festas, tenho medo. Nem tanto por ser lésbica, mas por ser mulher.” Na fala da entrevistada podemos relacionar com o que é socialmente descrito e entendido como as estruturas patriarcais, machistas, que a todo momento colocam as mulheres em risco ou medo, devido ao contexto social onde um grande número de mulheres morre de feminicídio no Brasil. Baseado nos dados da Fiocruz (2023) podemos entender o contexto de homicídios:

Gráfico 24 - Homicídios Dolosos contra Mulheres no Brasil, de 2017 a 2022



Fonte: Fiocruz, 2023.

Podemos relacionar os dados de homicídios dolosos contra mulheres com o que foi dito pela entrevistada A4 que se identifica como mulher cisgênero lésbica e que se assemelha com o que foi falado pela entrevistada A3. Sendo assim, a violência de gênero e da sexualidade, acaba sendo em dobro quando pensamos no contexto das mulheres, visto que acabam sofrendo violência devido a sexualidade, com o peso da violência de gênero, o que não ocorre com um homem gay cisgênero, por exemplo.

A entrevistada A3 também discute sobre as festas em Alfenas e como esse território pode ser receptivo ou não, dependendo do contexto que a festa é criada, por quem é criada, entre outros aspectos.

O que foi dito pelos entrevistados nos permite entender que a comunidade LGBTQIA+, para se inserir e existir nos territórios, acabam criando microterritorialidade dentro de um território maior. Alguns territórios, acabam sendo ocupados por esses indivíduos, que criam microterritorialidades dentro desse território maior, como as festas universitárias.

A entrevistada A10 que se identifica como mulher cisgênero lésbica relata como alguns territórios acabam não sendo tão receptíveis e suscetíveis a

comunidade LGBTQIA+ “Eu acho que tem alguns bares na cidade que possuem características que não são de acolhimento para a comunidade, principalmente na Vila Teixeira¹⁸”.

A entrevistada A10 nos relata que certas territorialidades, certos espaços, são ocupadas por pessoas que se concebem na ordem padrão e hegemônica do gênero e da sexualidade, como citado na fala anterior. Tais lugares, acabam não sendo tão receptíveis para a comunidade LGBTQIA+ devido a traumas, lembranças, ou violências que ali podem ocorrer devido sua identidade de gênero e sexualidade. A mesma relata que no seu trabalho, acaba existindo um respeito, mas não existe um acolhimento:

Eu frequento muito os espaços da prefeitura pelo meu trabalho. Ocupo muitos esses espaços como secretária. Não vejo um acolhimento, mas vejo respeito dentro desse espaço. (Entrevistada A10).

A mesma entrevistada A10 que nos diz que não há um acolhimento onde trabalha, no lugar em que estuda, acaba sendo diferente conforme seu relato:

Aqui dentro da UNIFAL-MG é bem tranquilo, não sinto medo de demonstrar minha sexualidade. Aqui além do respeito eu vejo um acolhimento, diferente de otrevistada A10)

¹⁸ A Vila Teixeira em Alfenas é uma região onde está localizada a UNIFENAS e possui como característica ser um bairro universitário. A região também concentra alguns bares que é frequentado pelos estudantes e pela população.

Figura 10 - Universidade Federal de Alfenas



Fonte: Unifal-MG

O que foi relatado pela entrevistada A10 se assemelha com o que foi dito pelo entrevistado A9:

Aqui no ambiente universitário, especificamente na Unifal, sinto uma atmosfera bastante acolhedora e tranquila para expressar livremente minha sexualidade e minha identidade de gênero. A sensação de segurança e aceitação que encontro aqui contrasta positivamente com experiências que infelizmente, podem ser menos inclusivas em diferentes contextos externos a universidade. (Entrevistada A10)

O que podemos entender através dos relatos dos entrevistados é que o ambiente universitário possui suas contradições, sendo a universidade uma territorialidade que transmite recepção e acolhimento, e as festas universitárias possuindo alguns apontamentos que mostram como essa territorialidade pode encadear momentos de violência e discriminação.

O entrevistado A9 nos relata a sua experiência com o Hospital da cidade de Alfenas num contexto de uso de medicamento PEP (Profilaxia Pós-Exposição), que é um tratamento que visa prevenir a infecção pelo HIV e relatou que foi um momento que vivenciou discriminação:

Um lugar que sinto muito desrespeito foi o Hospital Alzira Velano. Tive que utilizar o PEP, ficamos cinco horas e meia para conseguir o remédio, porém aconteceu algo muito específico. A minha ficha

estava fora, tinham retirado minha ficha, senti como uma violência direta visto a necessidade de utilizar o medicamento.

Em síntese, a compreensão das territorialidades LGBTQIA+ são relevantes para o entendimento de como essas pessoas ocupam o espaço e através dele, criam laços que determinam as territorialidades. É fundamental que a comunidade LGBTQIA+ possam ocupar o espaço de maneira autêntica, sem receio de represálias e marginalizações.

4.3 ESTRUTURAS E PROCESSOS QUE COMPREENDEM A COMUNIDADE LGTBQIA+ EM ALFENAS

Em Alfenas, houve a criação do Movimento Gay de Alfenas (MGA) e a construção da Parada da Diversidade. A ideia inicial surgiu de um militante e estudante de direito que viu a necessidade de se debater e discutir sobre a temática GLS, como era dito na época. De acordo com o entrevistado Sander Simaglio, que iniciou o movimento em Alfenas:

Sou militante do movimento LGTBQIA+ desde 1999. Eu estava fazendo minha defesa de tese na faculdade de direito, e vi a necessidade de ir além daquilo na universidade. Ai fiquei procurando saber o que tinha na cidade, existia festas gays esporádicas na região rural da cidade porque tinha que ser tudo escondido (Sander Simaglio, 2023).

Como dito pelo entrevistado, as festas LGBTQIA+ aconteciam na zona rural da cidade, devido ao espaço de segregação que existia, e os encontros eram escondidos na zona rural. Foram através dessas festas, que começou a surgir o MGA, de acordo com o entrevistado:

Tinha uma galera ativa nas festas, mesmo sendo esporádicas, mesmo sendo escondidas, mesmo sendo nas periferias. No outro dia, encontrava essas mesmas pessoas nas ruas e elas não me cumprimentavam, porque era uma coisa que ninguém podia saber de ninguém. E ai eu comecei a conversar com um, dois amigos que eram mais próximos, da necessidade de discutir isso mais, e comecei a fazer reuniões entre amigos e conversávamos, discutíamos sobre os países que estavam criminalizando a questão de ser homossexual, isso foi engrossando o número de pessoas que se reuniam. (Sander Simaglio, 2023).

Dessa forma, o MGA, começa a dar seus primeiros passos enquanto grupos de amigos que reuniam para discutir sobre sexualidade e gênero na

época. Com o passar de algumas festas, o militante “cabeça” dentro do movimento acaba trazendo as festas que ocorriam na zona rural, para o centro da cidade:

Eu comecei a trazer as festas gays, que antes era na zona rural, para o centro da cidade. Alugava locais que os universitários faziam festas, e ai existiam festas do movimento que na época era movimento GLS. (Sander Simaglio, 2023).

Apenas as festas que ocorriam não foram capazes de sanar as dúvidas do militante perante ao pertencimento a cidade, então, as reuniões começaram a ser criadas com o intuito de discutir sobre as temáticas em relação a sexualidade na época:

Comecei a ver a necessidade ir além das festas, além da diversão e do comercial. Como havia me formado, comecei a fazer reuniões no meu escritório, umas reuniões de domingo, com 5, 6 pessoas, com pautas, envolvendo questões de saúde LGBT, preservativos, excursões para paradas LGBT. (Sander Simaglio, 2023).

Foi através da coluna do jornal da cidade de Alfenas, que o militante começou a ganhar mais espaço e certa notoriedade, enquanto militante do então movimento GLS na cidade:

Comecei a escrever no Jornal da cidade, o pessoal do jornal me deu uma coluna que chamava Cultura Pop GLS. E ali eu escrevia, e comecei a crescer essa coluna no jornal até virar uma página, e ai acabei me tornando uma referência, uma liderança. (Sander Simaglio, 2023).

Baseado no que foi dito pelo entrevistado, que coordena o MGA até então, houve a criação de lideranças sul-mineiras LGBTQIA+, que ocorreu em Juiz de Fora, fato importante e decisivo para a criação do MGA em Alfenas e da própria Parada da Diversidade:

Em Juiz De Fora, organizou um encontro financiado pelo Ministério da Justiça que era o encontro de lideranças de LGBT do Estado, proposto por uma ONG de Juiz de Fora, Movimento Gay de Minas, e ali eles nomearam as lideranças. (Sander Simaglio, 2023).

Uma das importâncias desse evento para Alfenas, foi a criação da Lei Rosa na cidade de Alfenas, de acordo com o entrevistado:

Nesse encontro, de 3 ou 4 dias, o vereador que apresentou a Lei Rosa em Belo Horizonte estava presente, dizendo como era a proposta de lei na cidade. Ai eu trouxe pra Alfenas, logo aprovamos a Lei Rosa em Alfenas de 2001 que é uma das primeiras do estado de Minas Gerais, que é a lei que pune discriminação no âmbito municipal. (Sander Simaglio, 2023).

E foi a partir do evento em Juiz de Fora que nasce o Movimento Gay de Alfenas, de acordo com o entrevistado, cabeça do movimento na época:

No último dia do evento, a proposta era montar uma federação mineira de homossexuais, porem a federação mineira para se filiar deveria ser pessoa jurídica. Nós não tínhamos personalidade jurídica, e aí voltamos para Alfenas e institucionalizamos o movimento, foi quando nasceu o Movimento Gay de Alfenas. (Sander Simaglio, 2023).

Para atuar enquanto movimento, houve a criação da personalidade jurídica do movimento com o CNPJ, de acordo com o entrevistado:

O movimento nasce em 2000. Em 2003, nós precisamos registrar, e ai criamos uma personalidade jurídica com CNPJ. Quando chegou em 2004, o Ministério da Saúde lançou um edital para apoiar paradas gays, porém tinha que ter um ano de registro. Audaciosamente escrevi o projeto, foi aprovado, e a primeira parada foi realizada em 2004. (Sander Simaglio, 2023).

Após a criação do movimento, institucionalizado, houve a criação das Paradas da Diversidade, que de acordo com o entrevistado elas ocorreram: “Nós fizemos a parada LGBT em 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2023.” (Figura 11, 12 e 13).

Figura 11 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2016.



Fonte: Alfenas Hoje, 2016

Figura 12 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2018



Fonte: Alfenas Hoje, 2018

Figura 13 - Parada do Orgulho LGBTQIA+ de Alfenas em 2023



Fonte: MGA Alfenas, 2023

O movimento até 2015, possuía sua sede, porém de acordo com o entrevistado:

Nós tínhamos uma sede, que executava vários projetos, ela abriu 2006 e fechou em 2015. Ela fechou em 2015 porque acabaram os recursos financeiros específicos para a população LGBT que eram os editais de concorrência pública. (Sander Simaglio, 2023).

Dialogando com o método do trabalho, as estruturas acabam sendo sucateadas com o tempo, de acordo com o entrevistado:

O que vemos hoje são pouquíssimas estruturas governamentais para a população LGBT, quase todas sucateadas, quase todas as vezes para manter as portas abertas para um jogo político. Quando tínhamos uma sede, com vários projetos, hoje não temos onde frequentar, hoje temos a rede social. (Sander Simaglio, 2023).

Apesar de todo sucateamento, a resistência do grupo permanece. De acordo com o entrevistado:

Nós do movimento, temos uma sede provisória dentro da casa dos conselhos. Nos reunimos uma vez por mês, e na organização da semana da diversidade alguns meses antes realizamos reuniões semanalmente. (Sander Simaglio, 2023).

Além disso, foi perguntado sobre os projetos já executados pelo MGA, e o entrevistado nos relatou:

Alguns dos projetos são: Projeto Amor da Unifal, Livros do MGA, MGA itinerante, Academia especialidade para portador de AIDS, assistência jurídica para portador de AIDS. Porém, o principal projeto atualmente é a semana da diversidade que antecede o movimento da Parada LGBTQIA+. (Sander Simaglio, 2023).

Na última edição da Parada da Diversidade de Alfenas de 2023 houve eventos realizados pela semana da diversidade, como a “cãominhada”, os jogos da diversidade, conferências, rodas de conversa, eleição da miss e do mister gay sul de Minas Gerais, peças teatrais e a própria parada no final da semana, conforme figura 14.

Figura 14 - Panfleto da Semana Sul Mineira da Diversidade Sexual de 2023 em Alfenas

XIV SEMANA SUL MINEIRA DA DIVERSIDADE SEXUAL
REALIZAÇÃO: MOVIMENTO GAY DE ALFENAS (23 ANOS DE HISTÓRIA)

PROGRAMAÇÃO

23/SET - SÁBADO
19:00 Mostra "Cultura Pop" LGBTQIA+ .
 Shows e DJs
 Concha da Praça Getúlio Vargas
 Entrada Franca

24/SET - DOMINGO
9:00 Jogos da Diversidade
 Ginásio Poliesportivo "Tancredo Neves"
 Entrada Franca

25/SET - SEGUNDA
19:00 - Casa dos Conselhos
 Mini Conferencia "Políticas Afirmativas para a População LGBTQIA+ e criação de Plano de Trabalho anual para 2024"

26/SET - TERÇA
Roda de Conversa
20:00 "O Poder do Não e a Autorresponsabilidade: Ao Assédio diga NÃO"
 Facilitadora: Iara Romanelli - Advogada, defensora dos Direitos Humanos
21:30 "LGBTQIAPN+ no mercado de trabalho/ empreendedorismo"
 Facilitadora: Erika Tobias - Consultora de Diversidade e Inclusão Direito / Pós Diversidade e Inclusão
 Local: Teatro Municipal
 Entrada Franca

27/SET - QUARTA
10:00 as 16:00 Exposição "Resistir para existir: história de luta do movimento LGBTQIA+"
 Local: Museu de Memória da Unifal - centro de Alfenas
 Organização: Grupo AMHOR/UNIFAL
 Entrada Franca
19:30 - Roda de Conversa "Resistência do Movimento LGBT nos dias de hoje"
 Facilitador: Willian Carvalho - Vereador na Cidade de Quatis/RJ
 Entrada Franca

27/SET - QUARTA
21:00 "A importância da interseccionalidade na efetivação de políticas públicas para a população LGBTQIA+."
 Facilitadora: Andrea Rossati - Coordenadora Especial da Diversidade da Prefeitura de Fortaleza/CE
 Entrada Franca

28/SET - QUINTA
10:00 as 16:00 Exposição "Resistir para existir: história de luta do movimento LGBTQIA+"
 Local: Museu de Memória da Unifal - centro de Alfenas
 Organização: Grupo AMHOR/UNIFAL
 Entrada Franca
20:30 - Coquetel de entrega do Troféu "MGA de Cidadania"
 Evento para convidados

29/SET - SEXTA
10:00 as 16:00 Exposição "Resistir para existir: história de luta do movimento LGBTQIA+"
 Local: Museu de Memória da Unifal - centro de Alfenas
 Organização: Grupo AMHOR/UNIFAL
 Entrada Franca
21:00 Eleição da Miss e do Mister Sul de Minas Gay
 Local: Buffet Domno Martelli
 Entrada Franca

30/SET - SÁBADO
16:00 - Cãominhada da Diversidade
 Local: Concha da Praça Getúlio Vargas
20:00 - Peça Teatral "O Porto"
 Local: Teatro Municipal de Alfenas - Entrada Franca
23:00 - Pride Party
 Local: Hangar - Convites pelo site "cheersap"

01/10 - DOMINGO
14:00 XV PARADA DO ORGULHO LGBTQIA+ DO SUL DE MINAS
18:00 - Chacoalhando os Esqueletos da Parada
 Local: Hangar - Convites pelo site "cheersapp"

Fonte: MGA Alfenas, 2023

Tais ações demarcam as territorialidades que são criadas como forma de resistência, de pertencimento ao território, construindo tais territorialidades conforme a necessidade de ocupação dos mais diversificados espaços.

4.4 TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM POUSO ALEGRE

No que se diz respeito as territorialidades LGBTQIA+ em Pouso Alegre, foi observado que muitas vezes, as histórias e os desafios enfrentados pela comunidade LGTBQIA+ se assemelham, principalmente a construção de territorialidades e identidades de pertencimento. Porém, as territorialidades e as vivências acabam possuindo algumas diferenças em relação ao gênero ou a própria sexualidade.

Em um primeiro momento, trataremos a discussão sobre as territorialidades em Pouso Alegre de indivíduos que se denominam transsexuais. No geral, com base nas entrevistas e no que foi relatado, existem alguns lugares que acabam sendo mais acolhedores do que outros, e isso se dá por diversos motivos, muitas vezes intrínsecos a pessoa que vivencia um determinado lugar, e pelas estruturas sociais que contribuem para uma certa segregação contribuindo de certa forma, para a construção de territorialidades.

Baseado no que foi dito pela entrevista P6, que se identifica como mulher transsexual, alguns lugares afastados da cidade, acaba sendo lugares onde existe uma certa sensação de insegurança, muitas vezes essa sensação acaba sendo pior pelo fato de ser uma mulher transsexual, como diz a entrevistada:

Em certos bairros mais afastados, especialmente à noite, sinto uma sensação de insegurança, ampliada pela falta de iluminação. O período mais crítico é geralmente após as 21h. Moro em um bairro afastado da cidade, e já sofri diversos tipos de violências verbais no caminho pra casa depois do trabalho, moro no bairro São João e para chegar lá, muitas vezes caminho a pé do centro da cidade, o que demora umas 01h30, e nesse momento de noite que acontecem os assédios na avenida que liga o centro (Av. Alferes Gomes Medela) ao bairro São João. (Entrevistada P6)

Ainda no que foi dito pela entrevistada P6, essa mesma avenida durante o dia, devido ao comércio e ao trânsito, acaba sofrendo menos ameaça e conseqüentemente menos agressão verbal ou física. “Durante o dia é tranquilo,

eu ando com as minhas colegas de shortinho e me sinto um pouco mais segura, mas muitas das vezes estou acompanhada pelas minhas amigas e amigos. Durante a noite eu já tenho medo devido a violência, e a área do tráfico de drogas, mas por ser moradora eles me respeitam mais.”

Figura 15 - Av. Alferes Gomes Medela



Fonte: Jornal da Cidade, 2020.

Ainda com base na vivência relatada pela entrevistada P6, existem alguns lugares que a sensação de não acolhimento se prevalece sob as outras, muitas vezes, como dito pela entrevistada, acaba sendo um preconceito velado, escondido e sutil, essa sensação de não-pertencimento, acaba sendo nos bares da avenida conhecida como Via Gastronômica (Figura 16), frequentado por quem tem mais poder aquisitivo.

Alguns estabelecimentos mais tradicionais podem ser menos acolhedores para a comunidade LGBTQIA+, essa sensação vem de um preconceito que acontece de forma sutil, pelos olhares. A Via Gastronômica acaba sendo um dos lugares que mais me senti julgada, através dos olhares. (Entrevistada P6)

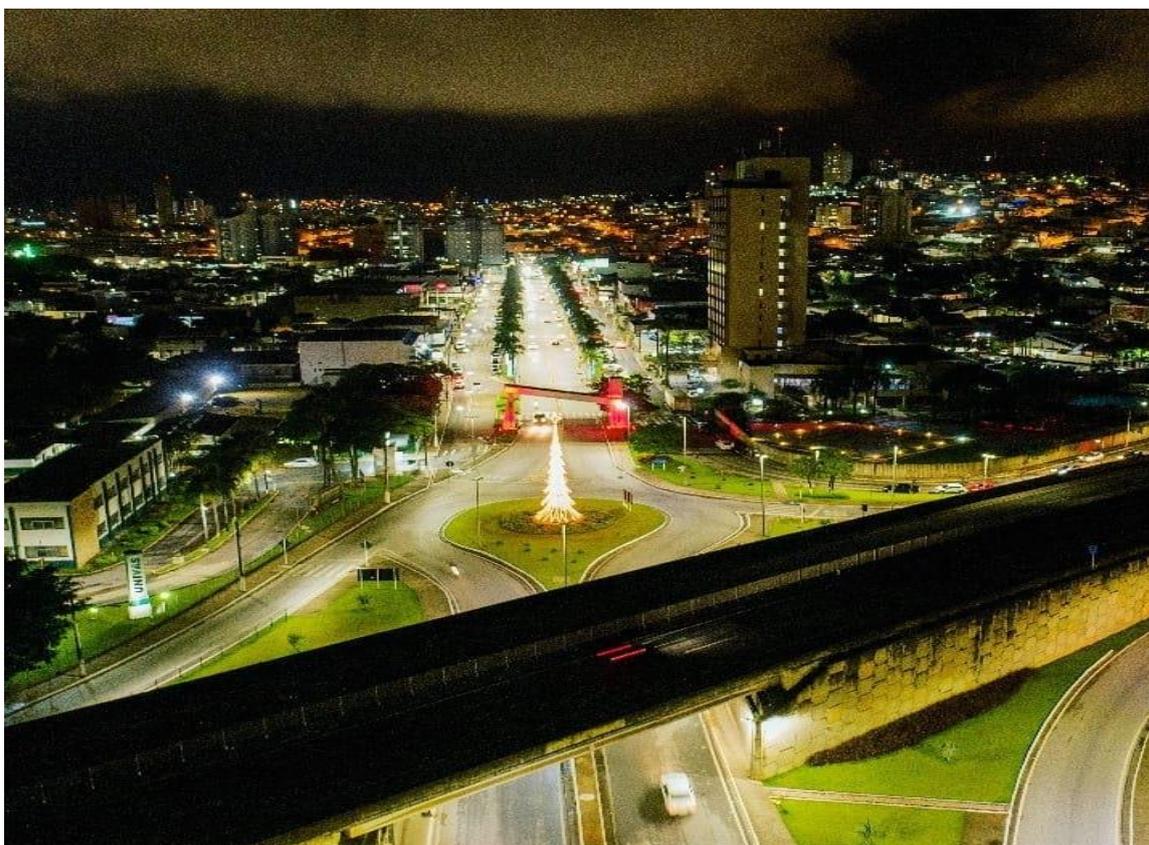
O entrevistado P7 que se intitula como homem transsexual, também traz relatos da sua experiência vivida na Via Gastronômica e relatou uma experiência

parecida com a entrevistada P6. O entrevistado diz que muitas vezes, esse preconceito velado como diz a entrevistada, acaba sendo por falta de informação:

A falta de inclusão de pessoas trans em certos ambientes, nos mostra a necessidade contínua de sensibilização sobre as diversas identidades de gênero. Muitas vezes, nos sentimos não pertencidos a alguns lugares. Eu sou um amante da comida, e já vivenciei preconceito por partes dos frequentadores dos bares na Via Gastronômica, devido a minha identidade de gênero. (Entrevistado P7)

Essas questões da experiência vivida remontam aos pressupostos de Tuan (1980, 1983) da sensação de afeto ou não com os lugares, que consequentemente podem tornar-se territórios.

Figura 16: Via Gastronômica em Pouso Alegre



Fonte: Jornal da Cidade, 2020

A entrevistada P8, que se identifica como mulher transsexual relata sobre as suas experiências e vivências. O que vem de encontro com os demais entrevistados, transsexuais (P6, P7) que aqui já foram relatados e se

assemelhando com as respostas de outros indivíduos das demais sexualidades sobre as territorialidades LGBTQIA+ em Pouso Alegre. Baseado no que foi dito pela entrevistada P8, próximo ao centro da cidade, localizado próximo a Faculdade de Direito do Sul de Minas (FDSM), existem bares alternativos frequentados pelo mais diversificado público da cidade. Porém, o que foi relatado pela entrevistada P8, é que essa região dos bares alternativos, é onde também ocorre e já ocorreu violência devido a identidade de gênero com uma mulher transsexual ¹⁹. Podemos fazer uma inferência ao pensar que Pouso Alegre, apesar de sua evolução no caráter econômico, industrial, muitas vezes, peca na falta de lugares, o que fazem essas pessoas ocuparem os lugares mesmo com possíveis violências, devido o que já aconteceu na região. Como dito pela entrevistada P8:

Geralmente, me sinto confortável em expressar minha afetividade, mas evito manifestações públicas em locais menos inclusivos para preservar meu bem-estar emocional. Digo isso porque vi com meus próprios olhos uma menina transsexual sofrendo violência do dono do bar, conhecido como bar do rock, próximo a faculdade de Direito. E isso ocorre direto. (Entrevistada P8)

O que foi dito pela entrevistada P8, não somente as pessoas transsexuais, mas também outras pessoas de outras sexualidades, também relataram sobre o ocorrido e sobre como esse espaço continua sendo cada vez mais ocupado por pessoas LGBTQIA+. O que nos faz referência ao que foi dito nos capítulos anteriores, sobre essas territorialidades de (r)existência. A entrevistada P6 também confirma o ocorrido:

Alguns estabelecimentos podem ser menos acolhedores para a comunidade LGBTQIA+, como que a maioria dos meus amigos frequentam, mesmo sendo LGBTQIA+. Os bares ali perto da faculdade de direito, apesar do que aconteceu com a menina transsexual, acaba sendo os lugares mais frequentados pela galera mais alternativa, incluindo pessoas da comunidade LGBTQIA. (Entrevistada P6)

Além da confirmação da entrevistada P6, esse episódio também foi relatado pelo entrevistado P7 que se identifica como homem transsexual:

¹⁹ Houve tentativa de contato com a mesma para um relato, porém, não foi obtido respostas.

Em certos bares próximo a FDSM, a sensação de insegurança é mais presente, especialmente à noite. Principalmente pós agressão física e verbal que sofreu uma jovem transsexual no bar próximo a faculdade. Antes, era ocupado por bastante pessoas da comunidade LGBTQIA+, após o ocorrido, ainda continuamos indo aos bares ali perto, porém, sempre existindo essa insegurança, porém eu não deixo de sair por conta desse motivo, acho que o certo é estar nesses lugares, mostrando quem somos. (Entrevistado P7)

O que foi dito pelo entrevistado, nos mostra como essas territorialidades enfrentam conflitos no campo imaterial, mas também na materialidade. Esse conflito, gerado pela ocupação mutua do espaço, também foi discutido nos capítulos anteriores, utilizando autores como Haesbaert (2007, 2009) que também discute sobre essas conflitualidades, que culminam em tais territorialidades.

Figura 17 - Faculdade de Direito do Sul de Minas e Bar do Rock



Fonte: Autor, 2023.

A região mencionada também foi citada com frequência pelas pessoas de demais gêneros e sexualidades. A Avenida João Beraldo, onde está localizada a FDSM, possuem alguns bares ao seu redor, que concentra não somente os estudantes, mas também, o pessoal dito como “alternativos” da cidade. Na figura 18, conseguimos identificar os bares que são ocupados frequentemente pela

comunidade LGBTQIA+, conforme o relato das entrevistas.

Figura 18 - Av João Beraldo em Pouso Alegre



Fonte: Autor, 2023.

Conforme o entrevistado P1 que se identifica como homem homossexual, também relata que para o divertimento das pessoas LGBTQIA+ na cidade, acaba sendo a região da Avenida João Beraldo. Porém, no relato do entrevistado P1 conseguimos perceber como se deu a ocupação dessa área não só pela comunidade LGBTQIA+, mas também para todas as pessoas alternativas da cidade.

No centro da cidade, principalmente à noite, gera uma sensação de medo. Pois percebo que a comunidade LGBTQIA+ está sempre propícia a violência. Aqui em Pouso Alegre, comecei a frequentar o Pit Stop em meados de 2012, 2013, onde ocorriam festas no local que ocupava a Avenida João Beraldo, e lotava de pessoas na rua. (Entrevistado P1)

De acordo com o entrevistado P1, foram essas festas que culminaram na territorialidade das pessoas mais alternativas nessa localidade, fazendo abrir diversos bares ao entorno do local, aproveitando também a presença dos estudantes da FDSM.

As festas organizadas pelo bar Pit Stop, chamadas de Pow Pow Crew, começaram a ser frequentadas pelo público jovem, e com o tempo foi sendo destruída pelas forças da PMMG, que frequentemente chegava no local para “dar geral” nas pessoas que estavam curtindo. (Entrevistado P1)

Figura 19 - Bar Pit Stop em Pouso Alegre



Fonte: Luiz Carlos, 2022.

Além disso, o entrevistado P1 também nos relatou outra territorialidade que foi construída pelas pessoas da comunidade LGBTQIA+ em 2011, sendo uma boate LGBTQIA+, chamada de Disco Hype. Anteriormente a criação da boate, existiam outras boates que eram frequentadas pelo público LGBTQIA+, porém, o a grande ocupação e criação de mais uma territorialidade LGBTQIA, se dá pela construção da Disco Hype.

Figura 20 - Porta de entrada Disco Hypee.



Fonte: Intense Fotografia, 2017

A localização da Disco Hypee, possui uma certa característica interessante. Anteriormente a criação da boate, as pessoas da comunidade LGBTQIA+ frequentavam mais as danceterias que estavam localizadas no centro da cidade, de acordo com o entrevistado P1 e também pela entrevistada P2 que se identifica como mulher lésbica. Porém, a criação da Disco Hypee, foi localizada as margens da Rodovia Juscelino Kubitschek de Oliveira que liga o centro da cidade de Pouso Alegre a Rodovia Fernão Dias (BR 381). Ao lado do Hipermercado Baronesa, num local mais afastado da centralidade, e que acabou sendo um local onde houve uma adaptação, que talvez possa ser entendida como uma forma de territorializar numa cidade onde essas pessoas são marginalizadas, acabando assim, ocupando os lugares periféricos da cidade.

Figura 21 - Localização Disco Hype em Pouso Alegre



Fonte: Hipermercado Baronesa, 2020.

De acordo com os relatos dos entrevistados, e pelas páginas oficiais da Disco Hype, os eventos começaram em 2011, atraindo no começo pessoas da cidade de Pouso Alegre. Porém, com o passar do tempo, a Disco Hype começa a ser uma referência no sul de Minas, atraindo pessoas da comunidade LGBTQIA+ de diversas cidades da região, incluindo Alfenas.

Figura 22 - Disco Hype.



Fonte: Página Oficial Disco Hype, 2016.

A média de público nas chamadas “festas grandes” organizadas pela Disco Hype, passava de mais de 1500 pessoas, de acordo com a entrevistada P4, que se identifica como mulher pansexual, e que as vezes trabalhava nas festas como *freelancer* nas festas organizadas pela Disco Hype.

As festas organizadas pela Disco Hyppe quando eram as festas grandes, chegava a ter 1500 pessoas. Essas festas eram frequentadas por pessoas de diversas cidades aqui da região. Fiz muitos amigos da região pelo fato de todo mundo vir pra Hyppe aos finais de semana para curtir, antes não tinha nenhum espaço com tanta relevância na região para a comunidade LGBTQIA+. (Entrevistada P4)

O entrevistado P5 que se identifica como homem homossexual, também traz seus relatos de como era ir para a Disco Hyppe. Devido a não aceitação da sua sexualidade pelos seus pais na época, para ir a boate, mentia sobre a localidade em que estaria saindo com seus amigos. Ou seja, mais uma vez a realidade lidando com a teoria, devido que as territorialidades geram conflitos, muitos deles sociais. Ou seja, a partir da descoberta de suas idas ao local, conflitos eram gerados dentro do núcleo familiar, até a aceitação e compreensão através do tempo de acordo com o entrevistado.

No começo, para ir para a Hyppe, eu mentia para onde estava indo pois tinha medo da reação dos meus pais. Quando descobriram, realmente foi difícil porque eles não me aceitavam na época, só com o tempo as coisas foram ficando melhores. (Entrevistado P5)

Pela fala do entrevistado P5, podemos perceber a ligação da territorialidade com a própria identidade da pessoa. Diferente de outros lugares frequentado pelo entrevistado na cidade, onde a ocupação desse espaço é limitada devido a marginalização e a sensação de não-pertencimento ao espaço, como é possível observar em sua percepção:

Em algumas praças da cidade, especialmente à noite é mais perigoso, devido também a criminalidade e as possíveis agressões físicas e verbais que possam ocorrer devido a sexualidade, ou se uma pessoa for transsexual também. Percebo que após as 22h, devido à pouca iluminação e à baixa movimentação nas ruas de algumas praças, como a Praça João Pinheiro, ou a praça central da cidade mesmo. Durante o dia, esses lugares não possui tanto perigo devido ao comércio. (Entrevistado P5)

Figura 23 - Praça João Pinheiro em Pouso Alegre



Fonte: Turismo em Minas, 2020.

Como dito por alguns entrevistados, devido ser uma cidade do interior, muitos adolescentes e jovens se encontram nas praças públicas. Isso foi o que aconteceu com o entrevistado P9 que se identifica como homem bissexual, quando adolescente, o mesmo encontrava seus amigos em praças, e hoje em dia, através dos entrevistados podemos perceber que esse movimento ainda continua, devido a falta de territorialidades que vão sendo construídas através da ocupação dessas pessoas em mais diversificadas escalas.

Quando adolescente, eu encontrava meus amigos que também eram LGBTQIA+ na praça, principalmente na praça central da cidade. Hoje em dia, percebo que apesar de existem mais opções na cidade, boa parte dos jovens ainda continuam se encontrando nas praças da cidade, digo isso pelo meu irmão mais novo, que também frequenta hoje em dia as praças da cidade, principalmente a praça do bairro primavera próxima a casa do nossos pais. (Entrevistado P9)

A praça mencionada, possui o nome de Praça dos Expedicionários (Figura 24) e fica próximo a região central da cidade. A praça também foi relatada por outra jovem entrevistada, identificada como P10, e se entende como mulher lésbica:

Eu e meus amigos costumamos a fazer alguns esquentas antes de ir para os bares (pit stop, bar do rock) na praça da primavera (Praça dos Expedicionários). Acaba se formando alguns grupos de pessoas, e boa parte é da comunidade LGBTQIA+. Porém o pessoal acaba ficando lá até umas 22h e descem para os bares depois. (Entrevistada P10)

Figura 24 - Praça dos Expedicionários em Pouso Alegre



Fonte: Autor, 2023.

A entrevistada P10 e seu amigo entrevistado P11 que se identifica como homem bissexual relatou na entrevista que além das praças, hoje em dia costumam a frequentar um novo bar LGBTQIA+ na cidade, chamado Tim Tim Bar. De acordo com o relato dos entrevistados, a boate chamada Disco Hype veio a fechar, porém os donos, optaram pela criação de um bar LGBTQIA+ que em primeiro momento manteve sua localidade onde era a antiga Disco Hype e atualmente, localiza-se em uma avenida que liga uma das saídas da cidade, ao centro de Pouso Alegre. A mudança foi recente, em dezembro de 2023.

Boa parte do público mais jovem LGBTQIA+ estão indo no Tim Tim Bar, por ser um ambiente totalmente voltado a comunidade, nos sentimos muito bem frequentando o lugar, não temos medo, e é onde todo mundo se encontra, pra se divertir, se beijar, conhecer novos amigos. (Entrevistada P10)

Seu amigo que também participou da entrevista, o entrevistado P11 também nos relata sobre o novo bar LGBTQIA+ da cidade:

O Tim Tim Bar é o novo ponto de encontro das pessoas LGBTQIA+, visto que nos dias atuais, é o único bar/boate voltado para o público LGBTQIA+. Com o fim da Disco Hype, acabamos ficando sem um lugar para ir sem termos medo de sofrer algum tipo de violência, com a volta através do Tim Tim Bar, podemos ir novamente a um lugar que podemos ser quem somos livremente, apesar de já fazer isso no dia a dia. (Entrevistado P11)

Figura 25 - Portaria do Tim Tim Bar em Pouso Alegre



Fonte: Página Oficial Tim Tim Bar no Instagram, 2023

Como dito pelos entrevistados, as festas que são realizadas no Tim Tim Bar são voltadas para os membros da comunidade LGBTQIA+, em sua maioria, são essas pessoas que ocupam esse espaço e acabam demarcando sua territorialidade. Na figura 26 está um dos *flyers* utilizado para divulgação das festas:

Figura 26 - Flyer da festa que aconteceu no réveillon 2023/2024 no Tim Tim Bar



Fonte: Página Oficial do Tim Tim Bar no Instagram, 2023.

Algumas outras territorialidades LGBTQIA+ são importantes de se pensar em Pouso Alegre. Foi relatado nas entrevistas pelas entrevistadas – P12 e P13 que se identificam como mulheres trans – que existe um território, onde garotas de programas transsexuais atuam de noite na cidade. O local descrito pelos entrevistados e confirmado em trabalho de campo, fica próximo à rodoviária da cidade, e se localiza na região central da cidade (Figura 27). De acordo com a entrevistada P12:

Próximo à rodoviária da cidade na Av. Levindo Ribeiro Couto, durante a noite, vejo que é um ponto de prostituição por mulheres transsexuais. Lembro que esse ponto de prostituição existe há muito tempo na cidade, um ponto já demarcado por elas. (Entrevistada P12)

A avenida que liga o centro da cidade a rodoviária, é chamada de Avenida Levindo Ribeiro Couto. Durante a noite, essa área é ocupada por mulheres transsexuais que possuem a prostituição como forma de sustento financeiro.

Foi tentado algumas comunicações com as mulheres transsexuais pelo trabalho de campo no local citado, porém para a preservação e cuidado das pessoas, elas optaram por não participarem da entrevista, porém, relataram que essa área já é ocupada pelas mulheres transsexuais há mais de 10 anos. Entendendo como uma região estratégica, próximo ao centro da cidade e da rodoviária.

Figura 27 - Av. Levindo Ribeiro Couto em Pouso Alegre



Fonte: autor, 2023.

O ponto mencionado pela entrevistada P12 também foi relatado pela entrevistada P13 e confirmado em trabalho de campo. De acordo com a entrevistada P13, muitas dessas mulheres transsexuais se prostituam as beiras da rodovia que liga a rodoviária da cidade a Rodovia Fernão Dias (Figura 28). Porém, com o passar do tempo, essa ocupação pela prostituição acaba se materializando mais na região central da cidade. De acordo com a entrevistada P13:

Ali na frente da Rodoviária é um ponto recente de prostituição comparado as beiras da rodovia que liga a rodoviária a Rodovia Fernão Dias. Porém, com o tempo, as mulheres transsexuais começam a utilizar a praça que tem em frente a rodoviária a noite, como ponto de prostituição, visto também a proximidade do centro da cidade. (Entrevistada P13)

Figura 28 - Territorialidade da prostituição de mulheres transsexuais



Fonte: autor, 2023.

O entrevistado P14 que se identifica como homem homossexual, nos relatou que quando mais jovem, a Galeria PA Shopping (Figura 29), era um ponto de encontro de diversas pessoas, inclusive da comunidade LGBTQIA+. Com a construção do novo shopping na cidade à beira da Rodovia Fernão Dias, essa territorialidade que acabou sendo um ponto de encontro por muitos anos, vai se desfazendo aos poucos. Hoje em dia, não é um ponto de encontro como antigamente, relata o entrevistado, que nos disse que lotava de jovens no período da tarde, visto que de manhã todos estavam em suas escolas.

Na minha época, encontrávamos na Galera PA Shopping que fica bem no centro da cidade, lá era um dos pontos de encontro. Costumava a ir todo tipo de pessoa, de distintas sexualidades e gênero. Não era um encontro exclusivo de pessoas LGBTQIA+, mas ali, também se encontravam pessoas da comunidade, durante muitos anos era um ponto referência na cidade. (Entrevistado P14)

A figura 29 nos mostra como é a Galeria PA Shopping que é uma das territorialidades LGBTQIA+ na cidade.

Figura 29: Galeria PA Shopping em Pouso Alegre



Fonte: Pouso Alegre.net, 2023

O ponto mencionado pelo entrevistado P14 também é relatado pelo seu amigo que participou da entrevista, aqui identificado como P15. Em sua narrativa, nos confirma a importância para essa territorialidade na época, de acordo com ele, entre os anos 2005 à 2011.

A Galeria PA Shopping era um ponto de encontro para a juventude que hoje em dia está um pouco mais velha. Lá todos se encontravam, e não via transparentemente, qualquer sinal de violência de gênero ou de sexualidade, porém não tem como afirmar que nunca ocorreu, eu não saberia dizer, porém, eu e meus amigos nos sentíamos confortáveis de ir pra lá. (Entrevistado P15)

Além da Galeria PA Shopping, o entrevistado P15 menciona que nos dias atuais um dos lugares bem receptivos a comunidade LGBTIQA+ é o Republica Bar. Frequentado por uma maioria heterossexual, o bar possui em sua característica, os sons de rock que fazem ser frequentados por um público mais alternativo e que muitas vezes acaba sendo mais receptivo no entendimento do entrevistado.

O República Bar é um pub super antigo na cidade, e que desde os meus 18 anos frequento. Nunca sofri nenhum tipo de violência lá, e meus amigos e amigas que vão também nunca sofreram, visto que é um bar nitidamente hetero, e que acaba sendo ocupado por diversas sexualidades e gêneros. (Entrevistado P15)

Figura 30 - República Bar em Pouso Alegre



Fonte: Terra do Mandu, 2022.

O República Bar se localiza na principal avenida do centro da cidade de Pouso Alegre (Av. Doutor Lisboa), e lá, acontecem festas desde 2010. Por ser no centro da cidade, o bar acaba atraindo diversos tipos de pessoas, de gêneros e sexualidades distintas.

Figura 31 - Avenida Doutor Lisboa e o República Bar



Fonte: Página Oficial República Bar, 2020

Sendo assim, as territorialidades LGBTQIA+ mais mencionadas pelos indivíduos foram os bares e algumas praças pelo centro da cidade. Entender essa dinâmica, nos possibilita a entender de certa forma, como são as

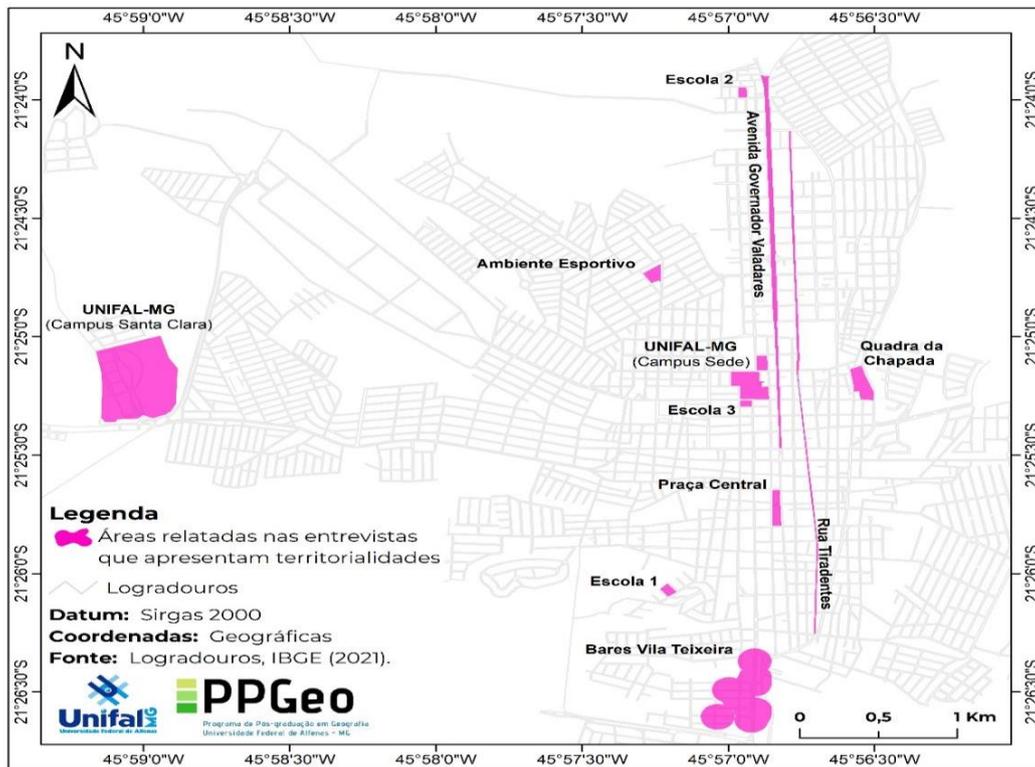
territorialidades e de que forma isso ocorre. As territorialidades, muitas vezes geram conflitos pela territorialização dessas pessoas em ambientes que antes podiam ser negados ou que eram pouco ocupados pelas pessoas LGBTQIA+.

4.5 SÍNTESE E PERSPECTIVAS DAS TERRITORIALIDADES LGBTQIA EM ALFENAS E POUSO ALEGRE.

Nos tópicos anteriores, foi obtido através das entrevistas os lugares e as territorialidades dos indivíduos LGBTQIA+ em respectivas cidades. O presente tópico tem a finalidade de especializar através de mapas, o que foi relatado pelos entrevistados. Os mapas foram desenvolvidos em territorialidades de acolhimento e de medo/insegurança, devido ao que foi relatado pelos entrevistados, sendo o primeiro mapa de ambas as cidades, dados gerais que foram coletados.

Começando pela cidade de Alfenas, foram obtidos seguintes dados, conforme mostra a Figura 32

Figura 32 - Total das territorialidades relatadas pelos indivíduos LGTBQIA+ em Alfenas, 2023

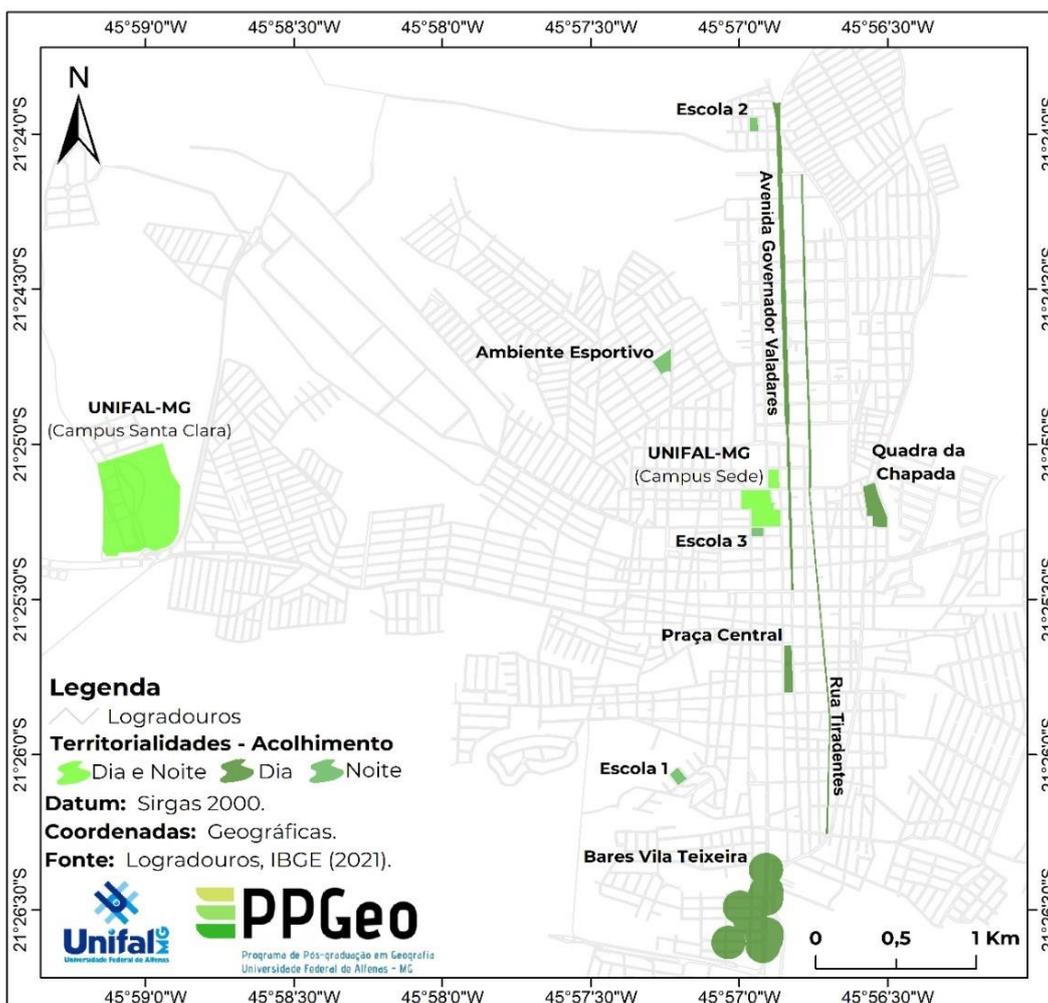


Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

A figura 32 concentra todos os pontos que foram ditos pelos entrevistados. Seja ele uma territorialidade de acolhimento, seja de dia ou de noite, ou uma territorialidade de medo/insegurança, seja de dia ou de noite. Ou seja, o mapa apresentado nos mostra o total de pontos que foram relatados pelos entrevistados.

A figura 33 foi construído com base nas territorialidades de acolhimento, ou seja, onde esse indivíduo se identifica e se sente pertencido ao lugar em que foi dito. Em síntese, nesse processo, constrói esse vínculo com a localidade, culminando na territorialidade.

Figura 33 - Territorialidades de Acolhimento LGBTQIA+ em Alfenas, 2023

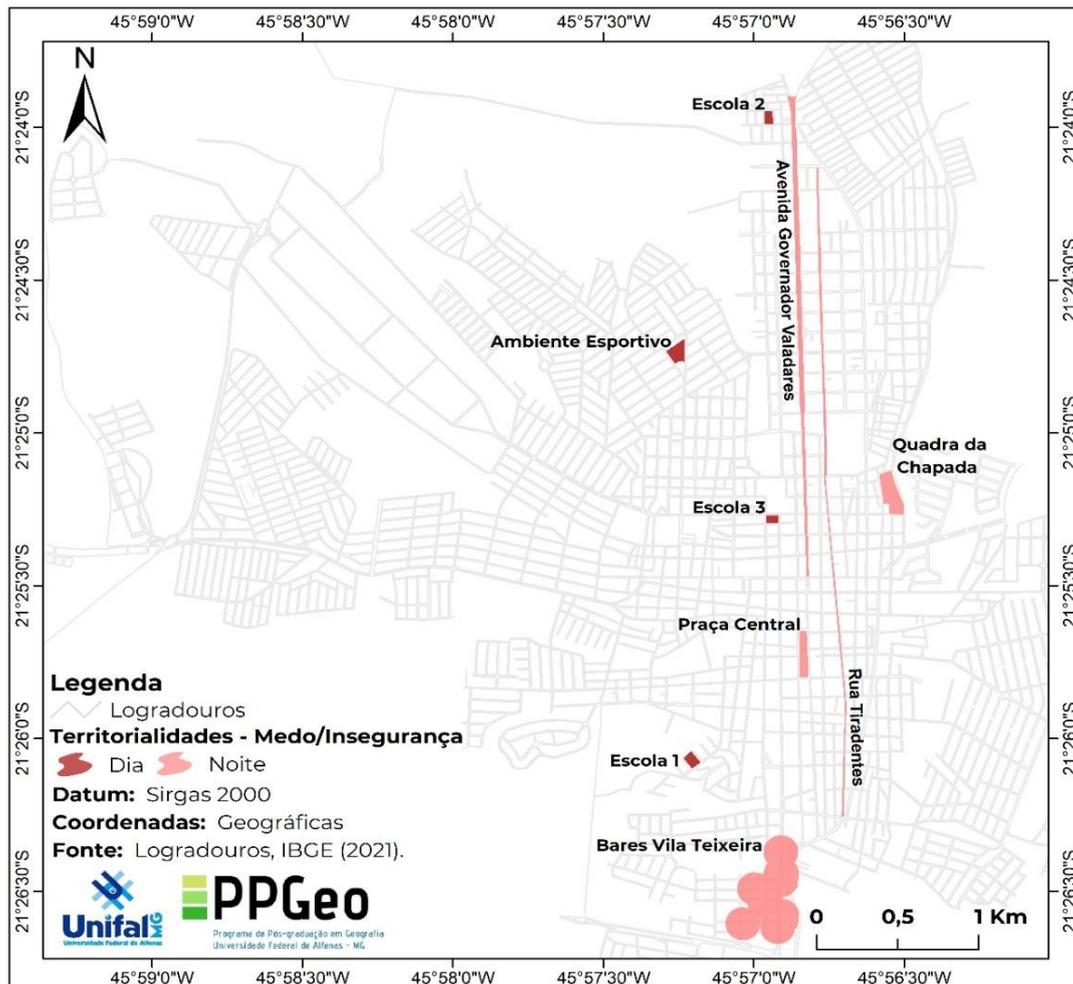


Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

Conforme mostra a figura 33, as territorialidades de acolhimento foram divididas em: dia e noite, dia, noite. Nas entrevistas, foi muito relatado sobre a temporalidade, e muitas dessas territorialidades acontecem em determinado período do dia ou da noite. Como podemos identificar, a Unifal é uma territorialidade de acolhimento tanto de dia, como de noite. Alguns bares também, possui a característica de ser um local de acolhimento de dia e de medo/insegurança conforme mostra a figura 31.

Contudo, como pode ser observado nos mapas, essas territorialidades ao mesmo tempo que de dia pode ser de acolhimento, de noite, esse mesmo território, acaba sendo de medo/insegurança, possuindo algumas exceções como o caso das escolas na figura 34.

Figura 34 - Territorialidades do Medo/Insegurança em Alfenas, 2023.

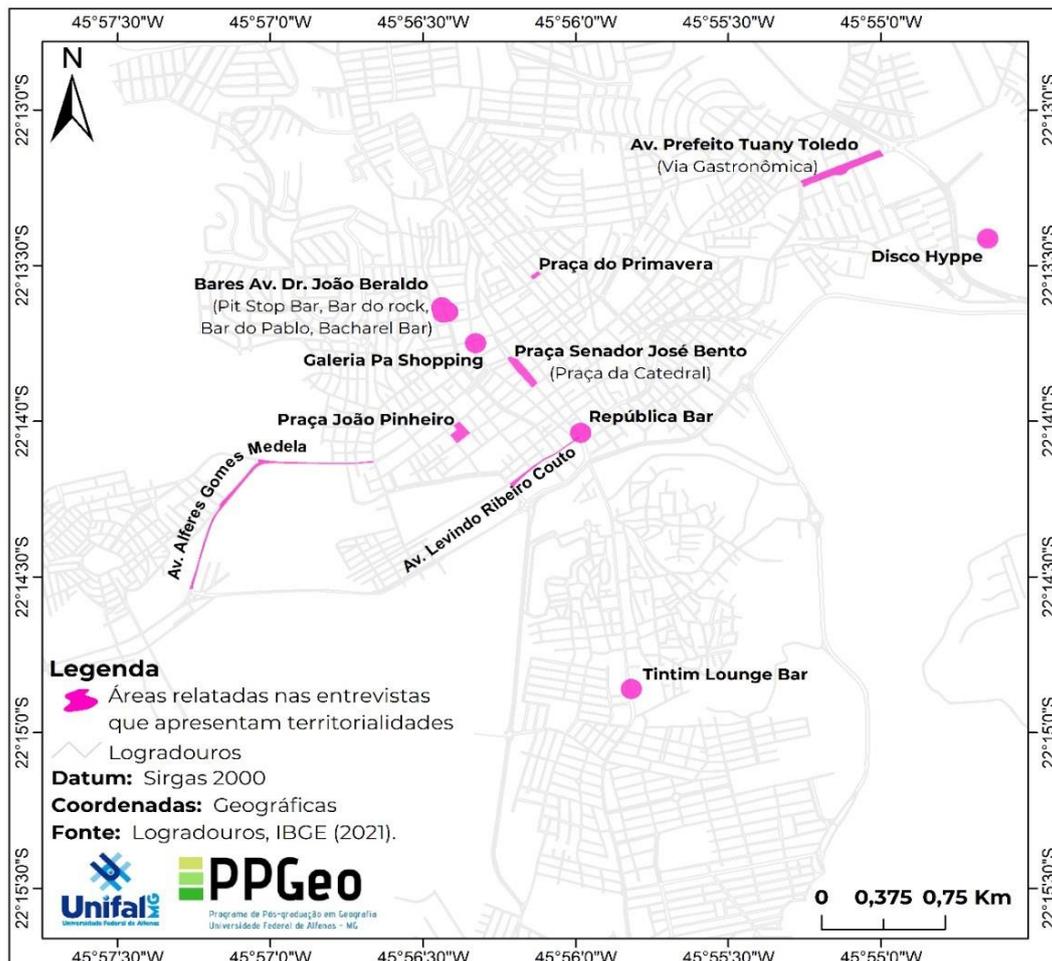


Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

O próprio espaço e o território possuem suas contradições, e é por esse motivo que os conflitos do dia e noite, são gerados e determinam a territorialidade desses indivíduos LGBTQIA+. Conforme mostra a figura 34, em comparação com a figura 33, algumas dessas territorialidades, aparecem tanto no mapa de acolhimento como o de medo/ insegurança. Em exemplo, a Av. Governador Valadares, a quadra da chapa, os bares da Vila Teixeira, mostrando de certa forma, o caráter conflituoso dessas territorialidades no quesito dia e noite.

Pensando no contexto de Pouso Alegre, foi possível identificar alguns pontos que também serão classificados da mesma forma que ocorreu com as figuras 35, 36 e 37

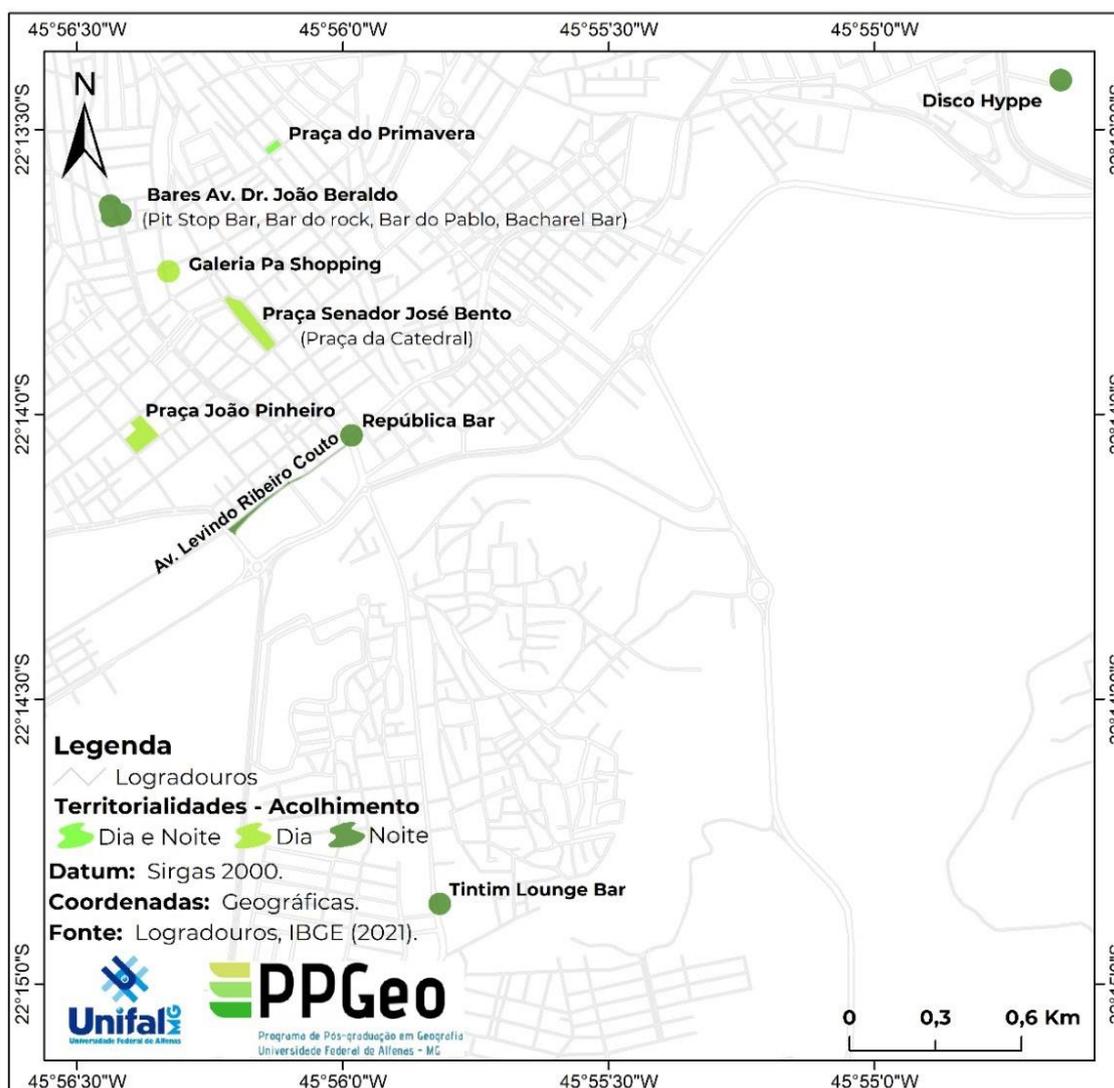
Figura 35 - Total das territorialidades relatadas pelos indivíduos LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023



Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

A figura 35 nos mostra todas as territorialidades que foi possível identificar pelo que foi relatado pelos entrevistados. Em maneira geral, algumas características se apresentam no mapa de ambas as cidades, boa parte das territorialidades LGBTQIA+, acabam sendo bares e praças, além de sua própria casa. Muitas vezes, isso ocorre pela falta de opção ou similaridade com uma localidade específica.

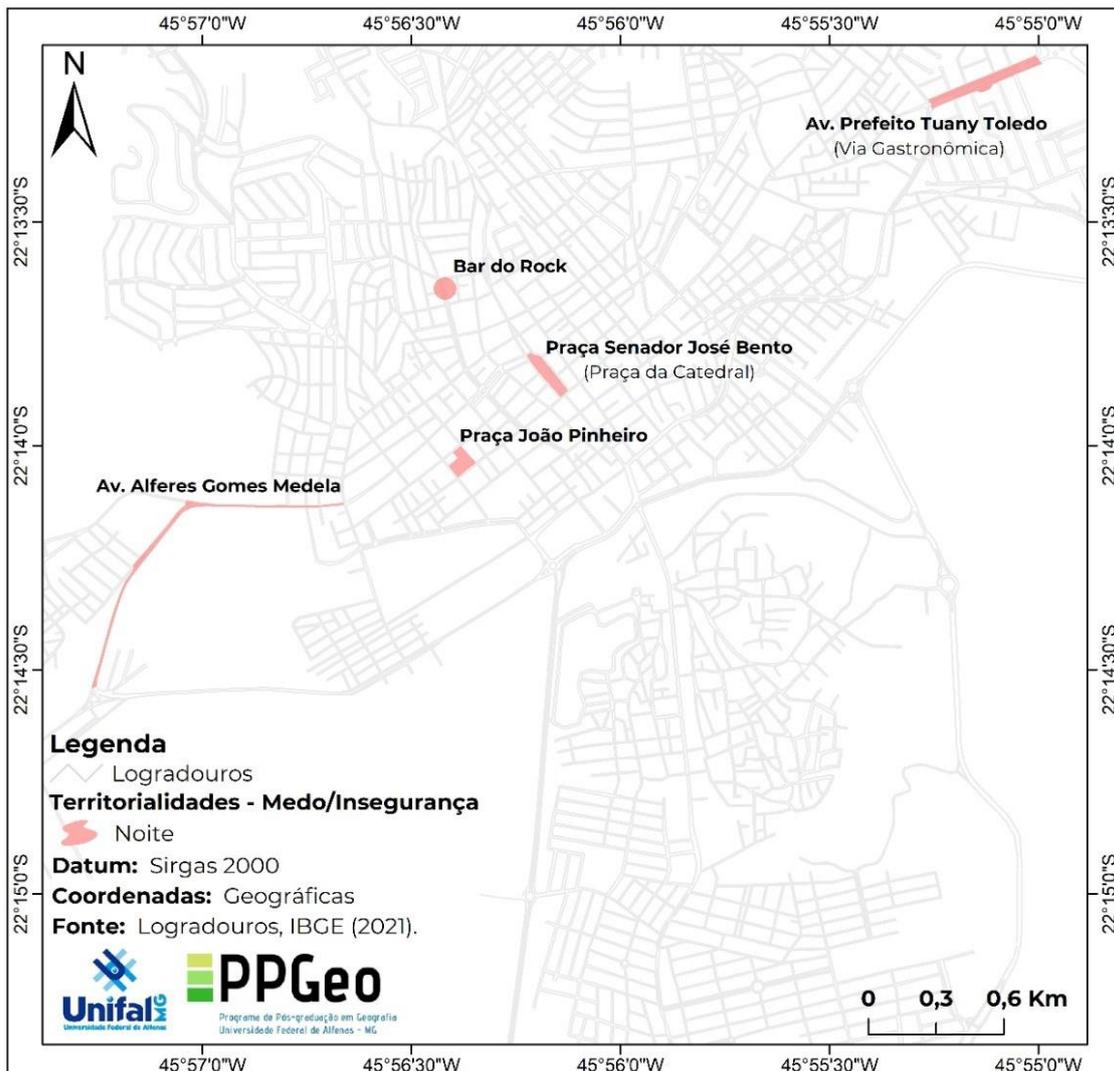
Figura 36 - Territorialidades de Acolhimento LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023.



Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

A figura 36 nos apresenta as territorialidades que possuem a característica de ser uma localidade de acolhimento para os indivíduos LGBTQIA+. Algumas das territorialidades mencionadas, possui a característica de ser de acolhimento durante o dia, como a Galeria PA Shopping, algumas praças e a Av. Levindo Ribeiro Couto que como mencionado pelos entrevistados, é um ponto de prostituição de mulheres transsexuais. Durante a noite, alguns bares possui característica de ser de acolhimento, possuindo conflitos conforme mostra a figura 37.

Figura 37 - Territorialidades do Medo/Insegurança em Pouso Alegre, 2023



Autor: Gustavo Marinho, Antônio Ananias, 2023.

Relacionando com a figura 36, podemos perceber que o Bar do Rock, aparece em ambos os mapas sendo de acolhimento durante a noite também de medo/insegurança no período noturno. Nessa análise, podemos perceber as conflitualidades que são geradas a partir das territorialidades. O Bar do Rock aparece em ambas as territorialidades, porque foi mencionado no relato das entrevistas, casos de LGBTQIAfobia no local, porém, sendo uma territorialidade que possui como característica, uma forte ocupação de indivíduos da comunidade LGBTQIA+, num processo de resistência que culmina a territorialidade.

Além dos mapas, como proposto na metodologia, foi criado um quadro matriz onde foi mencionado alguns lugares – como ônibus, terminal de ônibus,

carros de aplicativos, escola, faculdade, academia, casa, trabalho, praças, entre outros – e os indivíduos possuíam algumas opções: muito inseguro, pouco inseguro, neutro, pouco seguro, muito seguro, não está inserido. Com os dados obtidos através do questionário, foi elaborado nuvens de palavras de ambas as cidades com os lugares mais seguros e menos inseguros, com base no que foi respondido pelos entrevistados.

Figura 38 - Nuvem de palavras dos lugares seguros para a comunidade LGBTQIA+ em Alfenas, 2023



Autor: Antônio Ananias, 2023.

Conforme mostra a figura 38, com base no que foi respondido pelos entrevistados seguindo as diretrizes do quadro matriz (quadro 2), os lugares seguros que mais apareceram foram as universidades, as festas universitárias, a Parada LGTBQIA+ de Alfenas, suas próprias casas, o local de trabalho, supermercado, academia, entre outros lugares como foram relatados nos tópicos anteriores.

Em relação aos lugares mais inseguros, foi possível identificar alguns pontos, conforme mostra a figura 39:

Figura 40 - Nuvem de palavras dos lugares seguros para a comunidade LGBTQIA+ em Pouso Alegre, 2023



Autor: Antônio Ananias, 2023.

Podemos perceber através da nuvem de palavras que os ambientes noturnos, como bares e boates (Disco Hype e Tim Tim Bar), tornou-se uma territorialidade segura, em que 100% dos entrevistados, relataram que se sentem seguros nesses lugares. Além disso, o trabalho, a casa, as praças, shoppings, faculdades, também foi constatado através do quadro matriz, que são lugares onde as pessoas LGBTQIA+ entrevistadas se sentem seguras. Em relação aos lugares inseguros, podemos perceber certa semelhança nos entrevistados de Alfenas, conforme a figura 41:

Figura 41 - Nuvem de palavras dos lugares inseguros para a comunidade LGBTQIA+ em Alfenas, 2023



Autor: Antônio Ananias, 2023.

Conforme apresenta a Figura 41, os lugares inseguros que foram relatados pelos entrevistados da comunidade LGBTQIA+ em Pouso Alegre foram os táxis de aplicativos, avenidas, ruas, ônibus, terminais de ônibus e templos religiosos.

Tais dados foram coletados de forma quantitativa, analisando a quantidade de pessoas que selecionaram tais lugares como seguros ou inseguros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões sobre a geografia como ferramenta de análise espacial e cultural, especialmente no contexto LGBTQIA+, emerge a compreensão de que as territorialidades dessa comunidade desafiam modelos estruturais heteronormativos predominantes na sociedade. A percepção de que os espaços são construídos e apropriados de maneira única por esse grupo proporciona uma visão mais profunda sobre as motivações que conduzem a ocupação desses espaços e territórios, assim como as interações que se desenrolam no campo imaterial, material e nas estruturas da sociedade.

No campo imaterial, os espaços concebidos pelos indivíduos LGBTQIA+ revelam-se como arenas de lutas, anseios e ideias. Diversos processos sociais, muitos deles passíveis de representação geográfica – como os mapas – caracterizam e organizam a sociedade nas estruturas do modelo hegemônico. A compreensão das territorialidades produzidas por corpos LGBTQIA+ sugere uma visão de conflitos desses processos, uma vez que a produção do espaço por esses corpos difere dos corpos heteronormativos.

Entender os corpos LGBTQIA+ na perspectiva da imaterialidade é compreendê-los sob a perspectiva política demarcada por forças hegemônicas, que se manifestam em corpos oprimidos. Analisar a sexualidade sob a ótica geográfica visa contribuir para a compreensão dessas relações projetadas no espaço, no território e nas territorialidades.

Podemos relacionar algumas características de semelhanças e diferenças entre as duas cidades. Como foi descrito, Alfenas é uma cidade universitária onde as territorialidades LGBTQIA+ possui certo vínculo com as universidades da cidade. As festas universitárias e as próprias faculdades, são as principais territorialidades descritas pelos entrevistados. Em relação a Pouso Alegre, podemos perceber que as territorialidades LGBTQIA+ são concentradas em bares e boates voltadas para o público LGBTQIA+, que não possui em Alfenas.

Uma outra diferença é que apesar de Pouso Alegre ser maior em questão de habitantes, Alfenas possui estruturas sólidas que compreendem a comunidade LGBTQIA+ como o caso do MGA e da Parada do Orgulho

LGBTQIA+. O que podemos perceber, é que ainda existe uma certa carência de movimentos sociais e políticas públicas que competem a comunidade LGBTQIA+ em Pouso Alegre em relação a Alfenas, por não possuir um movimento LGBTQIA+ sólido e também pelo fato de não existir Parada do Orgulho LGBTQIA+ na cidade.

Uma outra característica importante de se mencionar é que ambas as cidades médias ainda possuem relações muito fortes com o conservadorismo. Pode ser percebido através das entrevistas pela falta de lugares específicos para essa população, o que muitas vezes geram conflitos que são baseados nas estruturas conservadores, machistas e patriarcais, que marginalizam essa população. Nesse processo conflituoso, a comunidade LGBTQIA+ se territorializa nos espaços, porém, muitas vezes, enfrentando as dificuldades de se instalar em lugares onde há uma presença muito forte de elementos do conservadorismo.

A violência de gênero e sexualidade ainda é muito presente em ambas as cidades, como foi relatado pelos entrevistados. No contexto atual, podemos perceber que muitas vezes a violência e o preconceito ocorre de forma mascarada, sutil e as vezes, imperceptível. A própria violência e o preconceito vão se modificando para se manterem presentes nas estruturas, alimentando muitas vezes estruturas maiores dentro do campo político, afetando o dia a dia da população LGBTQIA+. O que podemos perceber, é que muitas vezes, essas violências e preconceitos acabam não sendo relatados e denunciados, pelo mesmo fato de que as estruturas da sociedade facilitam essa desigualdade em relação ao modelo heteronormativo.

Diante das diversas análises realizadas sobre a cidade de Alfenas e Pouso Alegre, torna-se evidente a complexidade das dinâmicas territoriais e sociais que permeiam a vivência da comunidade LGBTQIA+. Em síntese, a realidade nos revela os desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIA+ em ambas as cidades. A reflexão sobre as realidades aqui relatadas, oferece uma base para a construção de estratégias que promovam a visibilidade, a aceitação, e o respeito à diversidade.

A jornada rumo a inclusão exige não apenas a superação de desafios imediatos, mas também o cultivo de ambientes sociais que sejam de acolhimento

a comunidade LGBTQIA+, possibilitando assim, que cada indivíduo, independente da sua orientação sexual ou identidade de gênero, viva plenamente nos espaços e com dignidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Flamarion Dutra. Considerações sobre métodos e técnicas em geografia humana. **Dialogus**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p.227-293, 2008.

Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, v. 17, 2023

ARROYO, G. M. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007

ATKINSON, R. FLINT, J. Accessing Hidden and Hard-to-Reach Populations: **Snowball Research Strategies**. University of Surrey, Guildford GU7 5XH, England 2001.

AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João. As geografias culturais do corpo. *In*: AZEVEDO, Ana Francisca; PIMENTA, José Ramiro; SARMENTO, João (Orgs.) **Geografias do corpo: ensaios de geografia cultural**. Porto: Livraria Figueirinhas, 2009. P.11-30

BRASIL. Congresso Nacional. 2019. **Projeto de Lei Nº 672 de 2019. Altera a Lei 7.716/89 para incluir na referida legislação os crimes de discriminação ou preconceito de orientação sexual e/ou identidade de gênero**. Disponível em: <https://acesse.dev/Urxzm>. Acesso em: 2023.

BRASIL. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm. Acesso em 03 maio. 2023

BUTLER, J. Gender trouble: feminism and the Subversion of Identity. **Routledge**. 1990

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York. 1990

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia** – Ano 1 – No2 – 1999.

CORREA, L, R.; CASTRO, I.; GOMES, P. **Geografia: Conceitos e Temas**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

CORRÊA, R.L; ROSENDHAL, Z. (Orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. v.1. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1995.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. p.219-237. *In*: LOBATO, C, R. **Geografia Cultural: uma antologia**. RJL EDUERJ, 2012.

COSTA, B. P. Espaço social, cultura e território: o processo de microterritorialização homoerótica. **Espaço & Cultura**, UERJ, RJ, n. 27, p. 25-

37, JAN./JUN. DE 2010.

COSTA, B. P. Perspectivas relacionais em geografias culturais e em estudos sobre as microterritorialidades das homossexualidades. **Geograficidade** | v.10, n. Especial, Outono 2020. ISSN 2238-0205

DISQUE 100. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/denunciar-violacao-de-direitos-humanos> acesso em: 10 out. 2022.

ESKRIDGE, W. N., J. A history of same-sex marriage. **Virginia Law Review**, v.79, n.7, p. 1419-1513. 1993.

FOCAULT, M. A história da sexualidade: o cuidado de si. Vol 3. **Edição Graal**, 1984

FOCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. **Edição Vozes**, 1975.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: **Bertrand Brasil**, 2009.

HAESBAERT, R. Território e Descolonialidade. Sobre o giro (multi)territorial/de(s)colonial na América Latina. **CLACSO** ; Niterói : Programa de Pós-Graduação em Geografia ; Universidade Federal Fluminense, 2021.

HAESBAERT, R. Território e Multiterritorialidade. Um debate. **GEOgraphia**. Ano IX, n. 17, p.19-46, 2007.

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. **Revista espaço, tempo e crítica**. n.2 (4), vol. 1, 15 de agosto de 2007.

HOMOFOBIA MATA – GGB. Disponível em: <https://homofobiamata.wordpress.com/> Acesso em: 10/10/2022.

LIMA, T.C.S DE; MIOTO, R.C.T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico**: a pesquisa bibliográfica. Katál, Florianópolis, v.10, 2007.

LINDÓN, A. 2012. Corporalidades, emociones y espacialidades: hacia un renovado betweeness. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção** v. 11, n. 33, p. 698-723.

LOPES, M. Estudos de gênero na geografia: uma análise feminista da produção do espaço, Rio de Janeiro: **Periódico Espaço e Cultura**, 2015.

LYOTARD, J, F. A condição pós-moderna. **Editora 34**. 2000

MARAFON, Glaucio José, et al. (org.). Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: **Eduerj**, 2013.

MARGARIDA, I. O gênero em Geografia: introdução ao novo tema. **Finisterra Revista Portuguesa de Geografia**. vol. 25 n.º 50, Lisboa, 1990.

MARLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo, Brasil. Éditions Gailimard, 1945

MASSEY, D. Pensamentos Itinerantes. **Terra Livre**, São Paulo, ano 22, v. 2, n. 27, p. 93 – 100, jul./dez. 2006.

MASSEY, D. **For Space**. SAGE publications, 2005.

MATOS, B. R.; RIBEIRO, A. C. M. Territórios da prostituição nos espaços públicos da área central do Rio de Janeiro. Vol. 15 N°1 – Jan/Dez. 1995

MCDOWELL, L. Doing Gender: Feminism, feminists and research methods in human geog-raphy. **Transaction on the Institute of British Geographers**, 1992, vol. 17, n° 4, p. 399-416

MONDARO, L. Marcos. O corpo enquanto “primeiro” território de dominação: o biopoder e a sociedade de controle. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. UFGD, 2009

ORNAT, M. Sobre espaço, gênero, sexualidade e geografia feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul./dez., 2008

PEQUENO, V, D, S. Corpo: uma categoria útil para a Geografia? **Boletim Alfenense de Geografia. Alfenas**. v. 3, n.5, p. 18-41, 2023. ISSN: 2764-1422. DOI: <https://doi.org/10.29327/243949.3.5-2>

PEREIRA, E. **Resistência descolonial: estratégias e táticas territoriais**. UFPA - Campus Cametá, 2017.

PESSÔA, V, L, S. Geografia e pesquisa qualitativa: um olhar sobre o processo investigativo. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro. 23, v. 1, 2012.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROSA, M.; MARINHO, M; CARNEIRO, J. As contribuições do estudo de gênero e sexualidade para a geografia. **VI Congresso Nacional de Educação**, 2008

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

SILVA, M. J. Ensino de Geografia: novos temas para Geografia escolar. Rio de janeiro: **Consequência**, 2014. p.127.

SILVA, M. J. **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SINAN – Disponível em: <https://portalsinan.saude.gov.br/>>. acesso em: 10 oct. 2022.

SOUZA, L, M. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2015.

STELKO-PEREIRA, C. A.; WILLIAMS, A. C. L. Reflexões sobre o conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente. **Temas em Psicologia** - 2010, v. 18, n. 1, 45 – 55

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes, e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNIFAL-MG. **A identidade sul-mineira**. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/aidentidadesulmineira/> Acesso em: 10 junho. 2023.

VALENTINE, G. (Hetero)sexing space: lesbian perceptions and experiences of everyday spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, 1993, v. 11, p. 395-413.

VOGT, W. P. **Dictionary of Statistics and Methodology: A Nontechnical Guide for the Social Sciences**. London: Sage, 1999.